

Projetos inspiradores na Educação Básica



**Publicação – Iniciativas Finalistas
do Edital #EntreNoClima**

Iniciativa:



Parceria institucional e de implementação:



Parceria estratégica:





APRESENTAÇÃO

MOBILIZAR, RECONHECER E INSPIRAR

A escola tem um papel central na adaptação e mitigação à crise climática e na reconexão de bebês, crianças e adolescentes com a natureza. Para tanto, precisa transformar seus espaços, currículos e práticas pedagógicas, incluindo a natureza como elemento educador. A partir desse e de outros pressupostos, o UNICEF fomenta o fortalecimento de uma Educação Baseada na Natureza (EBN) e convida professores(as) e profissionais de gestão das unidades educacionais e das secretarias a serem parte ativa do enfrentamento às crises climáticas.

Essa concepção reconhece que o contato cotidiano com o ambiente natural desperta a curiosidade, amplia os sentidos, fortalece o pensamento crítico e promove vínculos afetivos que sustentam o cuidado com o planeta. Aprender com, na e sobre a natureza é compreender que o corpo, o território e os ciclos da vida são dimensões legítimas do processo educativo, fundamentais para o desenvolvimento integral - físico, emocional, social, cognitivo e cultural - de bebês, crianças e adolescentes.

A EBN também se fundamenta em pressupostos como o protagonismo de bebês, crianças e adolescentes, a valorização da diversidade e dos saberes dos territórios, o contato direto com a natureza, a ampliação dos espaços de aprendizagem, a interdisciplinaridade e o compromisso com uma educação climática crítica e transformadora.

Para pautar temas como mudanças climáticas, eficiência energética, gestão de resíduos sólidos e água, e mobilizar e inspirar o desenvolvimento de práticas pedagógicas que integrem o contato com a natureza e a educação climática no cotidiano das escolas e que fortaleça o papel comunitário na construção de territórios mais sustentáveis e resilientes, o UNICEF lançou o edital #EntreNoClima: Educação Baseada na Natureza, com apoio da Neoenergia, por meio dos Programas de Eficiência Energética das distribuidoras Neoenergia Brasília, Neoenergia Coelba, Neoenergia Pernambuco e Neoenergia Cosern, regulados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), e com a parceria institucional e de implementação do Instituto Alana.

A iniciativa foi aberta a escolas públicas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental de Salvador, do Distrito Federal, de Recife e do Rio Grande do Norte, e promoveu o reconhecimento de 36 iniciativas inspiradoras. Dentre essas, 12 foram premiadas com o fornecimento de sistemas solares fotovoltaicos e com a exposição das práticas em um evento presencial promovido pelo UNICEF e seus parceiros.

As 149 experiências inscritas no edital demonstram a capacidade de adaptação, a criatividade, a resiliência e o potencial mobilizador das escolas ao concretizar propostas capazes de articular todas essas temáticas e fortalecer o vínculo das crianças e adolescentes com a natureza. As equipes pedagógicas exploraram outros espaços e novas estratégias de aprendizagem, possibilitando a ampliação de vivências que contribuem para o desenvolvimento de diferentes competências e habilidades de cada participante.

Esta publicação reúne os textos completos das 36 propostas pedagógicas finalistas, que mais do que projetos sobre educação ambiental, evidenciam experiências de adaptação climática já incorporadas à rotina escolar. As iniciativas expressam, de diferentes formas, os pressupostos da Educação Baseada na Natureza, que foram traduzidos nos critérios de avaliação do edital. Demonstram diferentes formas de promover, com intencionalidade, o envolvimento de bebês, crianças, adolescentes, comunidade escolar e famílias em ações que fortalecem a relação com a natureza e ampliam a consciência de responsabilidade com o ambiente e com o clima.

Que esta leitura inspire o fortalecimento dessas práticas pedagógicas e o surgimento de novas iniciativas, expandindo as redes que já atuam de forma significativa no enfrentamento da crise climática e na promoção de uma educação conectada com a natureza, que ensina por meio da experiência direta, do brincar e da convivência, ampliando as oportunidades de aprendizagens significativas.

DISTRITO FEDERAL

01. BIOMONITORAMENTO DOS CÓRREGOS DA ARIE GRANJA DO IPÊ UTILIZANDO MACROINVERTEBRADOS BENTÔNICOS	06
02. GINCANA DA SUSTENTABILIDADE	09
03. ÁGUA PARA SABER, SABER PARA ÁGUA TER: UM MANUAL PRÁTICO SOBRE PRESERVAÇÃO HÍDRICA	11
04. ESCOLA CLASSE PARANÁ: UMA ESCOLA SUSTENTÁVEL	13
05. ÁGUAS DE BRASÍLIA	16
06. DO SOLO À SUSTENTABILIDADE: BENEFÍCIOS DO GEL BIODEGRADÁVEL PARA A AGRICULTURA DE BRAZLÂNDIA	18
07. ÁGUA: DE CONTAMINADA A POTÁVEL COM A ENERGIA SOLAR	21
08. NA TRILHA DO CÓRREGO: UM OLHAR AMBIENTAL E EDUCATIVO ÀS MARGENS DO RIACHO FUNDO	24
09. EC12 COMO ECOSSISTEMA SUSTENTÁVEL: EDUCAÇÃO CLIMÁTICA, AGROFLORESTA E ENERGIAS RENOVÁVEIS NA CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA PÚBLICA AUTOSSUSTENTÁVEL	27

RECIFE

10. RECIFE: CIDADE DO MANGUE	30
11. PLANTAR O AMOR, SEMEAR ALEGRIA E COLHER O FUTURO	32
12. CORES E SABORES DA ALDEIA: EXPERIÊNCIAS COM A NATUREZA E EDUCAÇÃO CLIMÁTICA NA PRIMEIRA INFÂNCIA	34
13. RECIFE ALERTA	36
14. RAÍZES E DESCOBERTAS: CHEIRO, CORES E TEXTURAS DO NOSSO QUINTAL!	39
15. RAÍZES NO AR, SABERES NA TERRA: HORTAS SUSPENSAS COMO ESTRATÉGIA SUSTENTÁVEL E CRIATIVA DE APRENDIZAGEM	41
16. “ESSE SUCO É DE QUÊ?” UMA INVESTIGAÇÃO DAS CRIANÇAS SOBRE FRUTAS, SABORES E SEMENTES	43
17. BIOESCOLA 360°: A CIÊNCIA QUE NASCE DO SOLO E TRANSFORMA A COMUNIDADE	46
18. QUE HORTA! CULTIVANDO SABERES E SEMEANDO HISTÓRIAS	49

RIO GRANDE DO NORTE

19. SAÚDE AMBIENTAL: IMPACTOS DOS AGROTÓXICOS E ALTERNATIVAS SUSTENTÁVEIS	52
20. POMAR ESCOLAR E ESPAÇO DE PLANTAS NATIVAS NO CAIC – ABOLIÇÃO IV	55
21. RIO APODI: LAÇOS QUE CONECTAM, HISTÓRIAS QUE FLUEM	58
22. MAPA DO LIXO – RUA DA PALHA	60
23. ALAGAMENTO: PROBLEMÁTICA DO LIXO NAS RUAS	63
24. A VEGETAÇÃO DO NORDESTE E AS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA	65
25. CONCRETIZANDO SABERES: A HORTA SUSTENTÁVEL COMO ESTRATÉGIA DE DESEMPAREDAMENTO	67
26. VELAS QUE ILUMINAM	70
27. SOLO FORTE, MÃE SEGURA	73

SALVADOR

28. EDUCAÇÃO INTEGRAL EM MOVIMENTO: O PARQUE NATURALIZADO	75
29. GOTA DE FUTURO: A JORNADA DA ÁGUA E DO VERDE	77
30. CRIANÇA E NATUREZA: PROMOVENDO UMA INFÂNCIA AMIGA DO PLANETA	79
31. QUEM SOU EU BRINCANDO NO CHÃO DE SALVADOR?	82
32. TEMPO, TEMPO, TEMPO: HISTÓRIAS QUE NOS FORMAM, CICLOS QUE NOS TRANSFORMAM!	85
33. GUARDIÕES MIRINS DO CLIMA	88
34. EDUCAÇÃO É NATUREZA: CONHECER PARA SER, VIVER E AGIR MELHOR!	91
35. HORTA: O QUINTAL DOS SENTIDOS	93
36. MINI COP 30	96

Biomonitoramento dos Córregos da ARIE Granja do Ipê Utilizando Macroinvertebrados Bentônicos

CED Agrourbano Ipê Riacho Fundo - Brasília (DF)
Anos Finais do Ensino Fundamental



CIÊNCIA EM CAMPO: A ÁGUA AINDA ESTÁ LIMPA?

O projeto nasceu com o propósito de descobrir a qualidade da água dos córregos Capão Preto e Ipê, na ARIE Granja do Ipê, na Bacia do Lago Paranoá, e de aproximar os(as) estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental das questões ambientais presentes em seu próprio território: um lugar marcado por ocupações urbanas, áreas degradadas e transformações na paisagem local.

A proposta foi construída em conjunto com os(as) estudantes. Eles(as) não foram apenas observadores(as), mas protagonistas de todas as etapas do processo. Em assembleia, participaram da definição dos seis transectos de monitoramento e apresentaram argumentos para a escolha dos locais de coleta, como: “Temos que coletar perto da ocupação para ver se o esgoto está matando os bichos, e lá no meio da mata para comparar.”

Assim, os seis transectos, faixas delimitadas de terrenos usadas para coletar amostras, foram posicionados em pontos diferentes (alguns perto da ocupação urbana, outros no meio da mata), justamente para comparar a qualidade da água em situações distintas.

A memória dos(as) moradores(as) também contribui para a investigação, uma vez que rodas de conversa contribuíram para o diagnóstico inicial, ajudando a mapear nascentes desaparecidas e mudanças dos córregos ao longo das últimas décadas. Um senhor da comunidade, por exemplo, lembrou que “ali onde hoje tem barro seco, há 20 anos tirava água para beber”.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O primeiro movimento da proposta pedagógica foi fazer a leitura do território. Os(as) estudantes realizaram caminhadas pelos córregos, onde identificaram áreas degradadas, processos erosivos e trechos de mata ciliar preservados, que é a vegetação que cresce nas margens de rios, córregos e nascentes. Utilizando GPS e dados do MapBiomas também ajudaram na construção de mapas georreferenciados que permitiram relacionar a qualidade da água às formas de ocupação do solo.

Na etapa de biomonitoramento, os(as) estudantes receberam formação sobre bioindicadores, que é o uso de seres vivos como indicadores da saúde de um ambiente, e aprenderam a utilizar protocolos científicos para coleta e identificação de macroinvertebrados bentônicos (pequenos animais invertebrados visíveis a olho nu que vivem no fundo de rios e córregos). Com peneiras, bandejas e lupas, eles(as) entraram nos córregos para coletar organismos presentes no leito e nas margens, que foram devidamente observados, registrados e classificados.

Para a surpresa geral, organismos muito sensíveis à poluição e considerados indicadores de água limpa apareceram durante o processo. O resultado do índice biótico (BMWP'), usado para medir a qualidade ambiental do córrego, chegou a 60 pontos, indicando ótima qualidade da água, fazendo um aluno anunciar: "Achei três larvas de ephemeroptera! A água é excelente, porque elas são muito sensíveis à poluição".

Para ajudar os(as) estudantes a entenderem melhor os impactos das mudanças climáticas, o professor também utilizou a Caixa de Areia Inteligente (CAI), uma ferramenta que simula relevo, erosão, chuvas e fluxo da água. Nas atividades, eles(as) puderam visualizar como a mata ciliar ajuda a proteger os córregos das enchentes e como o desmatamento acelera a erosão e o assoreamento ocasionando danos ambientais.

Ao longo das ações, os(as) estudantes também realizaram o plantio de espécies nativas do Cerrado em Áreas de Preservação Permanente (APPs), construíram barreiras vivas com galhadas e atuaram na proteção de nascentes identificadas pelos(as) moradores(as) mais antigos da comunidade.

Por fim, os(as) próprios(as) estudantes organizaram os resultados da pesquisa, produziram artigos, preencheram diários de campo e criaram uma versão ilustrada e mais acessível do índice BMWP', usando cores para facilitar a compreensão da comunidade.

Tudo isso culminou em uma feira científica aberta ao público, na qual moradores(as) puderam observar os organismos coletados com lupas e aprender a observar a saúde do córrego a partir da vida presente na água. Os materiais expositivos incluíram textos curtos, ilustrações grandes e QR codes com vídeos em libras, garantindo acessibilidade a diferentes públicos.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Um dos aspectos mais marcantes da experiência foi a forma como a aprendizagem aconteceu em contato direto com a natureza. Os(as) estudantes entraram nos córregos, caminharam sobre pedras, observaram o fundo dos cursos d'água, reviraram sedimentos e acompanharam de perto os organismos encontrados. Um aluno observou: "No fundo da pedra, achei larva de libélula. No fundo de lama, só achei verme."

Ao observar diretamente os organismos, os(as) alunos(as) compreenderam conceitos que antes poderiam parecer abstratos. Observaram larvas de tricópteros construindo seus casulos, identificaram efemerópteros e compreenderam a relação entre biodiversidade e qualidade da água. Um aluno chegou a dizer: "Nunca aprendi tanto dentro da sala. Aqui, eu sinto a água, vejo os bichos, escuto o rio. Isso não sai mais da minha cabeça."

O brincar também esteve presente na experiência. A coleta foi transformada em uma espécie de "Caça ao Tesouro Ecológica", com cartas-missão, pontuações (larva de libélula = 10 pontos, verme = 1 ponto) e desafios relacionados à busca por determinados organismos. A turma com mais organismos sensíveis (EPT) foi declarada "Esquadrão da Água Limpa". Todos os macroinvertebrados foram devolvidos vivos ao córrego, e antes de soltar, cada estudante disse: "Volta pra sua casa, obrigado por nos mostrar que sua água ainda está limpa".

Além disso, alunos(as) moradores(as) de áreas rurais ensinaram os(as) colegas a identificar espécies nativas do Cerrado pelos nomes populares e a andar no leito do rio sem escorregar, valorizando o saber da experiência vivida como conhecimento legítimo ao lado da ciência.



O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

O impacto do projeto já é concreto: os(as) estudantes ministraram oficinas de biomonitoramento para turmas de outras duas escolas da região, e três escolas vizinhas manifestaram interesse e agendaram assessoria com os(as) próprios(as) alunos(as). Também foi criado um manual ilustrado de bolso, pensado para ajudar outras escolas a transformar córregos, nascentes e lagoas em espaços de aprendizagem e investigação científica.

Ao longo do projeto, os(as) estudantes descobriram que também podem fazer ciência, interpretar o território onde vivem e compartilhar conhecimento com a própria comunidade. Também identificaram e valorizaram o Cerrado existente ali, no córrego perto da escola, e compreenderam que a crise climática nem sempre aparece em grandes catástrofes, mas no desaparecimento de nascentes e na poluição dos córregos de cada região. “Nosso córrego ainda é saudável, mas temos que agir rápido para ele não morrer como o outro lá da rua de baixo”, afirmou um estudante.

PROFISSIONAL ENVOLVIDO

Jayro Santos de Lana (proponente)



Gincana da Sustentabilidade

Projeto Integral de Vida - Pró-Vida/ Brasília (DF)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)



GINCANA UNE A COMUNIDADE EM FAVOR DO TERRITÓRIO

O Córrego Estiva, na zona rural do Distrito Federal, já foi um espaço de lazer e convivência para a comunidade local, que pescava, nadava e passava o tempo em suas margens. Nos últimos anos, porém, o descarte irregular de resíduos no local passou a comprometer a paisagem e a qualidade da água. Foi essa realidade, vivida diariamente pelas crianças do Centro de Educação Infantil Pró-Vida, que inspirou a criação da Gincana da Sustentabilidade.

A ideia era fazer com que as crianças aprendessem sobre cuidado, sustentabilidade e mudanças climáticas a partir do lugar onde vivem, mostrando que o problema representa não apenas uma perda concreta para a comunidade, mas um sinal visível das consequências do descarte irregular no ambiente.

Por se tratar de uma questão que afeta toda a comunidade, a gincana possibilitou ainda mobilizar a comunidade, incentivar a participação das famílias e criar um espírito coletivo em torno do cuidado com o ambiente.

O projeto iniciou com rodas de conversa nas primeiras semanas e teve, no meio do semestre, a visita ao Córrego Estiva como ponto de virada.

O contexto da própria escola ajudou a fortalecer ainda mais a proposta. O Pró-Vida funciona com energia 100% solar, mantém uma horta pedagógica, onde os resíduos orgânicos viraram adubo, e realiza a separação de resíduos em todas as salas, além de ter a preservação do Córrego Estiva como pauta educativa permanente.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

A gincana foi escolhida como metodologia por ser lúdica, participativa e capaz de mobilizar não apenas as crianças, mas também suas famílias no processo de coleta e destinação correta dos materiais recicláveis.

O projeto aconteceu ao longo de todo um semestre e começou com conversas sobre o córrego, de como ele era antigamente, o que mudou ao longo do tempo, para depois convidar as crianças a observarem de perto a situação atual do local.

Ver o lixo acumulado nas margens, sentir o cheiro da água e observar o estado do córrego tornou o problema muito mais concreto para elas.

Depois dessa primeira aproximação, as próprias crianças passaram a participar das decisões da gincana. Elas ajudaram a definir o que seria coletado, como os materiais seriam organizados e onde ficariam armazenados na escola.

A cada semana, as turmas acompanhavam juntas o volume arrecadado, comemoravam

os avanços e incentivavam umas às outras. A literatura infantil também teve papel importante no processo: por meio de narrativas sobre cuidado com o planeta, a natureza deixou de ser apenas cenário e passou a ganhar voz e importância no imaginário das crianças.

As famílias rapidamente se envolveram na proposta. Em casa, passaram a separar latinhas, garrafas e tampinhas com os(as) filhos(as), e muitas acabaram mobilizando vizinhos(as) e parentes para colaborar também. Os materiais recicláveis foram vendidos para cooperativas, e o dinheiro arrecadado teve um destino decidido coletivamente, com participação das próprias crianças, que optaram por um passeio ao cinema, o que culminou em uma celebração do esforço compartilhado entre escola e comunidade.

Além de somar a atividades já presentes na escola, a iniciativa se articulou com os projetos de sustentabilidade presentes no calendário anual da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, garantindo que a gincana integrasse a agenda educativa mais ampla da rede pública do DF, e não fosse uma ação pontual e isolada.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

A comunidade do Pró-Vida é formada, em grande parte, por trabalhadores(as) rurais, famílias em situação de vulnerabilidade e pessoas vindas de diferentes regiões do país. Por isso, a escola tomou um cuidado importante: garantir que ninguém precisasse gastar dinheiro para participar da gincana.

Os materiais pedidos fazem parte do cotidiano das casas, o que permitiu que todas as crianças participassem de forma igual, respeitando ritmos e necessidades diferentes. Desde sua concepção, a Gincana teve como princípio a inclusão, independentemente das condições físicas, sociais ou econômicas dos(as) aluno(as). Como a escola atende crianças com deficiência, a gincana tinha a preocupação de que essas crianças participassem das mesmas atividades que todas as outras, sem distinção. E como a coleta dos recicláveis podia ser feita em casa, com apoio da família, cada uma encontrou sua própria forma de participar.

Já a presença de famílias migrantes trouxe ainda mais riqueza para o projeto. Durante as conversas, muitas compartilharam memórias e experiências sobre rios, plantações e formas de cuidar da natureza em outros lugares do país. Essas trocas ampliaram o olhar das crianças e mostraram que a questão ambiental conecta diferentes territórios e histórias de vida.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

Um dos resultados visíveis do projeto foi o Prêmio Instituto Arapoti, recebido em abril de 2025, pelo recorde de implantação da coleta seletiva.

Mas talvez o legado mais importante tenha sido perceber a importância da escuta das crianças e o quanto conseguem incorporar novos hábitos e influenciar adultos ao redor. A escola começou a ouvir relatos de famílias dizendo que os(as) filhos(as) já não deixavam ninguém jogar lixo no lugar errado.

Aos poucos, o cuidado com o meio ambiente deixou de ser apenas tema de atividade escolar e passou a fazer parte das conversas e atitudes além dos muros da escola.

A experiência mostra que a Educação Baseada na Natureza pode começar desde a primeira infância e que, quando se conecta ao território e envolve as famílias, têm capacidade real de transformar hábitos dentro e fora da escola.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Samantha Leite Santos (proponente), professores(as), monitores(as) e coordenadora pedagógica.

Água para Saber, Saber para Água Ter: um Manual Prático sobre Preservação Hídrica

Escola Classe 04 - Sobradinho (DF)
Anos Iniciais do Ensino Fundamental



JORNADA PELA PRESERVAÇÃO HÍDRICA

O projeto Água para Saber, Saber para Água Ter: um Manual Prático sobre Preservação Hídrica é uma ação pedagógica que buscou transformar o aprendizado em algo lúdico, mesclando conhecimento, pesquisa, criatividade e imaginação para a formação de estudantes autônomos, críticos e participantes.

Dando continuidade a uma bem-sucedida experiência anterior, um trabalho sobre preservação dos biomas continentais brasileiros e vencedor da 13ª edição Circuito de Ciências-DF, duas turmas da escola foram mobilizadas para investigar um tema considerado fundamental para a vida humana: a água. O trabalho começou com a reflexão sobre questões relacionadas ao uso da água, ao saneamento, à saúde e às desigualdades sociais, além dos impactos das ações humanas sobre o meio ambiente.

O estudo de dados sobre acesso à água potável, desperdício, distribuição hídrica e qualidade de vida ampliou as discussões e contribuiu para que as crianças compreendessem a água como um direito humano, um bem coletivo e um recurso que precisa ser preservado.

Foi das crianças que partiu a ideia de transformar os conhecimentos produzidos em um jogo de tabuleiro. Segundo os(as) alunos(as), jogos e brincadeiras facilitavam a aprendizagem e tornavam as informações mais acessíveis e compreensíveis para diferentes públicos. Essa contribuição se tornou um dos pilares da iniciativa e ajudou a definir os rumos do trabalho.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O percurso metodológico foi marcado pela pesquisa, observação, experimentação e diálogo permanente entre escola, estudantes, famílias e comunidade. As ações envolveram rodas de conversa, entrevistas, pesquisas em portais virtuais, análise de gráficos, interpretação de dados e observação dos espaços escolares, das residências e dos quintais das crianças.

Diversas fontes foram utilizadas ao longo do processo, entre elas vídeos sobre captação de água, jornais, gibis, contas de água e dados de órgãos como IBGE, ONU, Adasa e CAESB, além da observação direta do território. As crianças também analisaram informações sobre o acesso à água, saneamento básico, desperdício hídrico e doenças relacionadas ao manejo inadequado do recurso, como a dengue.

O manual-tabuleiro foi construído coletivamente e passou por momentos de teste, revisão e aprimoramento antes de chegar à sua versão final: um jogo com 18 instruções sobre preservação hídrica.

Inspirado em jogos como o “Jogo da Vida”, a dinâmica usa dados de 18 faces (ou três dados), e o jogador deve explicar a instrução correspondente à carta tirada com suas próprias palavras.

A metodologia valorizou o protagonismo estudantil em todas as suas etapas. E assim os(as) alunos(as) estiveram em todas as ações: investigação, seleção de informações, elaboração das ilustrações, organização dos conteúdos e apresentação pública do projeto. Paralelamente ao tabuleiro, os(as) estudantes produziram uma exposição de desenhos científicos e artísticos sobre a fauna do Lago Paranoá e de espécies nativas do Cerrado.

Nesse percurso, as crianças trabalharam leitura, interpretação, oralidade, analisaram gráficos e dados estatísticos, e a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi garantida por meio de práticas orais, uso de teatro de imagem e de materiais como fotos, painéis e mini lousas.

As famílias confirmaram o engajamento ao relatarem que as crianças chegavam em casa compartilhando aprendizados, refletindo sobre a importância da água para as pessoas, os animais, as plantas e os ecossistemas.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Ao longo do desenvolvimento do projeto, um dos desafios identificados foi a necessidade de tornar informações científicas mais acessíveis para diferentes públicos. As discussões realizadas com as crianças evidenciaram que muitos conteúdos sobre preservação hídrica circulam em linguagem técnica, dificultando sua compreensão por parte da população.

As descobertas ocorreram em diferentes dimensões. Ao analisar dados do Painel do Saneamento Básico do IBGE, por exemplo, as crianças cruzaram dados da população sem acesso à água por região com indicadores de pobreza, percebendo que a carência hídrica é reflexo e vetor de desigualdades relacionadas à saúde, à qualidade de vida, à dignidade humana e à justiça social.

O contato com os saberes do território, que se deu por meio de entrevistas a famílias e vizinhos, ampliou ainda mais essas aprendizagens. As famílias compartilharam práticas cotidianas de reaproveitamento da água, estratégias de combate à dengue e formas de manejo hídrico presentes em suas rotinas. Esses conhecimentos passaram a integrar as discussões escolares e ajudaram a construir uma compreensão mais ampla da sustentabilidade.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

O projeto buscou desmistificar a ideia de que a produção científica pertence apenas a especialistas ou adultos, demonstrando que crianças também podem pesquisar, questionar, interpretar dados e compartilhar conhecimentos relevantes para a sociedade.

O resultado foi a premiação no 14º Circuito de Ciências do Distrito Federal, confirmando que crianças dos anos iniciais podem produzir divulgação científica acessível, em linguagem popular, sobre temas de relevância social.

Outro aspecto importante foi a valorização da divulgação científica produzida pelas próprias crianças. Ao apresentarem o projeto, os estudantes atuaram como mediadores do conhecimento, compartilhando informações, dialogando com diferentes públicos e incentivando práticas de preservação da água.

Além disso, o tabuleiro pode ser reproduzido com materiais recicláveis (papel, papelão, recortes), adaptado a qualquer tema e adaptado para ser construído por séries do Ensino Fundamental, seja em formato físico ou digital.

Em 2026, o material continua sendo utilizado por outras turmas da escola como recurso pedagógico complementar.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Vanessa de Jesus Queiroz (proponente), professora, coorientadora Laura Fernandes e gestora Viviane Salazar.



Escola Classe Paraná: uma escola sustentável

Escola Classe Paraná – Brasília (DF)
Anos Iniciais do Ensino Fundamental



O CAMINHO PARA UMA ESCOLA SUSTENTÁVEL

O projeto Escola Classe Paraná: uma Escola Sustentável vai além de uma prática pedagógica e mostra a transformação da sustentabilidade como eixo estruturante do currículo da unidade escolar localizada em Planaltina (DF), que conta com 400 estudantes de famílias majoritariamente de baixa renda.

Foram muitas as razões que levaram a escola a seguir esse caminho e todos se relacionam à necessidade de enfrentar desafios socioambientais presentes no território onde a escola está inserida, como limitações no acesso a políticas de educação ambiental e saneamento, aumento da geração de resíduos sem destinação adequada, cultura do consumo, impactos do calor extremo e outros efeitos relacionados às mudanças climáticas.

Nessa implantação, os(as) estudantes foram coautores(as) das ações. Nos espaços de conversa, compartilharam suas percepções sobre o lixo gerado na escola, no bairro e em suas casas. Foram essas trocas que permitiram identificar questões como descarte inadequado de resíduos e desperdício de materiais. Mais do que ouvir suas opiniões, a proposta buscou reconhecer as crianças como sujeitos capazes de analisar problemas, levantar hipóteses e participar da construção de soluções.

Assim, a partir das escutas, foram sendo definidos os caminhos que o projeto seguiria. Entre as propostas dos(as) estudantes apareceram a criação de pontos de coleta, campanhas de conscientização e atividades fora da sala de aula. Foram implementadas a coleta seletiva, o ecoponto e a “Passeata Pedagógica” pelo bairro.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

A iniciativa foi estruturada em etapas articuladas e complementares, combinando metodologias ativas, aprendizagem baseada em projetos, práticas colaborativas e Educação Baseada na Natureza, com forte integração entre teoria e prática, sendo desenvolvida em oito eixos ao longo do ano letivo:

- (1) Planejamento e diagnóstico (2-3 semanas): realização de reuniões com a equipe escolar, levantamento de problemas socioambientais do território, escuta da comunidade e definição do projeto que seria o eixo estruturante do currículo;
- (2) Sensibilização (2 semanas): apresentação do projeto para estudantes e famílias, rodas de conversa e identificação de problemas ambientais;
- (3) Coleta seletiva (contínua): coleta, separação, pesagem e registro de resíduos recicláveis;
- (4) Construção da casa na árvore (2-4 semanas), símbolo do projeto: escolha do local,

- planejamento e construção coletiva, com definição de usos pedagógicos;
- (5) Criação da música do projeto (2-3 semanas): criação coletiva, ensaios e gravação.
- (6) “Passeata Pedagógica” (1 semana): produção de cartazes, mobilização e ação no território com diálogo com a comunidade;
- (7) Semana de Sustentabilidade (1 semana): oficinas interdisciplinares sobre água, clima e saúde, com produção de materiais educativos;
- (8) Monitoramento (contínuo): registro das ações, análise de dados e avaliação coletiva com os estudantes.

A articulação curricular ocorreu de maneira interdisciplinar durante todo o ano: os(as) estudantes investigaram os ciclos naturais a transformação dos resíduos por meio do biodigestor, as mudanças climáticas (Ciências), realizaram pesagens, registros e análises de dados (Matemática), além de produzirem cartazes e refletirem sobre o território, o consumismo e as transformações sociais. Em Artes, exploraram a criação artística com materiais recicláveis e compuseram e gravaram a canção do projeto.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

A coleta seletiva tornou-se uma das experiências mais significativas. As crianças passaram a participar diariamente da separação, da organização e da pesagem dos resíduos, registrando dados e acompanhando os resultados alcançados. Nesse processo, assumiram o papel de multiplicadores(as), orientando colegas e familiares sobre a importância do descarte adequado. O engajamento crescente dos(as) estudantes ampliou a coleta de latas de alumínio e óleo vegetal para diferentes tipos de plásticos. No primeiro semestre, foram recolhidos cerca de 1.000 kg de plásticos, 200 litros de óleo e 200 kg de latinhas.

Ao lado do biodigestor, da coleta seletiva e da casa na árvore, a horta -já existente na escola- também integrou a iniciativa, favorecendo o contato direto com o ambiente, experiências corporais e sensoriais, especialmente com estudantes com deficiência, além de contribuir para a compreensão prática do clima e para a valorização de soluções baseadas na natureza. Ajudou a transformar os espaços em ambientes vivos de investigação e aprendizagem.

Faz parte do projeto ainda a Moeda Sustentax, uma iniciativa que alia gamificação à educação ambiental e financeira. Nela, a moeda socioambiental é obtida a partir da entrega de materiais recicláveis e utilizada em um sistema apoiado por aplicativo próprio, estimulando o engajamento de estudantes, famílias e comunidade. Além de incentivar o descarte adequado de resíduos, a ação fortalece valores ligados à economia solidária, à responsabilidade coletiva e ao consumo consciente.

Durante o projeto, os(as) estudantes fizeram caminhadas para observar o entorno da escola, e o mapeamento ambiental permitiu reconhecer situações de descarte inadequado de resíduos e ausência de coleta seletiva. Tais constatações orientaram as estratégias de mobilização comunitária e fortaleceram a conexão entre currículo e cotidiano. A própria escola passou a ter coletores adequados para cada tipo de resíduo.

Além disso, a organização da “Passeata Pedagógica” levou os(as) alunos(as) a divulgarem a ação para a comunidade. Por meio de cartazes, escolheram as mensagens e dialogaram com moradores(as) e comerciantes do bairro, explicando o papel do ecoponto e convidando todos(as) a participar.

A passeata marcou o encerramento da Semana de Sustentabilidade, que reuniu estudantes em oficinas interdisciplinares sobre água, clima e saúde e ações de prevenção à dengue, conectando o currículo a uma ação que contribuiu para transformar uma situação real do território naquele momento.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

A iniciativa se alinha à Educação Baseada na Natureza ao promover o desamparamento das práticas pedagógicas e ampliar os espaços de aprendizagem para além da sala de aula, com intervenção direta na realidade. Um exemplo foi a construção coletiva da casa na árvore, que se tornou um marco da iniciativa. As crianças participaram da escolha do local, do planejamento, desenvolvendo noções espaciais, capacidade de resolução de problemas, trabalho em equipe, autonomia e protagonismo.

Para além do legado estrutural que o projeto deixou para a escola, a casa na árvore, um biodigestor, um ecoponto ativo, uma horta pedagógica e um sistema de coleta seletiva consolidado, a mudança mais profunda que ficou foi a incorporação de novos hábitos. Famílias que nunca separavam seus resíduos passaram a fazer isso em casa. Moradores do entorno adotaram o ecoponto. E os(as) estudantes se tornaram agentes de mudança no território. Isso sem falar do fortalecimento dos vínculos entre escola e comunidade.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Wellington de Oliveira Soares (proponente), Cleonice Barreto da Silva (supervisora pedagógica), Leilane Andréia da Silva Araujo (orientadora educacional).



Águas de Brasília

**Centro de Educação Infantil 05
de São Sebastião - Brasília (DF)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)**



QUANDO A CURIOSIDADE DAS CRIANÇAS VIRA INVESTIGAÇÃO

O projeto Águas de Brasília é um exemplo de como os questionamentos das crianças podem levá-las a explorar temas que, em um primeiro momento, podem parecer “muito complicados” para a idade.

O percurso investigativo começou durante uma roda de conversa rotineira. Uma criança contou que tinha visitado o Lago Paranoá no fim de semana, contou suas percepções e isso virou uma troca entre as crianças. A observação rapidamente despertou o interesse da turma: outras crianças começaram a falar sobre o lago, sobre o lixo nas margens, as capivaras e o aspecto da água.

A professora percebeu que ali existia uma curiosidade genuína, registrou as falas das crianças, compartilhou com a equipe pedagógica e decidiu transformar aquele interesse em um projeto investigativo.

O CEI 05 fica em São Sebastião, uma região do Distrito Federal (DF), próxima ao Jardim Botânico e à região do Lago Sul, que abriga nascentes essenciais para o abastecimento hídrico local. Com o crescimento habitacional nas últimas décadas, a região passou a enfrentar grandes desafios relacionados ao abastecimento de água. Além disso, muitas dessas comunidades dependem de poços artesianos e do Córrego Cabeça de Veado, o que torna a escassez hídrica parte do cotidiano das famílias.

A proposta também foi influenciada pelas formações que a professora vinha realizando, voltadas para educação ambiental, justiça climática e Educação baseada na Natureza. Esses estudos ajudaram a fortalecer a ideia de que as crianças pequenas podem aprender a partir daquilo que observam, sentem e vivem no próprio território.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O percurso investigativo foi estruturado em cinco etapas entre abril e novembro de 2025. A primeira foi uma experiência sensorial em sala: as crianças analisaram a água potável da escola, identificando-a como incolor, inodora e insípida, e compararam com a água que bebiam em casa, o que motivou uma pesquisa junto às famílias para entender as diferenças no abastecimento. A diferença de sabor (por causa dos sais minerais dos poços artesianos) aguçou a curiosidade.

A partir daí, as crianças passaram a observar com mais atenção a água presente no cotidiano, levantando hipóteses e compartilhando experiências vividas com as famílias. Depois, a literatura infantil entrou em cena. Livros sobre preservação da água e meio ambiente ajudaram a ampliar as conversas sobre cuidado, pertencimento e responsabilidade. Inspiradas pelas histórias, as crianças produziram desenhos,

dobraduras e maquetes sobre nascentes e sobre o Lago Paranoá, trabalhos que depois foram apresentados às famílias na Plenarinha da Educação Infantil do DF.

Com o tempo, o projeto saiu da escola e ganhou novos espaços. A turma participou do Circuito de Ciências do DF, apresentou sua pesquisa para avaliadores(as), estudantes e famílias e conquistou o primeiro lugar na etapa regional. Na fase distrital, ficou entre os melhores projetos de todo o Distrito Federal.

Ao longo do percurso, as crianças também participaram de mutirões de coleta e triagem de resíduos no entorno da escola, acompanharam o crescimento de sementes e observaram como a água está presente em cada etapa da vida. Uma visita ao Jardim Botânico também ajudou a transformar a natureza em um espaço vivo de aprendizagem.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Por se tratar de uma Classe de Integração Inversa com 22 crianças, incluindo duas com TEA e uma com TDAH, a prática pedagógica priorizou o ritmo orgânico da aprendizagem, com foco em colaboração e compreensão mútua. O foco não era cumprir etapas, mas garantir que o ambiente permanecesse seguro, inclusivo e genuinamente estimulador para todos(as).

Dessa forma, o projeto Águas de Brasília pôde promover uma nova leitura do espaço escolar, conectando natureza, território e memória afetiva, incentivando a criança a se perceber como parte do ambiente. Esse sentimento de pertencimento é o pilar fundamental para a conservação ambiental.

As famílias relataram transformações em casa: as crianças passaram a questionar o desperdício de água, orientar familiares sobre descarte correto de resíduos e demonstrar cuidado ativo com o ambiente ao redor.

Talvez a descoberta mais marcante tenha sido perceber o potencial das crianças pequenas na compreensão de temas complexos, como nascentes, ciclo da água e preservação ambiental, quando esses assuntos são apresentados a partir daquilo que elas vivem e observam no cotidiano.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

A partir dessa experiência, o legado mais profundo é a formação de uma relação afetiva duradoura com a água e com o território. As crianças terminaram o projeto entendendo que o Lago Paranoá faz parte do abastecimento da região e que cuidar das nascentes próximas de casa é também cuidar da própria comunidade. Foi um aprendizado construído com experiências concretas, imaginação, brincadeira e contato com a natureza.

Outro legado foi o reconhecimento externo: primeiro lugar regional e 6ª colocação distrital no Circuito de Ciências do DF, com uma turma de Educação Infantil. Esse resultado prova que crianças pequenas da Educação Infantil podem produzir pesquisa de qualidade e que o protagonismo delas não é retórica, mas prática possível quando o(a) educador(a) está disposto(a) a ouvir.

A experiência também deixa uma mensagem importante para outras escolas: escutar as crianças com atenção verdadeira pode transformar pequenas curiosidades em grandes projetos. O Águas de Brasília não teve um planejamento pronto. Nasceu de uma roda de conversa, e mostrou que a curiosidade infantil é espaço fértil para explorar.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Giorgia Edrysse Paixão de Queiroz (proponente), Marluce Moreira (diretora), Edna D'Abadia Rosa Gomes do Carmo (vice-diretora), Aurení Orneles Teixeira Barcelos (coordenadora pedagógica).



Do Solo à Sustentabilidade: Benefícios do Gel Biodegradável para a Agricultura de Brazlândia

CEF 01 de Brazlândia - Brasília (DF)
Anos Finais do Ensino Fundamental



DA REALIDADE LOCAL À INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Em Brazlândia, onde a agricultura faz parte da vida de muitas famílias, uma questão presente no cotidiano da comunidade despertou a curiosidade de estudantes e professores(as): como manter a umidade do solo e favorecer o desenvolvimento das plantações mesmo durante os períodos de estiagem e de chuvas irregulares?

Dessa curiosidade surgiu o projeto Do solo à Sustentabilidade, que visava buscar uma solução sustentável para um problema recorrente na região: os impactos da escassez de água para a agricultura.

Assim, os conteúdos trabalhados na escola passaram a dialogar de forma mais próxima com a realidade dos(as) estudantes e com os desafios enfrentados pela comunidade.

Em rodas de conversa, surgiram perguntas que ajudaram a orientar a investigação, como: “Por que algumas plantas secam mais rápido?”, “Como economizar água no plantio?” e “Existe algum material natural que possa ajudar o solo a guardar água?”.

A partir dessas questões, os(as) alunos(as) participaram da construção da pesquisa, levantaram hipóteses e ajudaram a definir os caminhos da investigação. A iniciativa foi fundamentada em materiais científicos, entre eles uma publicação da EMBRAPA sobre o uso de polímeros hidroretentores na agricultura.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

As primeiras etapas do projeto foram dedicadas à sensibilização e à reflexão sobre a importância da água para a agricultura de Brazlândia, os impactos dos períodos de seca e possíveis alternativas para ajudar o solo a reter água por mais tempo.

Nesse percurso, os(as) estudantes conheceram o funcionamento do hidrogel sintético e passaram a investigar a possibilidade de produzir uma alternativa biodegradável, o que foi feito fazendo uso de amido de milho, ágar-ágar e glicerina.

Na etapa seguinte, foram organizados os grupos experimentais: solo comum, solo com hidrogel sintético e solo com gel biodegradável. Em recipientes preparados pelos(as) próprios(as) estudantes, foram plantadas sementes de feijão em condições semelhantes. Os(as) alunos(as) participaram da identificação dos vasos, da definição dos critérios de observação e das formas de registro dos dados.

Ao longo de todo o experimento, que foi de aproximadamente 12 dias consecutivos, eles(as) acompanharam o desenvolvimento das plantas, observaram a umidade do solo, mediram a altura dos vegetais, registraram a aparência das folhas e produziram registros fotográficos. Também sugeriram novas formas de observação, como comparar o vigor

das plantas e o tempo de secagem do solo, ampliando os caminhos da investigação.

EXPERIMENTAR, OBSERVAR E TRANSFORMAR

Uma das etapas mais importantes ocorreu durante a comparação entre os diferentes tratamentos. Ao acompanhar o comportamento das plantas nos vasos com solo comum, hidrogel sintético e gel biodegradável, os(as) alunos(as) puderam analisar estratégias de retenção de água e refletir sobre alternativas mais sustentáveis para o manejo do solo.

Esse olhar se aprofundou quando, a partir do quinto dia, a irrigação passou a ocorrer em intervalos maiores, simulando condições de estiagem. Essa experiência ampliou a compreensão sobre os impactos das mudanças climáticas na agricultura e estimulou reflexões sobre formas de adaptação.

Como resultado, o grupo controle constituído por solo sem adição de gel retentor de água apresentou menor desenvolvimento das plantas, evidenciado pela menor altura média e menor vigor vegetativo ao longo do período experimental. Já nos tratamentos contendo gel sintético e gel biodegradável, observou-se um crescimento vegetal semelhante, não sendo identificadas diferenças expressivas entre ambos quanto aos parâmetros de desenvolvimento analisados. As plantas cultivadas nesses tratamentos apresentaram maior crescimento em comparação ao grupo controle, indicando que a utilização de materiais retentores de água favorece a disponibilidade hídrica para as plantas.

Em relação à umidade do solo, verificou-se que o tratamento com gel biodegradável manteve níveis de umidade superiores durante todo o período experimental quando comparado ao gel sintético e ao solo sem gel. Essa maior capacidade de retenção hídrica sugere que o gel biodegradável promove uma liberação mais gradual da água para o solo, contribuindo para a redução das perdas por evaporação.

Outro aspecto do projeto foi a promoção do respeito às diferenças e da participação de todos(as). Como o projeto envolveu diferentes tarefas, como observação, plantio, medição, registros escritos etc., cada estudante pôde contribuir de acordo com suas potencialidades e formas de aprender.

O contato direto com a natureza foi um elemento central da proposta. As atividades realizadas em áreas externas da escola permitiram que os(as) estudantes tocassem o solo, observassem texturas, acompanhassem a germinação das sementes e percebessem mudanças na umidade e no crescimento das plantas. Nesses momentos, foi possível aprender unindo teoria e prática, fortalecendo vínculos afetivos com o ambiente natural.

Ao desenvolver essas atividades, os(as) estudantes também participaram da interpretação dos dados, da construção das conclusões e da comunicação dos resultados.

DESCOBERTAS PARA A ESCOLA E A COMUNIDADE

A produção e as experiências com o gel biodegradável mostraram que a escola pode ser um espaço de inovação e busca por alternativas que contribuam para a construção de um futuro mais sustentável. E o mais importante: que os problemas do território demandam observação, compreensão crítica e ação coletiva.

Com isso, o trabalho pôde contribuir para ampliar a consciência ambiental e a compreensão sobre a importância da preservação dos recursos hídricos. Ao relacionar a escassez de água com a agricultura local e com os desafios das mudanças climáticas, os(as) estudantes passaram a perceber diretamente a conexão entre natureza, comunidade e qualidade de vida.

Além disso, a experiência fortaleceu a troca de informação entre a escola e a



comunidade. Quando os(as) estudantes trouxeram para o projeto as experiências relatadas por suas famílias sobre irrigação, conservação do solo e dificuldades em períodos de estiagem, eles(as) aproximaram o conhecimento científico da realidade vivida na região.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Professor André R. C. Nunes (proponente) e professora Ester S. Medeiros.



Água: de Contaminada a Potável com a Energia Solar

Escola Classe 314 Sul - Brasília (DF)
Anos Iniciais do Ensino Fundamental



DA INQUIETAÇÃO À AÇÃO

Em meio às discussões da Semana de Conscientização sobre o uso sustentável da água, uma pergunta feita espontaneamente pelos(as) alunos(as) despertou a curiosidade do grupo e deu origem à investigação central do projeto Água: de Contaminada a Potável com a Energia Solar: “E se a gente tirasse o sal da água?”.

Isso foi em março, e em abril o grupo se formou para investigar o tema com muitas outras dúvidas: como a água chega às pessoas? Por que muitas comunidades enfrentam dificuldades para acessar água potável? Quais são os impactos dessa realidade na saúde e na qualidade de vida?

O percurso começou com rodas de conversa para a formação do grupo e a escolha do tema. Em seguida, os(as) estudantes realizaram pesquisas orientadas, explorando diferentes fontes de informação, como livros, reportagens, vídeos, artigos científicos da base SciELO e materiais produzidos por organizações como a ONU e a OMS.

Por meio de pesquisas, diálogos e atividades práticas, os(as) estudantes aprofundaram as reflexões sobre consumo consciente, escassez hídrica, desigualdade no acesso e processos de tratamento e filtragem. E, ao compreender melhor esses desafios, foram incentivados(as) a pensar em soluções práticas que pudessem aproximar o conhecimento adquirido ao enfrentamento de problemas reais. Passaram, então, a imaginar alternativas que pudessem contribuir para diferentes contextos.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Durante as investigações, os(as) estudantes tiveram contato com uma reportagem do programa “Globo Rural” sobre um sistema de destilação solar. A descoberta despertou ainda mais a curiosidade e serviu de inspiração para a criação de um protótipo capaz de transformar água salobra ou contaminada em água com melhores condições para consumo.

A partir das pesquisas, os(as) estudantes levantaram hipóteses, planejaram caminhos e, em julho de 2025, deram início à construção do protótipo. O destilador solar foi desenvolvido em atividades práticas, utilizando materiais reutilizáveis, acessíveis e de baixo custo, como isopor, vidro de porta-retrato e cano PVC.

Ao longo de todo o processo, as observações, descobertas e resultados foram registrados em diários de bordo. E conforme os estudos avançavam, surgiu uma nova descoberta: embora a água destilada seja purificada, ela não contém sais minerais essenciais. Diante dessa constatação, os(as) estudantes propuseram a inclusão de um sistema de remineralização da água, tornando a solução construída ainda mais completa.

Paralelamente, realizaram experimentos para analisar a qualidade da água, incluindo testes de pH, turbidez e condutividade elétrica, o que permitiu fazer comparações entre diferentes amostras e compreender melhor os processos envolvidos no tratamento da água.

Uma das amostras utilizadas nesses estudos foi coletada pelos(as) estudantes em visita ao Lago Paranoá. Isso contribuiu para discutirem sobre os usos possíveis dessa água e demonstrou na prática a relação entre território e investigação científica.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

O percurso investigativo foi marcado por desafios, descobertas e importantes aprendizagens. Um dos principais desafios consistiu em compreender como transformar uma ideia em uma solução prática, acessível e baseada em evidências científicas.

Para isso, foi necessário pesquisar, testar hipóteses, analisar resultados e revisar caminhos sempre que novas informações surgiam. Durante as investigações, os(as) estudantes descobriram, por exemplo, que o acesso à água potável é uma realidade desigual em diferentes partes do mundo e que milhões de pessoas ainda enfrentam dificuldades para obter água segura para consumo. Essas reflexões ampliaram a compreensão sobre a relevância social e ambiental da temática.

Outro momento significativo ocorreu durante a socialização dos resultados e o contato com projetos desenvolvidos por outras escolas. Nesse intercâmbio, os(as) estudantes conheceram uma experiência desenvolvida por alunos(as) da região de Brazlândia, que também destilavam água, mas usando uma fonte de calor diferente. A motivação daquele grupo também era diferente, estava relacionada a um problema concreto enfrentado por aquela comunidade: a presença de água salobra no abastecimento doméstico, o que provocava danos frequentes em equipamentos eletrônicos dessa região. Essa troca de experiências permitiu ampliar o olhar sobre as diferentes aplicações da destilação da água e compreender que uma mesma tecnologia pode responder a necessidades distintas, dependendo da realidade de cada território. Assim, os(as) estudantes entenderam na prática que o conhecimento científico pode ser adaptado, compartilhado e ressignificado de acordo com os desafios enfrentados por diferentes comunidades.

Outro aspecto importante foi a socialização dos resultados, em que os(as) estudantes participaram do Circuito de Ciências das Escolas Públicas do DF (etapas regional e distrital), e puderam mostrar às famílias e à comunidade o projeto em feiras na escola, apresentando o percurso realizado, as pesquisas desenvolvidas, os experimentos conduzidos, a construção do destilador solar e as soluções encontradas para aperfeiçoar o protótipo.

O QUE FICOU DA EXPERIÊNCIA

Durante todo o projeto, os(as) estudantes puderam desenvolver habilidades relacionadas à pesquisa, observação, registro, análise de dados, formulação de hipóteses e resolução de problemas, fortalecendo seu protagonismo.

O projeto também contribuiu para ampliar a consciência crítica sobre sustentabilidade, consumo responsável da água e preservação ambiental. Ao vivenciarem situações concretas, os(as) alunos(as) viram como a ciência está presente no nosso dia a dia e que o conhecimento acadêmico pode ser utilizado para enfrentar desafios reais.

A continuidade da iniciativa em 2026 demonstra que o projeto não se encerrou como uma ação pontual. Novos estudantes passaram a participar das investigações, ampliando os conhecimentos construídos e garantindo que as aprendizagens fossem compartilhadas entre diferentes grupos.



Como desdobramento desse percurso, foi desenvolvido um terrário em sala de aula para aprofundar a compreensão sobre o ciclo da água e as interações entre os elementos naturais, fortalecendo ainda mais o vínculo dos(as) estudantes com o ambiente.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Márcia Gonçalves Antunes de França (proponente) e gestão escolar.



Na Trilha do Córrego: um Olhar Ambiental e Educativo às Margens do Riacho Fundo

Centro de Atenção Integral à Criança JK - Brasília (DF)
Anos Iniciais do Ensino Fundamental



DÚVIDAS REAIS QUE LEVAM A DESCOBERTAS

O projeto nasceu do desejo de compreender um problema que faz parte da realidade de muitas famílias da comunidade escolar do Centro de Atenção Integral à Criança JK: as enchentes anuais que atingem a Vila Cauhy, cenário que vem sendo agravado pelas mudanças climáticas, que tornaram as chuvas na região mais intensas e imprevisíveis.

Desenvolvido ao longo de aproximadamente três meses, o trabalho teve como ponto de partida a escuta atenta das crianças e a busca por respostas para questões que surgiram a partir da temática “Água para quê?”, eixo central do 14º Circuito de Ciências das Escolas Públicas do Distrito Federal. O vínculo da escola com essa realidade, porém, vem de antes: em 2024, a instituição já havia atuado como base de apoio e ponto de coleta de doativos para famílias desabrigadas pelas enchentes.

As primeiras investigações aconteceram em rodas de conversa, pesquisas digitais e na construção de mapas mentais, que permitiram aos(as) estudantes organizar seus conhecimentos prévios sobre a água e identificar problemas ambientais que chamavam sua atenção.

Foi nesse contexto que um relato ganhou força e mobilizou toda a turma. Um(a) estudante, morador(a) da Vila Cauhy, compartilhou suas experiências com os alagamentos e descreveu o medo vivido por muitas famílias durante os períodos de chuva intensa. A fala do(a) colega aproximou a investigação da realidade do território e despertou novas perguntas: por que a água sobe tão rápido? O que acontece com o córrego quando chove? A vegetação faz diferença? É possível evitar as enchentes?

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Com as perguntas definidas, a turma iniciou um percurso de pesquisa e descoberta. Os(as) estudantes aprofundaram seus conhecimentos sobre erosão, assoreamento, mata ciliar, uso do solo e mudanças climáticas por meio de pesquisas, leituras, vídeos e discussões coletivas. Ao mesmo tempo, começaram a planejar estratégias para observar de perto aquilo que estavam estudando.

As saídas de campo tiveram papel fundamental nesse processo. A visita à Vila Cauhy permitiu que as crianças observassem o leito do córrego, registrassem imagens, realizassem anotações e conhecessem os pontos mais vulneráveis aos alagamentos. A expedição foi guiada pelo prefeito comunitário da Vila Cauhy e por uma professora da escola residente na localidade, o que permitiu identificar aspectos que dificilmente seriam percebidos de outra forma, como a falta de coleta de lixo, que acontece apenas uma vez por semana em um único ponto da comunidade, e os desafios de mobilidade

em dias de chuva. Também contribuíram com relatos os funcionários da escola que residem na Vila Cauhy.

Outro destaque foi a parceria com a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP), que possibilitou a visita a uma área preservada do córrego Riacho Fundo, acompanhada por um representante do órgão público. Ao observar uma região com presença de mata ciliar e compará-la com áreas degradadas, os(as) estudantes puderam perceber diferenças significativas na paisagem, na conservação do solo e nas condições ambientais.

As crianças também realizaram experimentos com maquetes para observar o comportamento da água em áreas com e sem vegetação. Ao acompanhar o escoamento da água, a infiltração no solo e o transporte de sedimentos, puderam visualizar fenômenos que antes pareciam abstratos.

Além dos experimentos, os(as) jovens pesquisadores(as) aplicaram questionários à comunidade escolar sobre as causas das enchentes, tabularam os dados e construíram gráficos para interpretar os resultados. Um exercício concreto de letramento estatístico que articulou Matemática e pesquisa socioambiental. As experiências ajudaram a fortalecer a relação entre teoria e prática, permitindo que o conhecimento científico dialogasse com aquilo que já era percebido pelos(as) moradores(as) em seu cotidiano.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Durante a investigação, os(as) estudantes foram identificando relações entre o uso inadequado do solo, a retirada da vegetação, o descarte irregular de resíduos, o assoreamento do córrego e os impactos das chuvas intensas.

As observações realizadas em campo permitiram reconhecer contrastes importantes. Em áreas preservadas, com maior presença de vegetação, as temperaturas eram mais amenas e melhores condições ambientais (maior sombreamento, solo coberto e ausência de odores de lixo). Já nas áreas mais degradadas, identificaram solo exposto, sinais de erosão e situações que contribuem para o agravamento do assoreamento e dos alagamentos.

Outra descoberta significativa surgiu a partir do contato com a história da comunidade. Ao conhecerem relatos sobre a antiga Rua da Mina, onde moradores(as) buscavam água para abastecimento, os(as) estudantes passaram a compreender o córrego não apenas como um elemento da paisagem, mas como parte da memória, da identidade e da história local.

A turma também se destacou pela diversidade: crianças com deficiência, com TEA e estudantes estrangeiros participaram, com adaptações que garantiram múltiplas formas de expressão e participação. Os(as) estudantes estrangeiros contribuíram com experiências sobre o uso da água em seus países de origem, ampliando o repertório cultural da turma.

Como resultado de todo o percurso, surgiu ainda uma ação concreta de conscientização: o jogo educativo "Na Trilha do Córrego". Criado coletivamente pelos(as) estudantes, com tabuleiro, cartas, desafios e perguntas, o jogo reuniu temas como assoreamento, mata ciliar, enchentes, preservação ambiental e mudanças climáticas em uma linguagem acessível e lúdica.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

Ao final do projeto, as crianças ampliaram sua compreensão sobre os corpos hídricos, os impactos das ações humanas no ambiente e a importância da preservação dos ecossistemas locais, além de desenvolverem habilidades de pesquisa, observação, análise de dados, comunicação científica e trabalho colaborativo.

A apresentação do trabalho e do jogo educativo no Circuito de Ciências consolidou esse



percurso. Ao compartilhar suas descobertas com outros estudantes, educadores(as) e visitantes, as crianças assumiram o papel de comunicadoras científicas, levando adiante reflexões sobre preservação ambiental, responsabilidade coletiva e justiça socioambiental.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Klévia de Oliveira Leal Fernandes de Lima (proponente) e Emanuela Flores Lemos (Atividades).



EC12 como Ecossistema Sustentável: Educação Climática, Agrofloresta e Energias Renováveis na Construção de uma Escola Pública Autossustentável

Escola Classe 12 (EC12) – Sobradinho (DF)
Anos Iniciais do Ensino Fundamental



PLANTANDO COLETIVAMENTE

A história do projeto EC12 como Ecossistema Sustentável começou a partir de situações vividas no dia a dia da escola: o desconforto térmico nas salas de aula durante os períodos de calor intenso, a necessidade de ampliar as áreas verdes, a baixa adesão à alimentação escolar e a busca por espaços mais inclusivos para os(as) estudantes.

Essas situações motivaram a comunidade escolar a refletir sobre possíveis caminhos de transformação, e o ponto de partida foi a escuta atenta das crianças, das famílias e da comunidade.

A partir dessas conversas, surgiram ideias e soluções baseadas na natureza. Uma delas veio de um saber compartilhado pela própria comunidade: o plantio de um pé de chuchu para promover sombreamento natural. O que parecia uma ação simples foi o início de uma experiência muito maior. Aos poucos, essa iniciativa deu origem à “Horta Arco-Íris”, que passou a ocupar um papel central na vida da escola.

Inspirada pela Educação Baseada na Natureza, pelos princípios da agroecologia e da agricultura sintrópica de Ernst Götsch, o projeto tomou a realidade da escola como ponto de partida para processos de investigação, cuidado e transformação do território.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Ao longo do processo, áreas antes ociosas passaram a abrigar canteiros, árvores, espaços de convivência e ambientes de aprendizagem ao ar livre. Dentre as atividades, a Horta Arco-Íris foi protagonista, envolvendo diariamente as 20 turmas da escola.

Os(as) estudantes participaram da escolha das espécies, prepararam o solo, realizaram o cultivo, o manejo, a colheita, cuidaram da compostagem e, com isso, observaram os ciclos naturais. Também se envolveram em ações de reflorestamento, coleta seletiva, uso consciente da água e partilha dos alimentos produzidos com as famílias, que participaram de mutirões para preparo do solo, plantio, manutenção da horta e reflorestamento, além de contribuírem com mudas, sementes e outros insumos.

A iniciativa contou com a colaboração de parceiros institucionais, como a Emater e a Administração Regional, além da atuação do tecnólogo em agroecologia Rodrigo Madeira, que acompanhou e orientou as ações desenvolvidas, promovendo o diálogo entre conhecimentos científicos e saberes da comunidade.

A experiência também chegou à Biblioteca Comunitária Cecília Meireles, referência da região, que tem se tornado para a escola um espaço de integração, gestão e uso de informação para gerar conhecimento. Eles chegaram, inclusive, a ampliar seu acervo sobre agrofloresta e educação ambiental. Além disso, a professora Maria Aparecida (Cidinha) produziu um livro que narra a história da horta. A obra passou a integrar as

práticas pedagógicas da escola e também foi incorporada ao acervo da biblioteca.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

À medida que as ações, como o plantio de pé de chuchu para sombreamento natural, a horta que ampliou a área verde, foram ganhando forma, foi sendo percebido um melhor conforto ambiental, reduzindo os impactos do calor e fortalecendo práticas de educação climática e sustentabilidade.

A iniciativa promoveu o desemparedamento ao transformar espaços externos em ambientes vivos de aprendizagem. As crianças passaram a vivenciar o brincar, o cultivo da horta, a observação dos ciclos naturais e o contato direto com a natureza, utilizando o corpo como mediador do conhecimento.

As experiências também ultrapassaram a escola por meio de visitas ao Parque Educador em Águas Emendadas, atividades culturais e científicas e ações desenvolvidas em parceria com diferentes instituições do território.

A valorização dos saberes locais esteve presente em todo o percurso. Conhecimentos compartilhados por famílias, produtores(as) rurais e membros da comunidade, por exemplo, deram vida ao canteiro de ervas medicinais e contribuíram para o cultivo de espécies nativas e frutíferas do Cerrado, fortalecendo a conexão dos(as) estudantes com a biodiversidade local.

As atividades práticas, sensoriais e colaborativas garantiram a participação de 64 estudantes da Educação Especial, enquanto os espaços naturais passaram a ser utilizados espontaneamente como ambientes de acolhimento, bem-estar e autorregulação emocional.

Com as experiências construídas ao longo do projeto, os(as) estudantes também participaram de eventos científicos e educativos, socializando conhecimentos e compartilhando suas aprendizagens com outros públicos.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

Os resultados da iniciativa podem ser percebidos tanto nos espaços físicos quanto nas relações construídas ao longo do caminho. A escola ampliou suas áreas verdes, fortaleceu ações de educação ambiental e consolidou práticas relacionadas à sustentabilidade, à educação climática e ao cuidado com os recursos naturais.

Os(as) estudantes representaram a instituição no Circuito de Ciências das Escolas Públicas do Distrito Federal e foram premiados(as) por dois anos seguidos. A experiência também foi compartilhada no Fórum de Alimentação Saudável da SEEDF (Secretaria de Estado de Educação) com professores(as) da Educação do Campo da Regional de Sobradinho e na Plenarinha. Esta última, um projeto da SEEDF voltado para a Educação Infantil e para o primeiro ano do Ensino Fundamental. Seu objetivo é promover o protagonismo e a cidadania infantil, criando espaços de escuta ativa onde as crianças debatem e sugerem melhorias para a comunidade e a escola.

O projeto chegou a Israel, apresentado em um curso internacional, reconhecimento que ampliou o alcance das aprendizagens construídas pela comunidade escolar e ajudou a inspirar novas experiências em outros territórios.

Desenvolvida continuamente desde fevereiro de 2024 e institucionalizada no Projeto Político-Pedagógico da escola, a iniciativa segue integrada ao currículo e à rotina escolar, tendo a horta agroflorestal como eixo central das ações.



PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Iris Soares Lourenço (proponente), 20 professores(as) regentes dos 1º ao 5º ano, coordenação pedagógica e supervisão escolar, equipe gestora (direção e vice-direção), equipe multidisciplinar (orientadora educacional, pedagoga e pedagoga da Sala de Recursos), tecnólogo em Agroecologia (Sr. Rodrigo Madeira), equipe de cozinha, equipe de limpeza, profissionais da segurança patrimonial.



Recife: Cidade do Mangue

EMTI Reitor João Alfredo - Recife (PE)
Anos Finais do Ensino Fundamental



QUANDO O MANGUE VIROU SALA DE AULA

O projeto/documentário Recife: Cidade do Mangue conecta o currículo escolar à realidade da cidade. Desenvolvido em 2025 com estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, e em sintonia com a Política de Ensino da Rede Municipal do Recife, a iniciativa aconteceu em uma disciplina eletiva, entre março e junho de 2025, tendo a Aprendizagem Baseada em Projetos como principal referência metodológica.

O ponto de partida foi olhar para o manguezal não apenas como um conteúdo curricular, mas como parte da identidade recifense, da memória da cidade e da vida de muitas comunidades. Durante os primeiros encontros, os(as) alunos(as) estudaram a biologia do manguezal, compreenderam seu papel como berçário marinho e investigaram o processo histórico de transformação da paisagem urbana. Também analisaram mapas, pesquisaram sobre a ocupação da cidade e refletiram sobre os impactos dos aterramentos e do descarte inadequado de resíduos.

Nesse processo, uma ideia foi se fortalecendo: compreender como os manguezais fundaram o Recife e como a urbanização modificou profundamente essa relação. Ao mesmo tempo, surgiram reflexões sobre as desigualdades socioespaciais presentes na chamada “cidade anfíbia”, como Recife é conhecida, por ter sido construída sobre estuários e manguezais que foram progressivamente aterrados.

Desde o início, a proposta procurou romper com o modelo passivo de ensino. Os(as) estudantes não seriam apenas receptores de informações, seriam investigadores(as), autores(as) e comunicadores(as) do próprio território.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O primeiro movimento foi de sensibilização e fundamentação teórica. Em rodas de diálogo e pesquisas, os(as) estudantes aprofundaram conhecimentos sobre o manguezal, sobre a formação espacial do Recife e sobre os processos históricos que transformaram a paisagem local. Ao mesmo tempo, foram incentivados(as) a trazer suas próprias percepções sobre os bairros onde vivem, relacionando o conhecimento escolar com suas vivências cotidianas.

A etapa seguinte foi marcada pela ida ao manguezal. Os(as) jovens puderam observar a biodiversidade local, a presença do lixo acumulado, a dinâmica do ecossistema e refletir sobre os impactos da ação humana. Durante a visita, os(as) alunos(as) conversaram com ribeirinhos(as) e catadores(as) de caranguejo, cujos saberes sobre a dinâmica das marés e a cata do caranguejo foram validados e trazidos para o debate científico.

Foi nesse contexto que a escuta ativa ganhou força. Antes mesmo de a primeira câmera

ser ligada, as perguntas, inquietações e observações dos(as) estudantes passaram a orientar os rumos do documentário.

Esses elementos foram a base para a construção colaborativa do roteiro, no qual os(as) estudantes participaram da definição dos temas, selecionaram os aspectos que consideravam mais relevantes e ajudaram a construir a narrativa do documentário. Cada participante assumiu funções específicas (imagem, som, pesquisa, organização), contribuindo para a construção da obra.

Na etapa de produção audiovisual, os(as) jovens que registraram imagens com celulares e foram para a ilha de edição (utilizando computadores da escola e aplicativos de celular), onde eles(as) escolheram a trilha sonora, cortaram as cenas e finalizaram a obra. Os(as) estudantes com mais afinidade tecnológica ensinavam os(as) colegas a operar os softwares.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Uma das grandes descobertas do projeto foi perceber que o manguezal poderia ser compreendido para além das definições presentes nos livros didáticos. O contato direto com o território permitiu aos(as) estudantes experimentar a aprendizagem de forma sensorial, investigativa e afetiva. Conceitos como degradação ambiental, urbanização e desigualdade socioespacial deixaram de ser ideias abstratas para se tornarem realidades observáveis.

Outro desafio enfrentado ao longo da experiência foi compreender as contradições presentes na formação da cidade. Ao investigar os aterramentos históricos dos manguezais e suas consequências, puderam refletir sobre as transformações da paisagem e sobre os impactos dessas mudanças para as populações mais vulneráveis.

As discussões também favoreceram uma compreensão mais ampla das mudanças climáticas. A análise da degradação dos mangues permitiu debater o papel desse ecossistema na proteção do território, especialmente diante das inundações e da elevação do nível do mar. A partir dessas reflexões, os(as) estudantes passaram a relacionar problemas locais com desafios ambientais globais.

O documentário se tornou um instrumento de sensibilização e mobilização, onde os(as) estudantes apresentaram suas descobertas, compartilharam suas inquietações e ampliaram o debate sobre a preservação ambiental.

O QUE FICOU DA EXPERIÊNCIA

A iniciativa mostra que a escola pode ser um espaço de produção de conhecimento profundamente conectado ao território e à vida das pessoas. Permitindo que os(as) jovens conhecessem mais profundamente a história, a geografia e a biodiversidade do Recife, levando-os(as) a refletir também sobre os desafios ambientais e sociais da cidade.

As sessões de exibição para famílias, comunidade escolar e outros públicos ampliaram ainda mais o alcance do trabalho, gerando conversas, reflexões e debates. O documentário foi inscrito em um festival de cinema estudantil, onde os(as) alunos(as) apresentaram o filme para outras escolas do Recife, ampliando seu alcance.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS

Pedro Felipe Cavalcanti dos Santos (proponente) e professor Amaro (Ciências).

Plantar o Amor, Semear Alegria e Colher o Futuro

Creche Escola Recife Alto do Mandu - Recife/PE
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)



AS SEMENTES DA IDEIA

O projeto nasceu da compreensão de que a Educação Infantil é um espaço privilegiado para a formação de valores éticos, afetivos e socioambientais.

Partindo desse entendimento, a equipe pedagógica buscou criar oportunidades para que as crianças pudessem vivenciar experiências concretas de contato com a natureza, reconhecendo que a sensibilização para o cuidado ambiental acontece de forma mais significativa quando está associada ao encantamento, à curiosidade e à participação ativa.

O ponto de partida foi a valorização do direito de explorar, brincar e interagir com o ambiente natural, visando promover reflexões sobre as mudanças climáticas desde os primeiros anos de vida.

A escolha pelo plantio de espécies nativas, especialmente o pau-brasil, buscou conectar as crianças à história, à cultura e à sustentabilidade. Mais do que ensinar conceitos, o projeto procurou criar situações em que elas pudessem observar, experimentar, sentir e construir relações de pertencimento com a natureza presente em seu cotidiano.

Desde o início, a escuta das crianças foi elemento fundamental. Rodas de conversa permitiram conhecer mais sobre as plantas, as sementes e os cuidados com o meio ambiente. A curiosidade delas contribuiu para orientar o percurso, fortalecendo o protagonismo infantil e garantindo que as propostas dialogassem com seus interesses.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Ao longo de quatro meses, o projeto desenvolveu ações contínuas fundamentadas na Educação Baseada na Natureza, no uso dos espaços externos da escola e na participação ativa das crianças.

As atividades começaram com momentos de conversa e levantamento de conhecimentos prévios sobre plantas, sementes e árvores. Em seguida, as crianças participaram de explorações sensoriais semanais, nas quais puderam entrar em contato com os elementos naturais. O território foi trabalhado como espaço educativo vivo, a partir do uso de canteiros, árvores e áreas externas da escola.

Essas experiências favoreceram a curiosidade, a percepção do ambiente e o desenvolvimento de diferentes formas de expressão, como desenhos, relatos orais e tentativas de escrita. Os registros foram realizados no “Caderno Primeiras Letras” e permitiram documentar as descobertas das crianças e tornar os processos de aprendizagem mais evidentes, contribuindo para valorizar a voz das crianças.

O plantio de sementes e mudas tornou-se uma das ações centrais do projeto. As crianças participaram do preparo da terra, do plantio e da rega, acompanhando de perto

as transformações que iam ocorrendo. O cuidado contínuo dos canteiros integrou a rotina, possibilitando o desenvolvimento de responsabilidade e senso de cuidado.

A literatura também ocupou lugar importante nesse percurso. Obras como “A Bananeira e o Vento”, “O Jardim e a Formiga”, “A Gotinha Viajante” e o poema “A Natureza” inspiraram rodas de leitura, conversas e reflexões, fortalecendo a relação entre imaginação e experiências concretas.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

O principal desafio consistiu em transformar os espaços externos em ambientes permanentes de aprendizagem, fazendo com que a natureza deixasse de ser apenas um cenário e passasse a ocupar papel central no processo educativo. Para isso, foi construída uma rotina de observação, cuidado e acompanhamento das plantas, respeitando os tempos da natureza e os ritmos das crianças.

As vivências proporcionaram inúmeras descobertas. Ao acompanhar o desenvolvimento das mudas, as crianças perceberam suas transformações e crescimento, formularam perguntas, levantaram hipóteses e buscaram compreender as necessidades de cada espécie. A observação cotidiana permitiu que elas identificassem relações entre água, solo, luz e desenvolvimento vegetal, sempre por meio de experiências concretas e acessíveis à infância.

A aula realizada debaixo de uma árvore fortaleceu as experiências corporais e afetivas, possibilitando brincadeiras, observações e momentos de escuta dos sons da natureza, ampliando o vínculo emocional das crianças com o ambiente natural.

As atividades também favoreceram o letramento climático. Ao perceberem que os espaços arborizados eram mais frescos, as crianças passaram a relacionar a presença de árvores à redução do calor e ao conforto proporcionado pela sombra.

As práticas de rega possibilitaram reflexões e mudanças de atitude quanto ao uso responsável da água, levando as crianças a compreenderem que cada planta precisa de uma quantidade específica de água.

Outro aspecto importante foi o fortalecimento das relações de cooperação. As propostas foram desenvolvidas de forma colaborativa, incentivando o cuidado compartilhado com os canteiros e a participação de todas as crianças. As experiências respeitaram diferentes ritmos, possibilidades e formas de expressão, garantindo oportunidades de participação e valorizando a diversidade presente no grupo.

A participação das famílias também contribuiu para ampliar os impactos do projeto. O envio de sementes, mudas, materiais reutilizáveis e fotografias das crianças regando plantas em casa aproximou escola e comunidade, demonstrando que as aprendizagens construídas ultrapassaram os limites da instituição e passaram a fazer parte do cotidiano familiar.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

O principal legado do projeto foi o fortalecimento do vínculo afetivo das crianças com a natureza. Ao longo dos quatro meses, elas não apenas aprenderam sobre plantas e árvores, mas desenvolveram atitudes de cuidado, responsabilidade e respeito pelo ambiente natural.

A iniciativa também valorizou a escuta como elemento estruturante do planejamento pedagógico, demonstrando que o protagonismo infantil pode ser um caminho potente para a construção de aprendizagens significativas. Outro resultado importante foi a valorização dos espaços externos da escola como territórios educativos.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Sandra Roberta Alves da Silva (proponente), docentes do Grupo VI A/B, coordenadora e AADDE (Agente de Apoio ao Desenvolvimento Escolar Especial).



Cores e Sabores da Aldeia: Experiências com a Natureza e Educação Climática na Primeira Infância

Creche Escola Municipal da Estância - Recife (PE)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)



APRENDER COM A NATUREZA

O projeto Cores e Sabores da Aldeia nasceu da observação da realidade vivida pelas crianças da comunidade da Estância, em Recife. Nesse território, os alagamentos recorrentes fazem parte do cotidiano das famílias e evidenciam desafios relacionados às mudanças climáticas, ao descarte inadequado de resíduos e à necessidade de fortalecer práticas de cuidado com o meio ambiente.

Foi a partir desse contexto que surgiu a proposta de desenvolver ações educativas reconhecendo que as crianças já convivem com essas situações, mas ainda estão construindo formas de compreender os fenômenos e sua relação com o ambiente. Ao longo de todo o primeiro semestre de 2026, a iniciativa envolveu 40 crianças de 2 anos, distribuídas em duas turmas distintas.

Assim, os temas escolhidos — água, terra, plantas, alimentos e fenômenos presentes no cotidiano — tornaram-se pontos de partida para vivências que integraram letramento climático e Educação Baseada na Natureza.

A iniciativa foi ainda inspirada por formações realizadas pelas professoras, como o curso da Nova Escola “Educação Baseada na Natureza: Educação Infantil”, e por produções do Instituto Alana, incluindo o material “Crise Climática” e o relatório “O Acesso ao Verde e a Resiliência Climática nas Escolas das Capitais Brasileiras” (2024), além da obra Infância na Aldeia (ed. Ciranda na Escola), de Marcia Wayna Kambeba, que trouxe contribuições sobre saberes indígenas e a valorização da relação com a natureza.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O projeto foi incorporado à rotina escolar por meio de experiências sensoriais, brincadeiras, observação da natureza e interações em espaços externos. Dessa forma, as atividades foram organizadas de maneira gradual, respeitando os tempos, interesses e formas de participação das crianças.

No primeiro mês, foram realizadas vivências de sensibilização com elementos naturais e alimentos como milho, macaxeira, batata-doce e abacaxi, permitindo que as crianças explorassem diferentes texturas, aromas, cores e sabores. Essas atividades eram realizadas duas a três vezes por semana e tinham duração de 20 a 30 minutos. A curiosidade demonstrada ao tocar, cheirar e experimentar os alimentos orientou o planejamento de novas propostas e ampliou as possibilidades de investigação.

No segundo mês, o plantio do milho, com atividades semanais de 30 minutos, ocupou um lugar importante nesse percurso. As crianças participaram do cultivo e acompanharam o crescimento das plantas, observando transformações e desenvolvendo práticas de cuidado.

No terceiro mês, experiências com ervas, garrafinhas sensoriais e pigmentos naturais favoreceram a exploração sensorial e a expressão livre das crianças. As brincadeiras

corporais em espaços externos estimularam movimento, interação e autonomia.

Ao longo de todo o projeto, foram realizadas semanalmente brincadeiras corporais em espaços externos, com duração de 30 a 40 minutos.

A construção da oca, que ocorreu ao longo de duas semanas, integrou experiências de faz de conta, enquanto as vivências inspiradas em saberes indígenas ampliaram o respeito à diversidade cultural.

As famílias participaram de forma colaborativa, contribuindo com materiais simples e elementos naturais utilizados nas atividades, além de compartilharem saberes do cotidiano, como o uso de alimentos e ervas. Também estiveram presentes em oficinas, que tiveram duração de uma hora, voltadas à produção de brinquedos com materiais recicláveis, acompanhadas de conversas sobre consciência ambiental e gestão sustentável de resíduos.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Um dos principais desafios da iniciativa foi desenvolver ações de educação climática com metodologias adequadas à primeira infância, considerando a realidade da comunidade da Estância e os desafios socioambientais presentes no território.

Para isso, a escuta sensível e a observação permanente das crianças foram elementos centrais do trabalho pedagógico. Gestos, falas, interesses e iniciativas espontâneas eram considerados no planejamento das propostas. A observação de atitudes como regar plantas, acompanhar o crescimento do milho ou demonstrar interesse por elementos da natureza ajudou a orientar os caminhos percorridos ao longo do projeto.

Nas brincadeiras e nas vivências corporais, cada criança pôde participar de acordo com suas possibilidades, respeitando seus tempos e formas de expressão, favorecendo a participação de crianças com deficiência. A iniciativa também fortaleceu o respeito às diferenças e à diversidade cultural por meio da construção da oca e de vivências inspiradas em saberes indígenas, referências presentes na obra *Infância na Aldeia*, utilizada como uma das inspirações da proposta.

Ao relacionar o cotidiano com os desafios ambientais presentes na comunidade, o projeto promoveu experiências sobre o cuidado com o ambiente, o descarte adequado de resíduos e o uso consciente da água, aproximando os(as) pequenos(as) de temas ligados à responsabilidade ambiental desde os primeiros anos de vida.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

Ao final do percurso, a iniciativa consolidou experiências que integraram natureza, cultura e educação climática de forma significativa.

O cuidado diário com as plantas, por exemplo, promoveu aprendizado sobre o uso consciente da água, incentivando atitudes de economia e evitando desperdícios no cotidiano escolar. Assim como o contato contínuo com elementos naturais favoreceu o desenvolvimento de atitudes de curiosidade e pertencimento, fortalecendo vínculos afetivos com a natureza e a interação com seus ciclos e fenômenos.

As vivências realizadas mostraram que temas relacionados às mudanças climáticas e à sustentabilidade podem ser trabalhados desde a primeira infância por meio de experiências concretas, sensoriais e contextualizadas. A proposta também evidenciou a importância dos espaços externos como ambientes educativos e reafirmou o papel da natureza como parte fundamental do desenvolvimento integral das crianças.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Maria Juliana Gomes Arandas (proponente), Maria Juliana Gomes Arandas (professora do Grupo GIIB), Ketsia Sabrina do Nascimento Marinho (professora do Grupo GIA), Andreia Custodio Porto (gestora pedagógica), Adriane Maria Tavares de Lima (coordenadora), Isleide Cristina Barros da Rocha (vice-gestora), Raissa Maria Costa, Marina Lima da Silva, Silvana Maria da Silva, Rosa de Lourdes Cordeiro, Jacira Conceição de Santana e Edilene Claudino Bezerra (Auxiliares de Desenvolvimento Infantil).



Recife Alerta

EMTI Reitor João Alfredo - Recife (PE)
Anos Finais do Ensino Fundamental



CONEXÃO ENTRE TERRITÓRIO E TECNOLOGIA

Conviver com alagamentos, enchentes e deslizamentos é uma realidade que marca o cotidiano de muitas comunidades recifenses. O diagnóstico da própria escola mostra picos de absenteísmo nos dias de chuva intensa, motivados não só pelo trânsito paralisado, mas pelo medo: muitos(as) estudantes moram em áreas de risco e encostas mapeadas pela Defesa Civil.

Diante desse cenário, a escola decidiu transformar um desafio vivido diariamente pela comunidade em aprendizagem, investigação e construção coletiva de soluções. Com a proposta de compreender melhor a relação entre clima, território e qualidade de vida, começou-se um processo de investigação e pesquisa que culminou com a construção de um aplicativo de celular.

Mais do que estudar as mudanças climáticas a partir da literatura existente, a intenção era que os(as) estudantes investigassem como elas afetam o cotidiano das pessoas e como o conhecimento pode contribuir para a prevenção de riscos e para o fortalecimento da resiliência comunitária.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O desenvolvimento do projeto Recife Alerta foi gradual. O primeiro passo ocorreu por meio da pergunta “Tá Alagado?”, que introduziu o problema dos alagamentos e ajudou os(as) estudantes a compreenderem cientificamente o impacto das inundações da cidade. Por meio de rodas de diálogo, análise de mapas de risco da Defesa Civil e observação dos trajetos entre casa e escola, eles(as) investigaram a hidrografia, o relevo e a ocupação urbana da capital pernambucana.

No segundo semestre, a experiência ganhou novos contornos com o tema “Recife: Cidade do Mangue”. Nessa etapa, o foco voltou-se para a relação entre a cidade, os rios, as marés e o manguezal. As atividades de campo permitiram que os(as) estudantes observassem diretamente a dinâmica das águas, refletissem sobre a impermeabilização do solo e produzissem documentários sobre a percepção da comunidade em relação ao mangue e às enchentes.

Ao longo desse percurso, referências ligadas à identidade recifense ajudaram a ampliar a leitura do território. A obra *Homens e Caranguejos*, de Josué de Castro, contribuiu para a compreensão de que a vulnerabilidade urbana possui raízes históricas e socioespaciais. A poesia de João Cabral de Melo Neto, sobretudo *Cão Sem Plumas*, ajudou os(as) estudantes a enxergar o Capibaribe não apenas como um rio que transborda, mas como uma espécie de ser vivo que atravessa e divide as classes sociais da cidade. Já Chico

Science e o movimento Mangubeat inspiraram a aproximação entre cultura, tecnologia e realidade local. Essas referências fortaleceram uma leitura crítica e afetiva da cidade, ampliando o sentimento de pertencimento.

Em 2026, teve início a fase de desenvolvimento do aplicativo Recife Alerta. A ferramenta não surgiu como um produto isolado, mas como resultado de mais de um ano de pesquisa sobre a cidade, suas águas e suas vulnerabilidades. Depois de compreenderem a geografia das inundações, os(as) estudantes foram provocados(as) a construir uma solução prática para responder aos desafios identificados.

Os(as) alunos(as) foram cocriadores(as) da ferramenta. Em rodas de conversa e atividades de mapeamento dos trajetos entre casa e escola, identificaram os principais problemas enfrentados pela comunidade nos dias de chuva. A partir dessas discussões, concluíram que seria essencial reunir em um único sistema informações sobre previsão do tempo, tábua de marés e alertas da Defesa Civil.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Toda a pesquisa permitiu que os(as) estudantes tivessem uma visão global do território para chegar à solução do aplicativo. Durante as pesquisas, por exemplo, descobriram que os impactos das chuvas não acontecem da mesma forma em toda a cidade. Ao estudarem a bacia do Capibaribe, as áreas de morro, planícies e a influência das marés, compreenderam que os eventos extremos afetam diferentes grupos sociais de maneira desigual. Uma descoberta que fortaleceu a discussão sobre justiça climática e ampliou a leitura crítica do território.

Eles(as) também puderam perceber que, na realidade geográfica de Recife, uma chuva moderada pode ganhar um potencial destrutivo muito maior quando ocorre durante períodos de maré alta. Essa constatação, construída a partir da observação do território e da análise de dados, tornou-se um dos elementos centrais da lógica do aplicativo.

Foi assim, por exemplo, que os(as) estudantes entenderam por que a comunidade dos Coelhos, historicamente afetada pelas inundações do Capibaribe, sofre mais com os efeitos da combinação entre chuva e maré alta do que outras áreas da cidade.

O uso da tecnologia trouxe novos aprendizados. Ao desenvolver a ferramenta, interpretaram dados meteorológicos, analisaram gráficos, compreenderam índices pluviométricos e tiveram de refletir sobre formas de comunicar informações relevantes para a comunidade. A inteligência artificial também foi utilizada como apoio à aprendizagem, auxiliando na organização das informações, na estruturação da lógica de cruzamento de dados e no desenho da interface do aplicativo.

A preocupação com a inclusão esteve presente durante todo o processo. Estudantes com deficiência participaram da avaliação da usabilidade da ferramenta e contribuíram para a criação de recursos acessíveis, como alertas multissensoriais, compatibilidade com leitores de tela e diferentes formas de comunicação. Algumas questões apontadas foram: um alerta apenas visual não protege uma pessoa cega, e um alerta apenas sonoro é ineficaz para uma pessoa surda, o que levou à inclusão de vibração, contrastes de cor adequados e compatibilidade com leitores de tela.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

O aplicativo continua em desenvolvimento. Nas próximas etapas, além da apresentação para a comunidade escolar, a proposta prevê o envolvimento dos(as) moradores(as) da comunidade na validação da linguagem e da usabilidade da ferramenta, fortalecendo seu caráter participativo e comunitário.

Mais do que um aplicativo, o Recife Alerta fortaleceu o protagonismo estudantil, a ciência cidadã e aprofundou a compreensão sobre os desafios climáticos que fazem parte da realidade local. Os(as) estudantes também tiveram a chance de observar



o território com mais atenção, interpretar informações científicas, relacionar dados ambientais com situações concretas e reconhecer a importância dos saberes construídos pelas comunidades.

A natureza deixou de ser vista apenas como uma ameaça e passou a ser compreendida, respeitada e vivenciada como parte fundamental da vida urbana e da identidade recifense.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Pedro Felipe Cavalcanti dos Santos (proponente), docentes de Ciências (Amaro e Ancelmo), História (Ricardo), Geografia (Pedro) e Matemática (Rodrigo e Zyure).



Raízes e Descobertas: Cheiro, cores e texturas do nosso quintal!

CMEI Alcides Restelli Tedesco – Recife (PE)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)



DO ACOLHIMENTO ÀS DESCOBERTAS

O projeto Raízes e Descobertas nasceu a partir da observação cotidiana de um grupo de crianças de 1 a 2 anos que vivenciava o período de acolhimento e readaptação no segundo semestre de 2025. Em meio aos desafios próprios dessa etapa, a educadora percebeu que as experiências vividas nos espaços externos do CMEI despertavam maior interesse, tranquilidade e envolvimento por parte das crianças. Jardins, árvores, animais e outros elementos presentes no ambiente passaram a revelar possibilidades de interação que nem sempre surgem nos espaços internos.

Desenvolvida entre agosto e outubro de 2025, a iniciativa teve o Dia da Árvore como marco articulador e transformou situações cotidianas, como observar um animal, acompanhar o crescimento de uma planta ou explorar folhas e sementes encontradas no jardim, em oportunidades de expressão e construção de vínculos com a natureza.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Os caminhos do projeto foram construídos a partir de descobertas das próprias crianças. Nesse processo, em vez de materiais industrializados, elementos encontrados no ambiente foram usados, como folhas, flores, sementes, gravetos, terra, água, argila e pedras, que deixaram de ser apenas parte da paisagem para se tornar recursos de criação e conhecimento.

As crianças observaram jabutis, galinhas, galos e pintinhos, acompanharam o crescimento de espécies vegetais e exploraram diferentes fenômenos naturais por meio de experiências com água, gelo, lama e espuma.

No Ateliê de Pigmentos, as crianças também puderam manusear os frutos, grãos e pós in natura antes de fazer as tintas naturais com urucum, açafrão, carvão e café, em um processo de descoberta sensorial. Quengas de coco (as cascas duras) serviram como recipientes para misturas e experimentações, enquanto folhas e galhos foram transformados em pincéis e carimbos.

Em outras vivências, a exploração de água em diferentes temperaturas e estados físicos permitiu investigar sensações corporais, flutuação, derretimento e mudanças de consistência de forma lúdica. As experiências com gelo colorido, lama e argila ampliaram as possibilidades de investigação sensorial, estimulando o contato com texturas, temperaturas e materiais encontrados na natureza.

Momentos de leitura, música e contação de histórias passaram a acontecer sob a sombra das árvores, ampliando a ocupação dos espaços verdes da instituição. As crianças também participaram de brincadeiras simbólicas com terra, flores e folhas,

além de realizarem pinturas corporais com argilas de diferentes cores.

Elementos recolhidos durante as explorações foram incorporados à construção de móveis que permaneceram expostos em sala de aula. Nessa construção, a professora usou palitos de madeira selados com adesivo termoplástico formando quadrantes, com fita adesiva translúcida exposta para as crianças fixarem elementos naturais. Depois uniu quatro quadrantes formando as laterais de um cubo e pendurou-o no teto da sala. A documentação das descobertas também fez parte do percurso.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Um dos desafios do projeto foi justamente construir experiências significativas para crianças que ainda estavam se readaptando à rotina escolar, o que aconteceu ampliando a interação com a área externa, seus animais e plantas.

Com essa alteração na rotina dos pequenos e pequenas, a equipe de apoio e limpeza passou a adaptar suas rotinas para preservar espaços e materiais utilizados nas investigações das crianças. As famílias colaboraram com a coleta e o envio de sementes, flores e gravetos e passaram a enxergar esses elementos como recursos pedagógicos, além de serem convidadas a ocupar os espaços verdes do CMEI.

O acompanhamento do milho cultivado por outra turma também fortaleceu a interação entre grupos e ampliou a percepção das crianças sobre os ciclos de crescimento e transformação presentes na natureza.

O contato frequente com os ambientes externos contribuiu para a construção de vínculos mais estreitos com o espaço escolar e para a ampliação do protagonismo infantil. Algumas das atividades foram caminhadas descalços(as) pela terra e grama, com audição de pássaros e visualização de borboletas e joaninhas; observação do ciclo de vida da minhoca com busca ativa no jardim e posterior colagem usando folhas para compor o corpo do animal; exploração do Circuito da Natureza com elementos trazidos pelas famílias de casa, onde os(as) pequenos(as) transpunham obstáculos para coletar itens e montar um painel coletivo.

As experiências favoreceram o bem-estar coletivo e a redução dos níveis de agitação observados no grupo, fortalecendo a participação das crianças nas atividades e sua relação com o ambiente.

O QUE FICOU DA EXPERIÊNCIA

Ao final do percurso, a natureza se consolidou como parte integrante das experiências educativas do CMEI. O projeto também ampliou a compreensão sobre o potencial educativo dos espaços externos. Elementos frequentemente vistos como resíduos ou materiais sem valor passaram a ser reconhecidos como recursos capazes de mobilizar aprendizagens, expressões artísticas e experiências sensoriais. Ao mesmo tempo, a participação de famílias e equipe de apoio mostrou que o cuidado com a natureza e com os espaços coletivos pode ser construído de forma compartilhada e coletiva.

A experiência reafirmou a importância da valorização dos interesses das crianças como ponto de partida para a construção de percursos educativos significativos. Também fortaleceu a compreensão de que a natureza pode atuar como um “terceiro educador”, oferecendo oportunidades permanentes de descoberta, cuidado, criação e aprendizagem.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Alexia Maria dos Santos Silva (proponente) e oito auxiliares de desenvolvimento infantil (ADI).



Raízes no Ar, Saberes na Terra: Hortas Suspensas como Estratégia Sustentável e Criativa de Aprendizagem

Escola Municipal Santa Edwiges - Recife (PE)
Anos Iniciais do Ensino Fundamental



PLANTANDO IDEIAS

Em uma escola com áreas reduzidas para o cultivo, surgiu o projeto Raízes no Ar, Saberes na Terra. A ideia central foi aproximar as crianças da natureza sem precisar de grandes espaços. Dessa necessidade, nasceu a proposta das hortas suspensas, transformando paredes e áreas pouco utilizadas em locais de observação, cuidado e aprendizagem.

Para sua execução, a iniciativa se apoiou em referências ligadas à Educação Ambiental, à Educação Baseada na Natureza e à valorização dos saberes do cotidiano, como o artigo Horta para Aprender: Espaço na Escola para Práticas de Educação Ambiental e de Cidadania (Fortuna, 2007) e a Política de Ensino da Rede Municipal do Recife, que reforçam a horta escolar como prática de educação ambiental e cidadania.

Mais do que cultivar hortaliças, a proposta buscou criar experiências significativas em que os(as) estudantes pudessem aprender fazendo, observando e participando das decisões. Havia ainda o desejo de transformar o cinza do concreto em espaços mais verdes, capazes de despertar a curiosidade e o sentimento de pertencimento dos(as) estudantes.

O percurso começou com a etapa “Plantando Ideias” (que durou um mês). Em rodas de conversa, as crianças compartilharam conhecimentos sobre plantas, alimentação e cultivo, levantaram dúvidas e discutiram formas de tornar a escola mais verde. Pesquisaram sobre hortas suspensas, conheceram exemplos dessa prática e percorreram os espaços da unidade escolar para identificar onde a estrutura poderia ser instalada. Aos poucos, aquilo que começou como uma conversa foi se transformando em um projeto construído coletivamente.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Com as ideias organizadas, chegou o momento de colocá-las em prática. Na etapa “Mãos à Terra”, os(as) estudantes assumiram papel central na construção da horta. A primeira missão foi mobilizar o bairro para arrecadar os materiais necessários. Com o apoio das famílias e dos vizinhos, coletaram garrafas PET e cordas que mais tarde seriam transformadas nos canteiros suspensos.

A montagem das estruturas foi acompanhada pelos(as) professores(as) e envolveu planejamento e trabalho em equipe. Enquanto construíam os canteiros elevados no muro lateral da escola, as turmas também estudavam as características das sementes e mudas que poderiam ser cultivadas naquele espaço. A parceria com a Secretaria Executiva de Agricultura Urbana do Recife garantiu as sementes, as mudas e os substratos para o plantio.

A escolha das hortaliças também contou com a participação dos(as) estudantes, que compartilharam conhecimentos trazidos de casa e contribuíram para as decisões

sobre o cultivo. Depois do plantio, a horta passou a fazer parte da rotina da escola. Organizados em grupos, os(as) estudantes participaram das regas semanais, acompanharam o desenvolvimento das mudas e registraram suas observações em diários de bordo.

Também mediam o crescimento das plantas com o uso de réguas e comparavam os resultados ao longo das semanas, observando mudanças provocadas pelo clima e percebendo, por exemplo, que os períodos mais quentes exigiam maior atenção com a água e os cuidados diários. Assim, a horta tornou-se um espaço permanente de observação, investigação e aprendizagem.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Ao longo do projeto, as descobertas foram além do cultivo das hortaliças. As crianças passaram a observar com mais atenção a relação entre natureza, clima e qualidade de vida, compreendendo na prática temas como sustentabilidade, reaproveitamento de materiais e uso consciente da água.

As experiências vividas também favoreceram reflexões sobre a importância das áreas verdes nos espaços urbanos. Aos poucos, os(as) estudantes compreenderam que iniciativas simples, como as hortas suspensas, podem contribuir para tornar os ambientes mais agradáveis, ampliar a presença da vegetação e fortalecer atitudes de cuidado com o ambiente.

Outro aspecto importante foi a valorização dos saberes presentes no território. Muitas famílias compartilharam experiências relacionadas ao cultivo de plantas, e esses conhecimentos passaram a fazer parte das conversas e decisões do grupo. Em vários momentos, os(as) estudantes levaram para a escola informações aprendidas em casa, fortalecendo a conexão entre os conhecimentos escolares e os saberes da comunidade.

A iniciativa também se destacou pelo compromisso com a inclusão. Estudantes com TEA participaram por meio de experiências sensoriais ligadas ao toque, aos aromas e à observação das plantas, fortalecendo a convivência.

Com o passar dos meses, os espaços externos deixaram de ser apenas áreas de circulação e passaram a funcionar como ambientes educativos permanentes, ampliando as oportunidades de aprendizagem para além da sala de aula. O território também passou a ser reconhecido não apenas como cenário, mas como fonte de conhecimento, identidade e pertencimento.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

Após quase seis meses de trabalho, chegou o momento da colheita. As hortaliças cultivadas pelos(as) próprios(as) estudantes foram observadas, degustadas e compartilhadas, simbolizando o resultado de um trabalho coletivo. E foram os(as) próprios(as) estudantes que sugeriram levar parte da colheita para casa, proposta acolhida pela escola, que ampliou o vínculo com as famílias.

Além dos alimentos, os(as) estudantes levaram conhecimentos e práticas aprendidos ao longo do projeto, despertando interesse em reproduzir pequenas hortas em casa, demonstrando o potencial multiplicador da iniciativa.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS

Maphi Vasconcelos Vanderlei Jamil (proponente) e oito professores(as) de todas as turmas da escola (do 1º ao 5º ano, manhã e tarde).



“Esse Suco É de quê?” Uma Investigação das Crianças sobre Frutas, Sabores e Sementes

Creche Escola Municipal Dorgiane dos Santos Xavier de Souza – Recife (PE)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)



UMA MESMA PERGUNTA, MUITO A DESCOBRIR

O projeto começou em uma situação cotidiana observada durante o momento das refeições. Ao consumirem os sucos naturais presentes no cardápio da escola, as crianças passaram a repetir a mesma pergunta: “Esse suco é de quê?”.

A recorrência dessa fala revelou não apenas uma curiosidade espontânea, mas também uma oportunidade de aprendizagem. A partir da escuta atenta desse interesse, a equipe pedagógica percebeu que muitas crianças, embora tivessem contato frequente com as frutas, apresentavam dificuldade em reconhecê-las, nomeá-las, diferenciá-las por suas características sensoriais e compreender aspectos básicos de sua composição, como sementes, cascas e polpas.

Diante desse diagnóstico, o que até então era vivenciado como uma rotina passou a ser compreendido como um potente campo de investigação, transformando curiosidades em um percurso investigativo intencional, ampliando o conhecimento das crianças sobre os alimentos que consomem, incentivando hábitos alimentares saudáveis e fortalecendo a conexão com a natureza.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Ao longo de cinco semanas, a investigação foi sendo construída coletivamente por meio de metodologias baseadas na escuta sensível, na experimentação, na observação e na participação ativa das crianças. O percurso teve início com rodas de conversa, nas quais compartilharam hipóteses, lembranças e conhecimentos sobre as frutas presentes em seu cotidiano. Em seguida, passaram a explorar os alimentos por meio da observação de cores, formatos, tamanhos e aromas.

Na etapa seguinte, as frutas foram abertas para que as crianças pudessem observar seus interiores. O contato direto com polpas, cascas e sementes ampliou a curiosidade do grupo e gerou novas perguntas. Durante a abertura de um maracujá, por exemplo, uma criança comentou: “Tem muitas bolinhas!”, enquanto outra perguntou: “Isso aqui vira outra fruta?”. A partir dessas falas, a investigação passou a incorporar o estudo das sementes e dos processos de crescimento das plantas.

As degustações também se tornaram momentos ricos de aprendizagem. Ao experimentar diferentes sabores, as crianças expressaram suas percepções com espontaneidade: “esse é azedo”, “esse é doce” ou “não gostei desse”. Essas experiências favoreceram a ampliação do vocabulário, a comparação entre características dos alimentos e o respeito às diferenças, uma vez que cada criança pôde manifestar livremente suas preferências sem imposições.

O protagonismo infantil esteve presente em todo o percurso. As crianças participaram de votações para escolher a receita que seria preparada e a fruta que gostariam de plantar. Também acompanharam todas as etapas do plantio, desde a manipulação da terra no vaso até a rega e os cuidados cotidianos com a muda. Assim, não apenas vivenciaram as experiências, mas influenciaram diretamente os caminhos do projeto.

As propostas foram planejadas para possibilitar múltiplas formas de participação. Em situações de degustação, crianças que demonstraram resistência em experimentar determinados sabores foram respeitadas em suas escolhas, participando de outras maneiras, seja observando, descrevendo suas características ou manipulando os alimentos.

As experiências aconteceram também para além das paredes da sala de aula, utilizando a cozinha, a horta e o quintal como ambientes de investigação. Inspirada pela Educação Baseada na Natureza e por autoras como Maria da Graça Horn, Maria Carmen Barbosa e Léa Tiriba, a proposta reconheceu os espaços externos como territórios de aprendizagem, nos quais as crianças podem explorar, investigar, brincar e construir vínculos afetivos com o ambiente.

As famílias foram envolvidas desde o início por meio do compartilhamento das descobertas das crianças. Ao levarem para casa a pergunta 'Esse suco é de quê?', muitas passaram a dialogar com seus familiares sobre as frutas.

As crianças relacionavam as frutas às suas experiências fora da escola, trazendo elementos do território em falas como "lá na minha casa tem pé de goiaba", "minha avó faz suco desse" ou "já comi esse, tia". Essas contribuições iam sendo incorporadas às propostas pedagógicas, valorizando os conhecimentos construídos fora do espaço escolar. As famílias também contribuíram compartilhando informações sobre alimentos consumidos em casa.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Não apenas ao questionar o suco do dia, mas ao longo de todo o percurso, rodas de conversa, observações e falas espontâneas das crianças orientaram os desdobramentos do projeto.

Assim, a escuta não se limitou ao início da proposta, mas permitiu que a investigação fosse sendo construída com as crianças, a partir de seus interesses, hipóteses e descobertas.

Nesse sentido, um dos desafios foi acompanhar os movimentos investigativos do grupo sem antecipar respostas ou conduzir rigidamente as experiências. Assim, quando uma criança perguntou, ao observar sementes de goiaba, "Dá pra plantar?", abriu-se um novo caminho de investigação que levou ao plantio e ao acompanhamento do crescimento da muda.

O plantio e cuidado com a muda também trouxeram para o projeto temas relacionados aos ciclos naturais. Ao perceberem que a planta precisava de água, luz solar e tempo para crescer, as crianças passaram a observar com mais atenção as relações entre clima, ambiente e vida. Em dias mais quentes, por exemplo, percebiam a necessidade de regar com maior frequência.

O QUE FICOU DA EXPERIÊNCIA

A investigação mostrou que momentos cotidianos, como a alimentação, podem se transformar em oportunidades para ampliar conhecimentos, fortalecer hábitos saudáveis e promover o contato com a natureza. Também evidenciou a potência do protagonismo infantil na construção das aprendizagens.

Ao terem suas perguntas acolhidas e suas escolhas consideradas, as crianças participaram ativamente da definição dos rumos do projeto, fortalecendo sua autonomia,



curiosidade e capacidade investigativa.

Outro legado importante foi o fortalecimento dos vínculos entre escola, famílias e território. As crianças trouxeram para as conversas experiências vividas em casa, compartilhando histórias sobre frutas presentes em seu cotidiano, receitas familiares e memórias relacionadas à alimentação.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Emanuela Bernardino da Silva (proponente), professoras, coordenadora pedagógica, auxiliares de educação infantil, gestora e vice-gestora, cozinheiras.



BioEscola 360°: a Ciência que Nasce do Solo e Transforma a Comunidade

EMTI Maria de Sampaio Lucena – Recife (PE)
Anos Finais do Ensino Fundamental



O CICLO DA TRANSFORMAÇÃO

Diante da necessidade de transformar problemas concretos do território, nasceu o projeto BioEscola 360°. A iniciativa foi desenvolvida em uma comunidade marcada por desafios ambientais, sociais e de saúde pública, especialmente relacionados ao descarte inadequado de resíduos, à vulnerabilidade às arboviroses e ao afastamento dos(as) estudantes em relação à natureza e seus ciclos.

O diagnóstico realizado pela escola revelou que áreas externas da escola vinham sendo utilizadas apenas para armazenar entulhos, enquanto as sobras orgânicas da merenda eram descartadas de forma incorreta. Ao mesmo tempo, a comunidade do Ibura apresentava vulnerabilidade acentuada a doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*, situação agravada pelas condições ambientais do território.

Outro aspecto identificado foi o distanciamento dos(as) estudantes em relação à natureza e aos processos de preservação ambiental. Somava-se a isso a necessidade de ampliar perspectivas de geração de renda e fortalecer o vínculo entre escola, comunidade e território.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O trabalho foi organizado em etapas complementares e articuladas entre si.

Etapla 1 – Solo e Cultura (fevereiro a março e julho a agosto)

O primeiro movimento consistiu na recuperação dos espaços externos da escola e na construção de uma relação mais próxima com a terra. Entre as ações desenvolvidas destacam-se:

- Revitalização de áreas anteriormente ocupadas por entulhos e lixo;
- Implantação da horta agroecológica e do pomar;
- Preparação do solo e manejo dos canteiros;
- Plantio simbólico do milho no Dia de São José;
- Discussão sobre meteorologia, ciclos das chuvas e calendário agrícola regional;
- Valorização dos saberes ancestrais e da relação histórica do povo nordestino com a natureza.

Etapla 2 – Gestão do Biodigestor e Economia Circular (atividade contínua)

A segunda etapa consolidou o modelo de circularidade que se tornou uma das marcas da iniciativa. Os(as) estudantes assumiram responsabilidades permanentes relacionadas ao funcionamento do biodigestor (doado pela Prefeitura da cidade), incluindo:

- Coleta dos resíduos orgânicos da merenda escolar;
- Alimentação diária do sistema;
- Monitoramento da pressão do biogás;
- Acompanhamento da produção de biofertilizante;
- Utilização dos insumos produzidos para fortalecer a horta.

Paralelamente, os(as) estudantes calculam a redução das emissões de gases de efeito estufa resultante do desvio dos resíduos da merenda para o biodigestor, conectando a prática ao ODS 13.

Etapas 3 – Laboratório e Química Verde (maio a setembro)

Nesta etapa, o laboratório de Ciências tornou-se espaço de experimentação e produção. Entre as atividades realizadas destacam-se:

- Extração de óleos essenciais da citronela;
- Manipulação de plantas para produção de bioprodutos;
- Processo de saponificação (processo utilizado para a fabricação de sabões e sabonetes) da babosa;
- Estudo de práticas de Química Verde;
- Produção de repelentes de citronela destinados às famílias da comunidade.

Etapas 4 – Culminância e Empreendedorismo (julho e dezembro)

A etapa final, que ocorre a cada fim de semestre letivo, promoveu a socialização dos conhecimentos e o fortalecimento da autonomia estudantil. As principais ações incluíram:

- Realização da Feirinha de Empreendedorismo BioEscola;
- Comercialização de produtos desenvolvidos pelos(as) estudantes;
- Discussão sobre educação financeira;
- Tomada de decisões sobre reinvestimento de parte da renda gerada;
- Divulgação das experiências para a comunidade escolar.

Ao longo de todas as etapas, também foi desenvolvido o projeto Horta em Casa, por meio do qual os(as) estudantes levaram mudas e sementes para suas residências, envolvendo familiares no cultivo de alimentos e na construção de hortas utilizando materiais recicláveis.

Há registros de uma estudante colhendo coentro cultivado em casa “para mainha colocar no feijão”, e de famílias que utilizam galões de garrafa PET, canos velhos e caixas d’água antigas para montar hortas domésticas, além de aprenderem a fabricar composteiras no balde com os(as) próprios(as) filhos(as).

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Um dos principais desafios enfrentados foi transformar uma cultura de descarte em uma cultura de regeneração. A escola precisou converter espaços degradados em ambientes de aprendizagem, ao mesmo tempo em que mobilizou estudantes, famílias e comunidade para novas formas de relação com os resíduos, a alimentação e a natureza.

Outro desafio importante foi tornar os(as) estudantes protagonistas de processos que exigiam responsabilidade contínua, como a gestão do biodigestor, o cuidado com a horta e a manutenção das ações desenvolvidas ao longo do ano.

A participação das famílias também exigiu construção gradual. Entretanto, o projeto



conseguiu ampliar esse envolvimento por meio do Horta em Casa, da produção de composteiras domésticas e do compartilhamento de conhecimentos sobre cultivo e reaproveitamento de materiais.

As transformações observadas foram significativas. Na escola, áreas antes ocupadas por lixo passaram a funcionar como horta agroecológica, pomar e sistema de biodigestão. O espaço escolar transformou-se em laboratório vivo, onde teoria e prática passaram a caminhar juntas.

Entre os(as) estudantes, observou-se o fortalecimento do protagonismo, do senso de responsabilidade e da participação nas atividades de monitoria. A experiência também revelou impactos positivos relacionados ao bem-estar, especialmente entre estudantes neurodivergentes, que encontraram no cuidado com a horta oportunidades de maior concentração e envolvimento. Uma mãe relatou que a monitoria na horta ajudou seu filho com hiperatividade a ter mais calma e concentração nas tarefas.

Na comunidade, os conhecimentos produzidos ultrapassaram os muros da escola. As famílias passaram a cultivar alimentos em casa, utilizar materiais recicláveis para construção de hortas domésticas e produzir soluções sustentáveis para o tratamento de resíduos orgânicos.

A iniciativa também fortaleceu a prevenção em saúde por meio da distribuição de repelentes de citronela para famílias vulneráveis.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

A experiência deixou como legado espaços regenerados, conhecimentos compartilhados e uma cultura de cuidado construída coletivamente. Os(as) estudantes passaram a compreender que resíduos podem ser transformados em recursos, que a natureza pode ser uma infraestrutura de aprendizagem e que a ciência pode dialogar com os saberes ancestrais presentes em suas próprias famílias.

Nas residências, o projeto colaborou com práticas como hortas domésticas e compostagem, gerando fortalecimento da segurança alimentar e maior participação das famílias nos processos educativos.

Na escola, consolidou-se uma metodologia baseada no protagonismo estudantil, na aprendizagem prática e na integração entre currículo, território e sustentabilidade.

Mais do que um projeto escolar, a iniciativa — transformando resíduos em biogás, biofertilizante, alimentos, repelentes e oportunidades de empreendedorismo — tornou-se uma tecnologia social capaz de inspirar outras escolas a transformar desafios locais em experiências de aprendizagem e desenvolvimento sustentável.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Dione Maria dos Santos Nascimento (Ciências), Amaro Antônio da Silva (Língua Portuguesa/Gestão Escolar)



Que Horta! Cultivando Saberes e Semeando Histórias

Escola Municipal Alto Santa Terezinha – Recife (PE)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)



PREPARANDO A TERRA

Quando passou por um processo de requalificação estrutural que resultou na perda dos jardins e das pequenas plantações que faziam parte do entorno da unidade, a escola sentiu impactos no dia a dia. A transformação, apesar de necessária, acendeu nos(as) educadores(as) a urgência de reconstruir essa relação das crianças com os espaços verdes.

Diante desse cenário, foi implementado este projeto com o objetivo de ensinar às crianças o valor de cultivar uma horta na escola. Mais do que uma atividade pontual, a proposta foi concebida como um processo de aprendizagem coletiva, no qual o contato direto com a terra, o cuidado com os alimentos e o respeito ao tempo da natureza estariam no centro das experiências vividas.

A iniciativa teve como importante inspiração os livros “Que Horta!” e “A Cesta de Dona Maricota”, de Tatiana Belinky. Quando a história foi lida em roda pela primeira vez, as crianças fizeram a pergunta que deu o tom de todo o percurso: “Será que os legumes dormem debaixo da terra?”.

Essa curiosidade foi acolhida não como fantasia, mas como hipótese científica, e transformada em experimento de observação. Assim, a literatura infantil se tornou um disparador do conhecimento, despertando a curiosidade das crianças sobre os alimentos, as plantas e seus ciclos de vida. A partir das histórias, foram construídas investigações, conversas, hipóteses e experiências que conectaram imaginação, observação e aprendizagem.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

A experiência foi desenvolvida com duas turmas do Grupo IV, com crianças de 4 a 5 anos, entre maio e dezembro de 2025 e estruturada como uma atividade permanente, articulando diferentes metodologias e campos de aprendizagem da Educação Infantil.

A ação pedagógica começou com uma etapa de imersão literária e investigação linguística. Por meio da leitura mediada dos livros de Tatiana Belinky, as crianças exploraram rimas, palavras, imagens e narrativas. As rodas de conversa permitiram ampliar o repertório oral e estimular a curiosidade sobre a origem e as características dos alimentos presentes nas histórias.

Em seguida, teve início a preparação do território e o plantio, em que as crianças saíram da sala de aula para observar a terra, cavar, sentir a textura do solo, percebendo sua umidade, transportando mudas e realizando o plantio. Foram cultivadas espécies escolhidas coletivamente, entre elas capim-santo, hortelã e boldo-do-chile. Durante as etapas de manejo da terra, a escola também buscou inspiração e a orientação de profissionais da região, com experiência no plantio, como um engenheiro agrônomo da comunidade.

A escolha das plantas não ocorreu de forma aleatória. Foi construída a partir dos saberes das famílias e dos relatos sobre ervas utilizadas em chás e cuidados cotidianos. A participação das crianças esteve presente em todas as etapas. Elas votaram para escolher as sementes, decidiram os nomes dos canteiros e criaram placas de identificação utilizando desenhos e escrita emergente. Esse processo favoreceu o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, ao mesmo tempo em que fortaleceu o sentimento de pertencimento em relação à horta, promovendo atitudes de cooperação, participação e cuidado coletivo com os espaços comuns.

Ao longo do processo, a documentação pedagógica ocupou lugar de destaque. As turmas produziram um Diário de Bordo Coletivo, no qual foram registrados desenhos, hipóteses, observações e descobertas. Semanalmente, o grupo se reunia para decidir coletivamente o que seria registrado no Diário.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

A horta virou um laboratório vivo para experiências relacionadas à educação climática. As crianças passaram a observar como as plantas respondiam às mudanças do tempo, acompanhando fenômenos como calor, umidade e incidência solar.

Uma descoberta significativa ocorreu quando perceberam que a terra da horta permanecia mais fria do que o solo concretado do parque, favorecendo discussões sobre a importância das áreas verdes e da umidade do solo.

O contato cotidiano com as ervas medicinais também gerou importantes aprendizagens. Ao observar aromas, texturas e características das plantas, as crianças relacionavam essas experiências aos conhecimentos compartilhados por seus familiares.

Outro aspecto importante foi a valorização da participação de todas as crianças. As tarefas foram distribuídas de forma equitativa, respeitando ritmos, habilidades e formas de expressão. A identificação das plantas, por exemplo, não se limitou à escrita convencional. Desenhos, cores e elementos táteis (como sementes, folhas secas, areia) foram incorporados às placas sinalizadoras, permitindo que crianças com características diversas participassem e se reconhecessem como protagonistas da experiência. Crianças com deficiências ou neuroatipicidades também encontraram no estímulo sensorial (aromas, texturas das ervas) um caminho de aprendizagem e expressão singular.

O QUE FICOU DA EXPERIÊNCIA

O legado mais evidente do projeto foi a reconstrução do vínculo afetivo das crianças com a natureza. Em um contexto marcado pela perda desses espaços, a horta tornou-se um local de encontro, descoberta e pertencimento.

A experiência demonstrou ainda como a literatura pode atuar como ponto de partida para aprendizagens significativas, transformando histórias em investigações concretas e experiências sensoriais. Também evidenciou a potência da escuta das crianças como elemento estruturante do trabalho pedagógico, uma vez que perguntas, hipóteses e interesses infantis orientaram decisões e percursos ao longo de todo o projeto.

O Diário de Bordo Coletivo permaneceu como registro das memórias, descobertas e aprendizagens construídas pelas turmas. Já a Feira Pedagógica consolidou esse percurso ao abrir a escola para a comunidade e permitir que as crianças assumissem o papel de guias da horta, apresentando as plantas, registros e evidências de seu trabalho.

Uma iniciativa com potencial de replicabilidade, na qual o uso da literatura infantil como disparador, os registros no Diário de Bordo e a horta com ervas medicinais são estratégias de baixo custo, adaptáveis a diferentes contextos.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Júlio César Patrício Saldanha Silva (proponente), gestoras escolares Maria José Albuquerque e Edna, agente de apoio ao desenvolvimento escolar especial Vera Galdin e o engenheiro agrônomo Elisandro Damasceno.



Saúde Ambiental: Impactos dos Agrotóxicos e Alternativas Sustentáveis

Escola Municipal Alfredo Silvério – Portalegre (RN)
Anos Finais do Ensino Fundamental



PREPARANDO O TERRENO

O projeto Saúde Ambiental nasceu da realidade vivida pelos(as) estudantes da Escola Municipal Alfredo Silvério, localizada em uma comunidade rural de Portalegre (RN), onde a agricultura faz parte do cotidiano das famílias e representa uma importante base econômica e cultural. No entanto, a equipe escolar observou o frequente uso de agrotóxicos na produção de alimentos, como feijão e milho, muitas vezes sem o conhecimento adequado sobre seus impactos na saúde humana e no ambiente.

A partir desse diagnóstico, surgiu a vontade de desenvolver ações educativas que promovessem a conscientização sobre os riscos dos agrotóxicos e incentivassem práticas agrícolas mais sustentáveis, mostrando aos(as) estudantes que a agricultura familiar pode se consolidar como fonte de renda, além de incentivar o aproveitamento da água, seja pela captação da água da chuva ou proveniente de aparelhos de ar-condicionado por meio de caixas d'água e cisternas. A proposta também buscou estimular hábitos alimentares mais saudáveis e fortalecer o vínculo entre a escola e a realidade dos(as) estudantes, muitos(as) deles(as) diretamente ligados(as) ao trabalho no campo.

Na construção do projeto, foram levados em conta as diretrizes da Educação Ambiental presentes na BNCC, os princípios da agroecologia e da agricultura sustentável, os saberes tradicionais da comunidade rural e as orientações técnicas da Secretaria de Agricultura de Portalegre-RN e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR/RN).

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O desenvolvimento do projeto ocorreu ao longo do ano, combinando momentos de estudo, investigação, diálogo com especialistas e atividades práticas na horta escolar.

Uma das primeiras ações foi uma palestra educativa para os(as) estudantes, promovida pela Secretaria de Agricultura de Portalegre-RN. Na ocasião, o secretário de Agricultura em exercício, Hermes Dias, abordou os perigos do uso de agrotóxicos, seus impactos para a saúde e para o ambiente, além de apresentar alternativas sustentáveis para a produção de alimentos sem produtos químicos.

Em seguida, os(as) estudantes participaram de pesquisas no laboratório de informática sobre espécies de plantas da região, seus nomes, formas de cultivo, utilidades e características. As informações foram organizadas por meio de registros escritos, apresentações e discussões em sala de aula.

Outro momento importante foi a formação realizada pelo técnico Samuel Sá, do SENAR/RN. Inicialmente, os(as) alunos(as) participaram de uma aula teórica sobre o cultivo adequado das culturas escolhidas. Depois, seguiram para a horta escolar, onde puderam aprender na prática sobre espaçamento, manejo do solo, técnicas de plantio e cuidados

necessários para o desenvolvimento saudável das plantas.

Antes da implantação da horta, os(as) estudantes participaram das decisões sobre o que seria cultivado e da construção e organização dos canteiros. Em seguida, colaboraram na limpeza do terreno, na preparação do solo e no plantio de hortaliças, como coentro, alface, cebolinha, tomate, abobrinha, pimentas e capim-limão.

Uma das experiências mais significativas foi a preparação da adubação. Os(as) alunos(as) realizaram a coleta de adubo orgânico no curral de membro da comunidade e distribuíram o adubo no terreno da escola, misturando-o ao barro vermelho para preparar o solo.

Após o plantio, cada turma passou a colaborar com a irrigação diária, o acompanhamento do crescimento das plantas, a retirada de ervas daninhas e os cuidados permanentes com a horta. Depois, também participaram da colheita das hortaliças e acompanharam a utilização dos alimentos nas refeições da própria escola, observando na prática os resultados do trabalho desenvolvido ao longo do projeto.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Ao longo do percurso, o projeto procurou responder a um desafio muito presente na realidade local: como promover uma produção de alimentos mais saudável e sustentável em um território onde o uso de agrotóxicos faz parte do cotidiano de muitas famílias? Para isso, foi fundamental aproximar os conhecimentos científicos dos saberes já existentes na comunidade.

Durante as atividades, os(as) estudantes conversaram com familiares sobre formas de cultivo, tipos de plantas e técnicas utilizadas no campo. Eles(as) trouxeram relatos dessas conversas para a escola, compartilharam conhecimentos adquiridos em casa e até contribuíram com sementes já utilizadas por suas famílias. Essas trocas fortaleceram a integração entre os conhecimentos científicos e os saberes populares, valorizando práticas agrícolas transmitidas entre gerações. Também contribuíram para o reconhecimento da identidade cultural dos(as) estudantes quilombolas e afrodescendentes, que representam uma parcela significativa da comunidade escolar, reforçando a importância de suas origens, de seus saberes e de suas relações históricas com a terra.

Outro aspecto importante foi a valorização da diversidade. O projeto foi desenvolvido de forma inclusiva, garantindo a participação de estudantes com deficiência visual, TDAH e deficiência intelectual leve, por meio de orientações individualizadas, atividades práticas, apoio entre os(as) colegas e acompanhamento próximo dos(as) professores(as).

As atividades realizadas ao ar livre também contribuíram para o desemparedamento da aprendizagem. Ao mesmo tempo, o projeto promoveu reflexões sobre mudanças climáticas, uso consciente dos recursos naturais e preservação ambiental.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

Ao longo do projeto, os(as) estudantes discutiram sobre a importância da produção de alimentos sem venenos e do reaproveitamento da água da chuva e dos aparelhos de ar-condicionado da escola. Também refletiram sobre o papel da agricultura familiar para a comunidade, reconhecendo seu valor econômico, cultural e social, ampliando, assim, sua compreensão sobre os impactos dos agrotóxicos, a importância da agricultura sustentável e a relação entre saúde humana, ambiente e produção de alimentos.

Também desenvolveram habilidades de pesquisa, observação, registro, interpretação e trabalho em equipe. No final, o projeto demonstrou como o uso de adubo orgânico, a implantação de uma horta escolar e o reaproveitamento da água podem gerar aprendizagens significativas e inspirar. A nutricionista responsável pela alimentação escolar do município, ao conhecer o projeto, passou a articular a ampliação da proposta,



e pelo menos duas outras escolas do município já demonstraram interesse em implantar hortas semelhantes.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Paulo Junior Moraes de Oliveira (proponente), professores Moisés Marques Barros (Ciências), Ana Cristina Santos (Língua Portuguesa), diretora Adriana Rêgo Costa Gomes, coordenadora pedagógica Jéssica Thaís Fonseca e supervisor pedagógico Francisco Sileudo Dias.



Pomar Escolar e Espaço de Plantas Nativas no CAIC – Abolição IV

Escola Estadual 30 de Setembro – Mossoró (RN)
Anos Finais do Ensino Fundamental



CULTIVANDO A CAATINGA, TRANSFORMANDO A ESCOLA

No município de Mossoró (RN), o calor do semiárido faz parte do cotidiano. Ele está presente nas salas de aula, nos pátios e nas falas dos(as) estudantes. Durante as primeiras rodas de conversa realizadas com os(as) estudantes do 6º ano do CAIC – Abolição IV, uma percepção apareceu de forma recorrente: “Aqui é muito quente, quase não tem sombra pra gente ficar”. A escuta desses relatos, aliada à observação do espaço escolar, deu origem a um diagnóstico coletivo que se tornou o ponto de partida do projeto.

Além do calor excessivo, foram identificadas áreas ociosas, degradadas e com pouca cobertura vegetal. Também ficou evidente a necessidade de aproximar os(as) estudantes do bioma em que vivem, já que muitos(as) conheciam pouco sobre as espécies nativas da Caatinga e sua importância para o território. Assim, surgiu a proposta de transformar essas questões em investigação e conscientização.

Inspirado pelos princípios da educação ambiental, foi proposta a criação de um pomar escolar, de um jardim de plantas nativas da Caatinga e de um meliponário. Para além das intervenções físicas, esses espaços foram pensados como ambientes de aprendizagem, capazes de unir educação climática, investigação científica, valorização da identidade local e protagonismo estudantil.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O desenvolvimento da iniciativa ocorreu por meio de etapas articuladas que combinaram escuta, investigação, planejamento, mobilização e ação, sempre com participação ativa dos(as) estudantes, com as atividades organizadas em sete fases:

Diagnóstico e escuta ativa

O projeto teve início com rodas de conversa conduzidas pelo professor. Os(as) estudantes refletiram sobre as condições do ambiente escolar, discutindo temas como calor excessivo, ausência de sombra e uso dos espaços. Durante esse momento, compartilharam percepções e experiências que contribuíram para compreender as necessidades do território e deram sentido à proposta.

Mapeamento e leitura do território

Utilizando aprendizagem investigativa, trabalho de campo e ferramentas digitais, os(as) estudantes analisaram o espaço escolar. Com trenas e celulares, mediram áreas, registraram imagens e identificaram características do terreno. Organizados em grupos, observaram incidência solar, condições do solo e áreas degradadas,

além de utilizarem recursos digitais simples para organizar os dados coletados.

Pesquisa e imersão no território

A partir da pesquisa orientada, os(as) estudantes aprofundaram seus conhecimentos sobre a Caatinga e suas espécies. Também realizaram entrevistas com familiares para compreender a história ambiental do bairro. Como atividade central, participaram de uma visita técnica à Floresta Nacional de Açu, onde observaram espécies nativas, registraram informações em diário de campo e vivenciaram o bioma de forma direta. A experiência permitiu relacionar os conhecimentos escolares à realidade local e despertou reflexões sobre adaptação das espécies ao clima semiárido.

Planejamento e design do espaço

Com base na Aprendizagem Baseada em Projetos e no trabalho colaborativo, os(as) estudantes participaram do planejamento do pomar, do jardim de plantas nativas e do meliponário. Realizaram cálculos de áreas, definiram espaçamentos entre mudas e organizaram os diferentes setores da proposta, discutindo coletivamente a melhor forma de ocupar os espaços da escola.

Articulação e mobilização

Por meio da aprendizagem colaborativa, os(as) estudantes compartilharam o projeto com suas famílias e buscaram apoio para sua implementação. Nesse processo, surgiram contribuições importantes da comunidade, incluindo doação de plantas, saberes sobre cultivo e relatos sobre a história ambiental do território.

Implementação

Essa etapa envolveu a preparação do solo, a adubação orgânica, o plantio das mudas e a implantação inicial do viveiro e do meliponário. Os(as) estudantes participaram diretamente das atividades, manipulando o solo, organizando os espaços e acompanhando o desenvolvimento das plantas.

Monitoramento e ciência cidadã

Os(as) estudantes observaram o crescimento das plantas, registraram informações em tabelas e gráficos, acompanharam a presença de polinizadores e avaliaram as transformações ocorridas no ambiente escolar. A curiosidade despertada durante a visita à FLONA sobre o papel das abelhas na polinização levou os(as) próprios(as) estudantes a sugerirem a criação do meliponário, fortalecendo o protagonismo juvenil e a prática da ciência cidadã.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Ao longo do processo, a escola passou por transformações que ultrapassaram as mudanças físicas dos espaços. Os(as) estudantes deixaram de ser apenas participantes para assumirem um papel ativo na construção das soluções.

A valorização da Caatinga foi uma das principais descobertas proporcionadas pela iniciativa. Ao conhecer melhor as espécies nativas e compreender suas estratégias de adaptação à seca, os(as) estudantes passaram a reconhecer a importância ecológica do bioma e a refletir sobre sua preservação.

Também acompanharam o crescimento das plantas, observaram a presença de insetos polinizadores, analisaram mudanças no ambiente e relacionaram esses fenômenos aos conteúdos estudados.

As famílias e a comunidade participaram de diferentes formas, compartilhando conhecimentos sobre cultivo, doando mudas e sementes e contribuindo com relatos sobre a história do bairro e da vegetação local. Uma pessoa próxima à escola chegou a comentar com um estudante: “Se plantar árvore aqui, melhora até o calor para todo



mundo”, evidenciando a compreensão coletiva sobre os benefícios da iniciativa.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

O principal legado da iniciativa é a transformação do espaço escolar em um ambiente vivo de aprendizagem, onde teoria e prática se encontram de forma permanente. O pomar, o jardim de plantas nativas, o viveiro e o meliponário permanecem como espaços de investigação, cuidado e observação, fortalecendo a educação ambiental e climática no cotidiano escolar.

A experiência também deixou como herança uma maior valorização do território e dos saberes locais, contribuindo para a formação de estudantes mais conscientes, participativos(as) e comprometidos(as) com a sustentabilidade.

Outro legado importante é a demonstração de que espaços ociosos podem ser ressignificados e transformados em ambientes educativos com grande potencial pedagógico, mostrando que é possível construir soluções contextualizadas, criativas e replicáveis.

PROFISSIONAL ENVOLVIDO

Marcos Paulo Medeiros da Cunha (proponente)



Rio Apodi: Laços que Conectam, Histórias que Fluem

Escola Estadual Valdemiro Pedro Viana – Apodi (RN)
Anos Finais do Ensino Fundamental



SEGUINDO O CURSO DO RIO

O projeto Rio Apodi: Laços que Conectam, Histórias que Fluem nasceu da realidade vivida pelos(as) estudantes da Escola Estadual Valdemiro Pedro Viana, localizada na zona rural de Apodi (RN), a poucos metros do rio que dá nome ao projeto. Presente na história, na economia e na cultura potiguar, o rio foi responsável pela subsistência de inúmeras famílias ao longo das gerações e continua sendo uma referência para a comunidade local.

Foi durante uma aula prática realizada nas proximidades do rio que estudantes e professores(as) passaram a observar com mais atenção o acúmulo de resíduos (como garrafas plásticas e latinhas de alumínio), problemas de assoreamento e de degradação da vegetação das margens do rio, o que despertou a preocupação dos(as) alunos(as) e revelou a necessidade de ações voltadas à sua preservação.

A partir desse diagnóstico, surgiu a proposta de desenvolver um projeto que permitisse compreender melhor os aspectos históricos, culturais, geográficos e biológicos relacionados ao Rio Apodi, fortalecendo o sentimento de pertencimento dos(as) estudantes ao território e valorizando um patrimônio natural que muitas vezes passa despercebido, apesar de sua importância para a vida da comunidade.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O desenvolvimento do projeto foi organizado a partir de uma metodologia de investigação do território, combinando estudos em sala de aula, pesquisas de campo, observação da paisagem, registro de informações e socialização dos resultados.

A primeira etapa consistiu em uma expedição pedagógica à nascente do Rio Apodi, localizada na Serra de Luís Gomes (RN). Antes da viagem, os(as) estudantes pesquisaram a localização do rio, sua extensão, características geográficas e importância para os municípios por onde passa. Durante a visita, observaram as condições de preservação da nascente, registraram informações em anotações e fotografias e discutiram a relação entre vegetação, relevo e disponibilidade de água. A atividade permitiu compreender a origem do rio e refletir sobre a importância da proteção das áreas de nascente para a manutenção dos recursos hídricos.

A segunda etapa foi realizada em trechos do rio localizados próximos à escola, na zona rural de Apodi. Nesse momento, os(as) estudantes assumiram uma postura investigativa, observando as condições ambientais do local, identificando a presença de resíduos sólidos, áreas assoreadas e trechos com degradação da vegetação ciliar. As observações realizadas em campo foram discutidas posteriormente em sala de aula, onde os(as) alunos(as) analisaram possíveis causas dos problemas encontrados e debateram alternativas para a preservação do rio. Essa etapa também envolveu conversas com moradores(as) da comunidade, que compartilharam memórias e relatos sobre a importância do Rio Apodi para as famílias da região ao longo do tempo.

A terceira etapa levou os(as) estudantes até a foz do Rio Apodi, localizada entre os municípios de Grossos e Areia Branca (RN). Durante a viagem, os(as) participantes puderam acompanhar a transformação da paisagem ao longo do percurso e observar o encontro das águas do rio com o mar. Assim, a visita possibilitou o estudo do estuário, da dinâmica das marés e da relação entre o rio e as atividades econômicas desenvolvidas na região, especialmente a produção de sal, com a observação das salinas que se estendem por quilômetros ao redor da foz, criando um ecossistema único de alta salinidade. Também puderam analisar as características ambientais desse ecossistema e discutiram sua importância para a biodiversidade local.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

O principal desafio do projeto foi transformar a preocupação dos(as) estudantes com a situação do Rio Apodi em ações concretas de investigação, conscientização e mobilização social. Ao longo das atividades, perceberam que a preservação do meio ambiente não era uma questão distante, mas presente no território onde vivem.

Ao mesmo tempo, descobriram a dimensão histórica, cultural e ambiental do rio, compreendendo sua importância para a formação das comunidades locais e para a manutenção da biodiversidade regional. Para tanto, a participação das famílias e da comunidade foi fundamental. Durante as atividades, foram compartilhadas histórias sobre como o Rio Apodi era utilizado pelas gerações anteriores, sua importância para a subsistência das famílias e as transformações observadas ao longo do tempo em sua paisagem e em suas condições ambientais. Esses relatos ajudaram os(as) estudantes a relacionar os conhecimentos trabalhados na escola com a realidade local, enriquecendo as pesquisas e fortalecendo o sentimento de pertencimento ao território.

Como ação pedagógica, o projeto articulou Ciências da Natureza, com o estudo do ciclo da água, da qualidade hídrica e das cadeias alimentares do rio, e Ciências Humanas, ao investigar como o Rio Apodi influenciou a ocupação do território, as rotas históricas de migração e as atividades econômicas da região, como pesca e irrigação.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

Os resultados do projeto ultrapassaram o espaço escolar e ampliaram a participação dos(as) estudantes em espaços de divulgação científica e diálogo público. Ao longo do percurso, sistematizaram as informações coletadas nas pesquisas e nas visitas de campo, transformando suas observações sobre o Rio Apodi em apresentações, debates e exposições em feiras científicas.

Esse processo culminou na participação de uma equipe na Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (FEBRACE), realizada na Universidade de São Paulo, onde os(as) estudantes tiveram a oportunidade de compartilhar a realidade ambiental do Rio Apodi com jovens pesquisadores(as) de todo o país, ampliando a visibilidade do projeto e fortalecendo sua confiança como protagonistas da produção de conhecimento.

Outro aprendizado importante foi a compreensão de que a preservação ambiental também depende da participação cidadã e do diálogo com o poder público. Por meio de reuniões e encontros com representantes municipais, os(as) estudantes apresentaram reflexões construídas durante o projeto e acompanharam discussões sobre a importância do Rio Apodi para o município. Essa iniciativa contribuiu para a criação do Dia Municipal do Rio Apodi, celebrado em 6 de junho, demonstrando que as ações desenvolvidas pela escola podem gerar impactos concretos na valorização do patrimônio ambiental local.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Flaviano Moreira Monteiro (proponente) e os(as) docentes Maria Lilia de Souza Neta (Ciências Agrárias), Ulisses Florencio de Moraes Neto (Geografia), Hortencia Moraes de Medeiros (Ciências), Eleneide Gurgel Pinto (Ciências e Educação Especial), Francisca Elza Torres Fernandes e Francisco Rafael Alves (Educação Especial).

Mapa do lixo – Rua da Palha

**Escola Municipal Professor Bartolomeu
Fagundes – Macaíba (RN)
Anos Finais do Ensino Fundamental**



QUANDO A COMUNIDADE ENTRA NO MAPA

Na comunidade da Rua da Palha, em Macaíba (RN), o descarte irregular de resíduos sólidos fazia parte da paisagem cotidiana. Lixo acumulado em ruas, terrenos baldios, áreas de circulação e espaços próximos ao rio gerava mau cheiro, proliferação de insetos, poluição visual e riscos à saúde da população. Os(as) estudantes conviviam diariamente com essa realidade, mas foi durante as discussões promovidas pelas Conferências do Meio Ambiente (escolar, estadual e nacional) que surgiu uma pergunta decisiva: como transformar uma preocupação em ação concreta?

Foi desse movimento que nasceu o projeto Mapa do Lixo – Rua da Palha com alunos(as) dos Anos Finais do Ensino Fundamental. A proposta surgiu para olhar com mais atenção para os problemas ambientais do território e construir respostas coletivas para desafios que afetavam diretamente a qualidade de vida da comunidade.

Os pontos de descarte irregular observados no cotidiano despertaram o desejo de investigar as causas do problema, seus impactos e possíveis soluções. Também contribuíram como referência os debates sobre resíduos sólidos, justiça ambiental, território e participação social realizados nas conferências ambientais. Ao mesmo tempo, os relatos dos(as) moradores(as), os registros fotográficos produzidos durante as primeiras observações do território e os conhecimentos acumulados pela comunidade se tornaram fontes importantes para o desenvolvimento do trabalho.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O projeto durou três meses e foi desenvolvido em quatro etapas: sensibilização/diagnóstico (~2 semanas) investigação (~3 semanas) sistematização (~3 semanas) socialização (~2 semanas).

A primeira etapa foi a sensibilização e o diagnóstico do problema. Em rodas de conversa, debates e momentos de escuta ativa, os(as) estudantes compartilharam suas percepções sobre os desafios ambientais da comunidade, relataram situações observadas em suas ruas e identificaram os principais pontos de descarte irregular de resíduos. Essas discussões permitiram construir coletivamente o foco do projeto e compreender que o problema fazia parte da realidade cotidiana de todos.

A segunda etapa foi a investigação do território. A sala de aula se expandiu para a comunidade da Rua da Palha e para o entorno da escola. Durante caminhadas investigativas e aulas de campo, os(as) estudantes percorreram ruas, becos, terrenos, margens do rio e áreas mais vulneráveis ao descarte inadequado de resíduos. Ao longo dos percursos, realizaram observação direta, registros fotográficos, anotações e identificação dos pontos críticos. Nesse processo, moradores(as) também contribuíram

com relatos sobre mudanças percebidas ao longo do tempo, frequência do descarte irregular, dificuldades relacionadas à limpeza urbana e impactos observados no cotidiano, ampliando a compreensão sobre o território e fortalecendo o vínculo entre escola e comunidade.

A terceira etapa foi a sistematização e a análise das informações coletadas. Os(as) estudantes organizaram os dados obtidos nas saídas de campo por meio de formulários digitais, seleção de imagens, classificação dos tipos de resíduos encontrados e análise das informações levantadas. Utilizando ferramentas acessíveis de georreferenciamento, construíram um mapa digital dos pontos críticos de descarte irregular, transformando observações do cotidiano em dados, análise e ação.

A quarta etapa foi a socialização dos resultados. Os(as) estudantes produziram textos, apresentações, materiais de sensibilização e estratégias de conscientização voltadas para a comunidade. Enquanto alguns atuavam na organização dos dados e dos registros visuais, outros participaram da elaboração de propostas, apresentações e momentos de diálogo com famílias e moradores(as). Essa diversidade de tarefas garantiu a participação de todos(as), valorizou diferentes formas de expressão e culminou na divulgação dos resultados em feiras e eventos escolares, ampliando o diálogo com famílias, moradores(as) e demais pessoas da comunidade.

A iniciativa também mobilizou matemática, na organização e contagem dos pontos críticos, língua portuguesa, na produção dos relatos e apresentações, e arte, na criação dos materiais de sensibilização da comunidade.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Um dos principais desafios enfrentados pelo projeto foi lidar com um problema que havia se tornado naturalizado por parte da comunidade. Muitos dos pontos de descarte irregular já faziam parte da paisagem local, sendo vistos como algo comum no cotidiano.

Ao longo das investigações, os(as) estudantes descobriram que o problema do lixo estava conectado a diversas outras questões. Durante as aulas de campo, por exemplo, observaram impactos nas margens do rio, identificaram áreas vulneráveis, refletiram sobre a contaminação da água, os riscos à saúde e os efeitos do acúmulo de resíduos em períodos de chuva e estiagem. Também discutiram como o acúmulo de lixo pode obstruir a drenagem das águas e agravar os efeitos de queimadas e alagamentos.

Essas descobertas contribuíram para o letramento climático, permitindo compreender como determinadas práticas humanas podem agravar problemas ambientais e aumentar vulnerabilidades locais. O debate sobre resíduos sólidos passou a incluir temas como mudanças climáticas, qualidade da água, saúde coletiva e cuidado com os espaços comuns.

Nos(as) estudantes, a principal transformação foi o fortalecimento do protagonismo. Eles(as) deixaram de ser apenas observadores(as) para se tornarem pesquisadores(as) do próprio território. Desenvolveram habilidades de observação, análise crítica, organização de dados, uso de tecnologias digitais, comunicação e trabalho colaborativo. Também ampliaram o sentimento de pertencimento e corresponsabilidade em relação à comunidade.

Entre as famílias e os(as) moradores(as), o projeto fortaleceu o diálogo sobre questões ambientais e estimulou reflexões sobre hábitos cotidianos relacionados ao descarte de resíduos. As conversas geradas pelas atividades permitiram ampliar a consciência sobre os impactos do lixo na saúde, na paisagem e na qualidade de vida da população.



O QUE FICOU DA EXPERIÊNCIA

O principal legado do projeto foi mostrar que a investigação do território pode ser uma poderosa ferramenta educativa. Ao transformar um problema cotidiano em objeto de pesquisa e ação, a iniciativa fortaleceu a participação cidadã dos(as) estudantes, aproximou escola e comunidade e ampliou o compromisso coletivo com o cuidado ambiental.

O mapa digital construído pelos(as) estudantes tornou-se um registro concreto da realidade local e uma ferramenta para reflexão, sensibilização e mobilização. Mais importante do que o produto final, porém, foi o processo vivido pelos(as) participantes, marcado pela escuta, pela observação, pela construção coletiva de conhecimento e pela busca de soluções contextualizadas.

Outro legado importante foi a valorização dos saberes do território. O projeto demonstrou que histórias, memórias, experiências e conhecimentos da comunidade podem dialogar com os conteúdos escolares e enriquecer o processo educativo. Os(as) membros(as) da comunidade também foram peças fundamentais nesse diálogo.

A experiência também evidencia um caminho possível para outras escolas por fazer uso de uma metodologia acessível e adaptável a diferentes contextos.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Erinaldo Bezerra da Silva (proponente), docentes de Educação Física, Ciências e Geografia e equipe de gestão.



Alagamento: Problemática do Lixo nas Ruas

Escola Municipal José Benjamim – Mossoró (RN)
Anos Iniciais do Ensino Fundamental



O QUE OS ALAGAMENTOS DEIXAM À MOSTRA

O projeto Alagamento: Problemática do Lixo nas Ruas é fruto da escuta atenta das crianças sobre situações vivenciadas em seu próprio território. Durante momentos de conversa em sala de aula, muitos(as) estudantes relataram as dificuldades enfrentadas em suas ruas durante os períodos de chuva, como o acúmulo de água, o lixo espalhado e os transtornos para circulação. Um(a) aluno(a) chegou a relatar: “Quando chove forte, a água sobe rápido porque o lixo tampa o bueiro”.

As falas revelaram uma realidade comum na comunidade e ajudaram a identificar o problema gerador da iniciativa: o descarte inadequado de resíduos e sua relação direta com o entupimento de bueiros e a ocorrência de alagamentos.

Ao perceber que os alagamentos afetavam a vida das famílias e modificavam a dinâmica da comunidade, a escola criou uma ação pedagógica para promover uma reflexão crítica sobre as ações humanas e seus impactos no meio ambiente. O projeto também se insere em um contexto marcado pela intensificação de eventos climáticos extremos, reforçando a importância de ações educativas voltadas à consciência ambiental, à responsabilidade coletiva e à adaptação às mudanças climáticas.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Desenvolvida ao longo de duas semanas, a iniciativa promoveu uma abordagem interdisciplinar sobre a relação entre resíduos sólidos, alagamentos e mudanças climáticas.

O processo teve início com uma roda de conversa em que os(a) estudantes compartilharam experiências vividas em suas comunidades, e as falas das crianças serviram como ponto de partida para a construção coletiva do conhecimento. Relatos sobre ruas alagadas, lixo acumulado e dificuldades enfrentadas por moradores(as) permitiram compreender a dimensão do problema e aproximar o conteúdo escolar da realidade do território.

Na sequência, os(as) estudantes participaram de observações do entorno da escola, identificando pontos de acúmulo de lixo e locais propensos a alagamentos. Durante essas caminhadas, observaram ruas, bueiros e características do espaço urbano, relacionando aquilo que aprendiam em sala com situações concretas do cotidiano.

As observações realizadas foram aprofundadas por meio de atividades de estudo e discussão sobre poluição, descarte inadequado de resíduos e impactos ambientais. Utilizando metodologias dialógicas e contextualizadas, a turma analisou como determinadas atitudes podem agravar problemas ambientais e aumentar os riscos durante períodos de chuva intensa.

Um dos momentos mais significativos do projeto foi a construção de maquetes

utilizando materiais reutilizados. Organizados(as) em grupos, os(as) estudantes representaram ruas com e sem lixo e realizaram simulações envolvendo o escoamento da água. A atividade permitiu visualizar de forma concreta como o acúmulo de resíduos interfere na drenagem urbana e contribui para os alagamentos. Ao manipular água, observar os resultados e testar hipóteses, participaram ativamente do processo de aprendizagem.

O trabalho foi concluído com momentos de socialização e reflexão. Os(as) estudantes apresentaram suas maquetes, compartilharam descobertas e discutiram possíveis soluções para o problema estudado. Nesse processo, desenvolveram a argumentação, ampliaram a compreensão sobre os impactos ambientais do descarte inadequado de resíduos e refletiram sobre formas de contribuir para a melhoria da comunidade.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Um dos principais desafios enfrentados pelo projeto foi, a partir de um problema tão presente no cotidiano, realizar um exercício de cidadania ambiental, capaz de mobilizar e promover mudança de atitudes. Para isso, foi necessário construir espaços de escuta em que as experiências de cada um fossem valorizadas e reconhecidas como parte fundamental do processo educativo.

Assim, ao longo da iniciativa, os(as) estudantes passaram a observar o território de forma mais crítica e atenta. As ruas, os bueiros e os pontos de acúmulo de lixo deixaram de ser elementos comuns da paisagem para se tornarem evidências de uma problemática ambiental que afeta diretamente a vida de todos(as). Essa mudança de olhar permitiu compreender melhor a relação entre comportamento humano, gestão de resíduos e alagamentos.

As discussões também contribuíram para ampliar a percepção sobre os impactos das mudanças climáticas. Ao relacionar o descarte inadequado de lixo aos transtornos causados pelas chuvas intensas, os(as) estudantes passaram a compreender que ações aparentemente simples podem influenciar a forma como a comunidade enfrenta situações de risco.

As famílias também participaram desse processo de reflexão. Os relatos compartilhados em casa e trazidos para a escola enriqueceram os debates e fortaleceram a conexão entre os conteúdos trabalhados e a realidade local.

Como resultado, foi possível perceber mudanças de atitude relacionadas ao cuidado com o ambiente e ao sentimento de responsabilidade coletiva. Alunos(as) passaram a se reconhecer como participantes ativos na construção de soluções para problemas que afetam seu território.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

Ao longo do projeto, as crianças compreenderam que os problemas observados em suas comunidades possuem causas identificáveis e que podem ser enfrentados por meio da participação, da informação e da adoção de atitudes mais responsáveis.

A experiência também consolidou o território como espaço de aprendizagem, demonstrando que a observação da realidade local pode gerar processos educativos significativos e conectados à vida dos(as) estudantes.

Por partir de uma problemática presente em muitas comunidades e utilizar estratégias acessíveis, como rodas de conversa, observação do entorno e construção de maquetes com materiais reutilizados, o projeto pode servir de inspiração para que outras escolas promovam uma reflexão crítica, com participação coletiva e compromisso com a transformação do lugar onde vivem.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Magna Maria Benevides Gomes (proponente) e Ranieli Amorim Carvalho.

A vegetação do Nordeste e as Músicas de Luiz Gonzaga

Escola Municipal José Benjamin - Mossoró (RN)
Anos Iniciais do Ensino Fundamental



AS PRIMEIRAS NOTAS DESSA HISTÓRIA

A iniciativa nasceu da percepção de que muitos(as) estudantes possuíam conhecimentos limitados sobre a vegetação do Nordeste, apesar de viverem nesse contexto diariamente. Ao serem questionados(as) sobre a vegetação da região, algumas respostas revelaram essa distância em relação ao próprio lugar, como quando estudantes se referiram à vegetação da região como “só tem mato seco”.

Diante desse cenário, surgiu a proposta de trabalhar a vegetação do Nordeste a partir das músicas de Luiz Gonzaga, aproximando o conhecimento científico da cultura popular e das experiências vividas pelas famílias. Canções como “Asa Branca”, “Xote Ecológico” e “A Volta da Asa Branca” permitiram abordar temas como seca, vegetação, clima, degradação ambiental, resistência da natureza e formas de convivência com o semiárido.

Mais do que recursos didáticos, essas canções abriram espaço para que memórias familiares, histórias de vida e saberes do território entrassem na escola, fortalecendo o diálogo entre gerações e despertando nos(as) estudantes o orgulho de sua identidade regional.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O projeto foi desenvolvido ao longo de duas semanas, em um percurso interdisciplinar que começou com uma roda de conversa destinada ao levantamento dos conhecimentos prévios dos(as) estudantes sobre a vegetação local, a cultura nordestina e as características do ambiente em que vivem.

Na etapa seguinte, os(as) estudantes ouviram, analisaram e interpretaram músicas de Luiz Gonzaga. Durante a escuta e a discussão das letras, identificaram referências à natureza, ao clima, à seca, às chuvas e ao cotidiano do povo nordestino. As canções serviram como ponto de partida para reflexões sobre a relação entre sociedade e ambiente, permitindo que os conteúdos fossem trabalhados de forma mais próxima da realidade dos(as) alunos(as).

Em seguida, foram realizados estudos sobre a vegetação do Nordeste, especialmente a Caatinga. Em passeios ao redor da escola, os(as) alunos(as) tocaram em diferentes plantas, perceberam suas texturas, investigaram suas características, compreenderam suas adaptações ao clima semiárido e relacionaram essas informações aos elementos presentes nas músicas e nas histórias compartilhadas pelas famílias.

E mesmo no pátio da escola, entre árvores e vasos, os(as) estudantes puderam tocar, observar e comparar plantas com o que ouviam nas músicas. Em um desses momentos, uma criança comentou: “Essa planta aqui não parece com a que fala na música?”, conectando a experiência sensorial ao conteúdo cultural.

A participação das famílias foi estimulada. Foi pedido que as crianças entrevistassem os pais, mães, avós e outros familiares sobre as músicas de Luiz Gonzaga, a vida no Nordeste e as experiências relacionadas à seca e ao cotidiano no semiárido. Os relatos retornaram para a escola e passaram a integrar as discussões coletivas, ampliando as possibilidades de aprendizagem.

Ao final do percurso, os(as) estudantes participaram de momentos de socialização, compartilhando relatos, reflexões e produções artísticas inspiradas nas músicas e nos conhecimentos construídos durante o projeto. Desenhos, interpretações, apresentações e conversas permitiram que cada um(a) expressasse sua compreensão sobre a vegetação, o território e a cultura nordestina.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Embora estivessem inseridos no contexto do semiárido nordestino, muitos(as) alunos(as) apresentavam pouco reconhecimento da riqueza da vegetação regional e dos saberes construídos historicamente pelas comunidades locais.

Ao longo do projeto, essa realidade começou a se transformar. A escuta das músicas e as conversas sobre as letras despertaram lembranças e conexões com experiências familiares. Uma estudante relatou: “Meu avô disse que já passou muita seca e que as plantas daqui resistem mesmo sem água”. Outra contou que sua mãe dizia que “as plantas resistem mesmo sem muita água”.

Essas trocas fortaleceram os vínculos entre escola e comunidade e ampliaram a valorização dos saberes locais. Ao mesmo tempo, os(as) estudantes passaram a reconhecer o território de maneira mais positiva, compreendendo que a Caatinga não é apenas um espaço marcado pela seca, mas um ambiente repleto de vida, adaptações e conhecimentos construídos historicamente por quem vive nele.

Ao discutir os impactos da seca presentes nas músicas e nos relatos familiares, a iniciativa também favoreceu reflexões relacionadas à educação climática e ajudou os(as) estudantes a compreenderem melhor as relações entre clima, vegetação e modo de vida no semiárido, reconhecendo práticas de adaptação presentes no território, como o armazenamento de água da chuva e os cuidados com a vegetação.

A figura da pessoa do campo — ligada à agricultura, ao conhecimento dos ciclos da natureza, ao cuidado com a terra e ao zelo pelos animais — esteve presente tanto nas músicas quanto nos relatos trazidos pelos(as) alunos(as) sobre suas famílias.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

Ao final do projeto, permaneceu o sentimento de pertencimento em relação ao território onde vivem. A aproximação entre cultura e natureza fez com que os(as) alunos(as) reconhecessem a importância da vegetação nordestina, da Caatinga e dos saberes transmitidos pelas famílias e pela comunidade.

A experiência demonstrou ainda que recursos como músicas, relatos familiares, observação do ambiente e rodas de conversa podem gerar aprendizagens significativas quando conectados à realidade dos(as) estudantes.

Assim como as músicas de Luiz Gonzaga ajudaram a compreender a realidade do semiárido, outras escolas podem utilizar manifestações culturais de suas próprias regiões para aproximar os(as) estudantes do território, fortalecer vínculos comunitários e construir aprendizagens mais significativas, afetivas e conectadas à vida.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Magna Maria Benevides Gomes (proponente) e Ranieli Amorim Carvalho (polivalente).

Concretizando Saberes: a Horta Sustentável como Estratégia de Desemparedamento

Escola Estadual Nossa Senhora das Graças – Mossoró (RN)
Anos Iniciais do Ensino Fundamental



DO LIVRO PARA A VIDA

O projeto surgiu durante o desenvolvimento de uma ação sobre alimentação saudável e teve como catalisador a leitura do livro “A Horta do Senhor Lobo”, de Claire Bouiller e Quentin Gréban. Foi em uma conversa sobre a obra que os(as) estudantes demonstraram interesse por ter uma horta na escola e iniciaram uma discussão para criar um espaço de cultivo mesmo em uma instituição sem solo disponível para plantio.

O desafio era significativo. A escola, que atende 240 crianças distribuídas em dois turnos, funciona em um prédio 98% coberto e emparedado. Diante desse contexto, a criação de uma horta sustentável poderia promover a cidadania ativa, aproximando os(as) alunos(as) dos ciclos naturais, ampliando as discussões sobre alimentação saudável e desenvolvendo aprendizagens relacionadas à água, aos resíduos, à sustentabilidade e às mudanças climáticas.

Assim, inspirada pelo interesse demonstrado pelas crianças, uma horta suspensa foi construída de forma participativa, envolvendo estudantes, famílias e profissionais da escola.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O projeto foi desenvolvido ao longo de seis semanas e teve nove eixos:

1. Levantamento de conhecimentos prévios

O percurso começou com rodas de conversa sobre a origem dos alimentos e com a leitura do livro “A Horta do Senhor Lobo”. As discussões abordaram a alimentação natural e industrializada, enquanto as crianças registravam suas percepções por meio de falas, desenhos e produções em sala. Foi nesse momento que surgiu a proposta da criação da horta escolar.

2. Conhecendo as plantas

Em seguida, os(as) estudantes aprofundaram seus conhecimentos sobre o universo das plantas. A leitura de “A Cesta de Dona Maricota”, de Tatiana Belinky, foi articulada a atividades de observação de sementes, identificação das partes das plantas, produção coletiva de cartazes e aulas dialogadas utilizando imagens e exemplares reais.

3. Solo, água e sustentabilidade

As turmas exploraram diferentes tipos de solo, como areia e argila, discutindo quais seriam mais adequados para o plantio. Também conversaram sobre adubação natural e refletiram sobre a escassez de água vivenciada no bairro e na escola. A partir dessas discussões, levantaram soluções relacionadas à economia e ao uso consciente da água.

4. Linguagem e pesquisa

Na sala de informática, as crianças realizaram pesquisas orientadas sobre o cultivo de hortas. A leitura de textos informativos e de instruções ajudou na elaboração de listas de materiais e na construção do passo a passo do plantio. Nesse período também foi iniciado o diário da horta.

5. Planejamento e construção da horta

Os(as) estudantes participaram da escolha do local mais adequado para a instalação da horta, observando fatores como incidência solar, ventilação e acesso à água. Após a arrecadação dos materiais, foi construída uma horta suspensa utilizando garrafas PET reutilizadas. As crianças participaram da preparação dos recipientes, da organização do substrato, do plantio das sementes e das primeiras regas.

6. Matemática na horta

O acompanhamento da horta também serviu como oportunidade para desenvolver conteúdos matemáticos. As crianças realizaram contagem de sementes, registraram os dias de crescimento das plantas e construíram gráficos para observar e comparar seu desenvolvimento.

7. Acompanhamento e observação

Após o plantio, a horta passou a integrar a rotina da turma. Duplas de alunos(as) eram escolhidas diariamente para realizar a rega e observar o desenvolvimento das plantas. As observações eram registradas no diário da horta por meio de desenhos e produções escritas.

8. Arte e expressão

As crianças produziram desenhos e pinturas, construíram um mural inspirado no livro “A Horta do Senhor Lobo” e fizeram uma encenação teatral do livro “O Grande Rabanete”, de Tatiana Belinky, além de terem realizado uma releitura da obra “A Feira”, de Tarsila do Amaral, por meio de desenhos e pinturas.”

9. Colheita e socialização

O percurso foi concluído com a colheita das hortaliças, enquanto cartazes, gráficos, registros e produções desenvolvidos ao longo do projeto foram apresentados à comunidade escolar, permitindo compartilhar os aprendizados construídos durante a experiência.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

O principal desafio enfrentado foi a ausência de espaço verde. Construir uma horta em uma escola praticamente toda concretada exigiu criatividade, planejamento e mobilização coletiva. Ao longo do processo, o projeto favoreceu a participação ativa, a formulação de hipóteses, a tomada de decisões e a responsabilidade compartilhada. O acompanhamento diário da horta despertou cuidados constantes com as plantas e estimulou a observação dos processos naturais.

Como a turma incluía três estudantes com transtorno do espectro autista (TEA), as atividades foram organizadas de forma que cada criança pudesse contribuir conforme suas possibilidades, e assim, participaram de todas as etapas, seja na preparação das garrafas, na mistura da terra, no cuidado com a plantação e nos registros da atividade.

Os saberes do território também entraram na sala de aula: uma funcionária da escola foi convidada a compartilhar sua experiência com horta orgânica caseira e o uso de composteira para produção de adubo, em uma troca de saberes entre gerações que aproximou ainda mais o projeto da realidade.

A escolha das plantas também levou em conta a escassez de água do bairro: coentro, cebolinha e alface foram selecionados por exigirem menos irrigação.



As famílias também embarcaram na experiência. Além de contribuírem com materiais para a construção da horta, muitos(as) responsáveis acompanharam o desenvolvimento do projeto e relataram a importância da iniciativa para incentivar hábitos alimentares mais saudáveis e ampliar a consciência ambiental das crianças.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

O principal legado da experiência foi demonstrar que é possível criar oportunidades de contato com a natureza mesmo em escolas sem áreas verdes. O projeto também fortaleceu o protagonismo infantil. Desde a sugestão inicial até os cuidados cotidianos com a horta, as crianças participaram das decisões e da execução das atividades. Outro aspecto importante foi a integração entre alimentação saudável, educação ambiental, sustentabilidade e educação climática. As ações pedagógicas permitiram trabalhar conteúdos curriculares de forma articulada e contextualizada, relacionando teoria e prática em experiências concretas.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Antônia Milene da Silva (proponente), professora de Educação Especial e professora da Biblioteca.



Velas que Iluminam

**Escola Municipal Santa Luzia
de Cajazeiras - Macaíba (RN)
Educação de Jovens e Adultos (EJA) - Anos Iniciais
do Ensino Fundamental**



ILUMINANDO A CHAMA DO CONHECIMENTO

A iniciativa Velas que iluminam nasceu a partir da necessidade de tornar a aprendizagem mais conectada à realidade dos(as) estudantes, majoritariamente trabalhadores(as) com trajetórias marcadas por interrupções escolares, vulnerabilidades sociais e, em muitos casos, baixa autoestima em relação à própria capacidade de aprender.

Diante desse contexto, surgiu a necessidade de desenvolver uma proposta que fortalecesse o vínculo com a escola, valorizasse os saberes prévios dos(as) alunos(as) e promovesse aprendizagens com sentido prático e social.

O projeto começou com discussões em sala de aula sobre sustentabilidade, reaproveitamento de materiais, consumo consciente e alternativas ambientalmente responsáveis para o cotidiano. Durante essas reflexões, foi identificado o potencial de trabalhar a produção de velas ecológicas como uma atividade capaz de unir ciência, cuidado ambiental, criatividade e geração de renda.

Textos, vídeos, pesquisas e materiais de educação ambiental sobre os impactos da parafina, do petróleo e do consumo excessivo também ajudaram a aprofundar o debate. Ao mesmo tempo, conhecimentos compartilhados pelos(as) próprios(as) estudantes, como o uso tradicional da casca de juazeiro - usado como pasta de dente e na formulação de remédios caseiros para gripe e diabetes - mostraram que os saberes populares podem ocupar lugar central no processo educativo. Além disso, a proposta ganhou ainda mais força ao dialogar com temas como empreendedorismo e inovação.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

A iniciativa foi desenvolvida ao longo de aproximadamente dois meses, em etapas articuladas de sensibilização, estudo, experimentação, produção e socialização dos resultados, que integrou Ciências da Natureza, Língua Portuguesa, Matemática, Arte, Educação Ambiental e Educação para o Trabalho. Dessa forma, foi estudado desde as propriedades dos materiais até noções de custo, medidas e proporções na produção das velas.

Na primeira etapa, foram realizadas rodas de conversa, levantamento de conhecimentos prévios e discussões sobre sustentabilidade, consumo consciente, impactos ambientais da parafina e alternativas mais ecológicas. Nesses momentos, os(as) estudantes compartilharam experiências relacionadas ao reaproveitamento de materiais, práticas domésticas, artesanato e uso de recursos naturais presentes em seu cotidiano.

A segunda etapa foi dedicada aos estudos orientados, pesquisas e planejamento da proposta prática. Os(as) alunos(as) conheceram os produtos necessários para a produção

das velas ecológicas, discutiram as propriedades dos insumos, as possibilidades de reaproveitamento de recursos, a segurança no manuseio dos materiais e o potencial de uso ou comercialização das velas. Foram realizados testes iniciais com diferentes insumos, aromas, formatos e acabamentos.

Na terceira etapa, ocorreram as oficinas práticas de produção das velas ecológicas. Os(as) estudantes participaram de tudo: preparação dos materiais, aquecimento da cera, mistura de essências, moldagem, resfriamento, acabamento e avaliação dos resultados. Essa etapa valorizou a “mão na massa”, o trabalho colaborativo e a aplicação de conhecimentos científicos em situações concretas do cotidiano.

A etapa final foi dedicada à sistematização e socialização dos resultados. Eles(as) registraram as etapas do processo, avaliaram coletivamente os aprendizados construídos e compartilharam suas experiências com a comunidade escolar. Também participaram de momentos de apresentação pública da iniciativa, em eventos da escola aberto à comunidade e na Semana Literária de Macaíba (SLIM).

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Um dos principais desafios enfrentados pela iniciativa foi construir uma proposta capaz de dialogar com as diferentes trajetórias dos(as) estudantes da EJA. A turma reunia pessoas de idades diversas, com histórias marcadas por interrupções escolares, diferentes níveis de aprendizagem e experiências de vida muito distintas. Tornava-se necessário criar um ambiente acolhedor, que respeitasse os tempos de cada participante e valorizasse conhecimentos construídos fora da escola.

Durante as oficinas de produção das velas, as atividades foram organizadas de forma colaborativa e com diferentes funções, permitindo que cada estudante contribuísse de acordo com suas possibilidades. Alguns(as) participaram mais diretamente da manipulação dos materiais, outros(as) da medição, do preparo, da organização do espaço, da observação das etapas ou da apresentação dos resultados. Essa diversidade de tarefas favoreceu a inclusão de estudantes com dificuldades motoras, de leitura ou de ritmo de aprendizagem, com apoio do professor e colaboração entre colegas.

A iniciativa também promoveu importantes reflexões sobre consumo, descarte de materiais, sustentabilidade e mudanças climáticas. Ao estudarem os impactos ambientais da parafina e experimentarem alternativas mais sustentáveis, passaram a compreender de forma mais concreta a relação entre escolhas cotidianas e questões ambientais globais.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

Ao valorizar os saberes do território e as experiências de vida de cada estudante, o projeto fortaleceu a autoestima, o protagonismo e a autonomia dos(as) participantes, mostrando que seus conhecimentos e trajetórias têm valor e podem gerar novas oportunidades.

A produção das velas ecológicas se revelou ainda uma estratégia capaz de unir educação ambiental, criatividade, ciência e possibilidades de geração de renda, tornando a aprendizagem mais próxima da realidade dos(as) estudantes.

Entre os resultados mais significativos está o reconhecimento do projeto no programa Escalada, promovido pelo Sebrae, que gerou orgulho para a escola e para a comunidade. Representando a iniciativa Velas que iluminam, o estudante Antônio Emídio da Silva, de 63 anos, foi selecionado entre os 20 melhores participantes do Brasil e participou do Hackathon nacional da instituição. Ao final da competição, conquistou o 1º lugar nacional, tornando-se um exemplo do potencial da Educação de Jovens e Adultos quando os(as) estudantes têm seus saberes, experiências e trajetórias valorizados. A conquista deu visibilidade ao trabalho desenvolvido na escola e reforçou que iniciativas contextualizadas podem alcançar reconhecimento muito além do ambiente escolar.

Por utilizar materiais acessíveis, valorizar conhecimentos populares e promover o



protagonismo dos(as) participantes em todas as etapas, o projeto apresenta grande potencial de replicação. Mais do que ensinar a produzir velas ecológicas, a experiência inspira educadores(as) a desenvolver práticas pedagógicas que reconheçam os saberes dos(as) alunos(as), fortaleçam o pertencimento ao território e promovam educação ambiental, autonomia e transformação social.

PROFISSIONAL ENVOLVIDO

Erinaldo Bezerra da Silva (proponente)



Solo Forte, Mãe Segura

**Escola Estadual Professor Severino
Bezerra De Melo - Natal (RN)
Anos Finais do Ensino Fundamental**



HISTÓRIAS ESCRITAS PELA TERRA

O bairro Mãe Luíza, em Natal (RN), é marcado por fortes contrastes entre a beleza da paisagem e os desafios impostos pela ocupação urbana. Nesse contexto, estudantes e educadores(as) passaram a refletir sobre situações presentes no cotidiano da comunidade, especialmente aquelas relacionadas às condições do solo, aos episódios de desmoronamento de terra e aos riscos ambientais.

A compreensão de que o solo desempenha papel fundamental na sustentação das moradias, na preservação ambiental e na segurança das pessoas orientou a escolha do tema. Assim, a proposta buscou aproximar os(as) estudantes das questões vivenciadas no próprio bairro.

Inspirada pelos estudos realizados no curso de Educação Baseada na Natureza, a iniciativa transformou o território em espaço de aprendizagem. Os(as) estudantes participaram de debates, realizaram observações do entorno, entrevistaram moradores(as) e familiares e investigaram possíveis soluções para os problemas identificados.

Como resultado desse processo, construíram coletivamente uma proposta de reaproveitamento de resíduos orgânicos por meio da compostagem e participaram de uma oficina prática voltada à produção de adubo natural e ao fortalecimento do cuidado com o solo. Ao valorizar conhecimentos científicos e saberes comunitários, a iniciativa incentivou a reflexão sobre prevenção de riscos e responsabilidade ambiental.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O percurso teve três linhas de atuação. Todas elas estruturadas a partir da metodologia de aprendizagem baseada em projetos, investigação participativa e resolução de problemas.

Na primeira, formulou-se o “Diagnóstico” e a “Problematização”. Organizados(as) em grupos, os(as) estudantes participaram de rodas de conversa, debates e observações do ambiente escolar e de seu entorno para identificar problemáticas socioambientais presentes na comunidade. Entre os problemas levantados, destacaram o descarte inadequado de lixo e a ausência de coleta seletiva, relacionando essas situações aos impactos no solo, no ambiente e na qualidade de vida da população.

Na segunda, “Construção de Soluções”, os grupos discutiram possibilidades de intervenção e elaboraram propostas para enfrentar os problemas identificados. Entre as sugestões apresentadas, foi escolhida a implementação de práticas de reaproveitamento de resíduos orgânicos por meio da compostagem, entendida pelos(as) alunos(as) como estratégia para reduzir a quantidade de lixo produzida e fortalecer o cuidado com o solo.

Na terceira etapa, o encontro foi dedicado à "Socialização e Oficina Prática". Os(as) estudantes apresentaram à comunidade escolar a proposta construída e participaram de uma oficina de compostagem, aprendendo sobre separação de resíduos orgânicos, decomposição da matéria orgânica e produção de adubo natural. A atividade aproximou conhecimentos científicos de práticas sustentáveis aplicáveis ao cotidiano.

O percurso foi enriquecido por discussões realizadas na IV Conferência Estadual Infantojuvenil pelo Meio Ambiente, entrevistas com moradores(as) e familiares e reflexões sobre os episódios de desmoronamento ocorridos no bairro. Essas experiências ampliaram a compreensão dos(as) estudantes sobre as relações entre solo, ambiente e vulnerabilidade social.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Os episódios de desmoronamento e as vulnerabilidades ambientais exigiram dos(as) estudantes um olhar mais atento para questões presentes em seu cotidiano.

A iniciativa articulou diferentes componentes curriculares: em Ciências, estudaram a composição do solo e a decomposição da matéria orgânica; em Geografia, refletiram sobre uso do solo e território; em Matemática, realizaram medições e quantificações relacionadas às atividades; e em Língua Portuguesa, produziram relatos e entrevistas sobre as vivências.

Ao longo do processo, eles(as) compreenderam que fatores como a retirada da vegetação, a impermeabilização do solo e o descarte inadequado de resíduos podem agravar processos de erosão, alagamentos e instabilidade do terreno.

A experiência também ampliou a consciência ambiental dos(as) participantes e fortaleceu uma postura mais crítica diante dos desafios socioambientais. Os(as) estudantes passaram a reconhecer a importância da cobertura vegetal, da drenagem adequada, da preservação do solo e da gestão dos resíduos para a redução de riscos e para o cuidado com a comunidade.

O que ficou dessa experiência

Ao investigar questões presentes em seu próprio território, os(as) estudantes desenvolveram maior consciência sobre sua responsabilidade no cuidado com o ambiente e na construção de soluções coletivas. A iniciativa também fortaleceu os vínculos entre escola e comunidade por meio das entrevistas realizadas com moradores(as) e familiares, valorizando experiências, memórias e conhecimentos sobre as transformações do bairro e seus desafios ambientais.

A proposta de compostagem construída coletivamente e a oficina prática realizada durante o projeto também deixaram aprendizados concretos sobre separação de resíduos orgânicos, decomposição da matéria orgânica e produção de adubo natural, relacionando essas práticas ao fortalecimento do solo e à sustentabilidade.

A experiência demonstra que metodologias acessíveis, como observação de campo, entrevistas, debates e oficinas práticas, podem gerar aprendizagens significativas.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Maria Naíre de Santana Melo (proponente) e Thiago Accioly de Souza (Ciências)



Educação Integral em Movimento: o Parque Naturalizado

CMEI Baronesa de Sauípe – Salvador (BA)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)



DO CONCRETO À TERRA: O RENASCIMENTO DE UM PÁTIO

Do desejo de devolver vida a um espaço e recuperar o que foi perdido, nasceu o projeto do Parque Naturalizado no CMEI Baronesa de Sauípe, que fica em um tradicional bairro de Salvador, o Ribeira.

Inaugurada em 1935, a escola faz parte do imaginário local e era cercada por muita natureza, com árvores e áreas verdes. Mas uma reforma cobriu todo seu jardim de concreto. O que antes acolhia, foi transformado em um pátio quente, rígido e inóspito. Nos dias de sol forte, o calor irradiado pelo cimento e brinquedos de plástico afastava as crianças do local, fazendo com que passassem o dia inteiro dentro da escola.

Foi desse incômodo que nasceu o movimento de “desemparedar” a infância. A comunidade escolar se mobilizou para reconectar as crianças com aquilo que lhes pertence por natureza, devolvendo a possibilidade de explorar o mundo com o corpo inteiro.

Mais do que transformar um espaço físico, a iniciativa buscou resgatar a própria essência da escola, que desde sua fundação cultivava jardins, hortas e experiências ao ar livre como parte da aprendizagem.

Inspirado pela Educação Baseada na Natureza, o projeto voltou a integrar o brincar, os afetos, as experiências sensoriais e o cuidado com o meio ambiente ao cotidiano pedagógico das crianças, mostrando que, quando a natureza ocupa a escola, também transforma as relações, os vínculos e a forma de aprender juntos.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Como quem cultiva, a construção do Parque Naturalizado foi feita com muitas mãos, escuta e cuidado. Crianças, famílias, professoras, coordenação e comunidade escolar participaram desse processo coletivo, ajudando a transformar o pátio em um espaço vivo, acolhedor e cheio de significado.

Desde o início, as crianças ocuparam o centro da construção. Em rodas de conversa, desenhos, histórias e brincadeiras, compartilharam sonhos e ideias sobre como gostariam que fosse o novo espaço. As professoras registraram essas falas com sensibilidade, transformando imaginação em caminhos possíveis para o parque.

As famílias também tiveram papel essencial nessa travessia. Em reuniões, entrevistas e momentos de troca, muitas relembrou suas próprias infâncias brincando na terra, correndo ao ar livre, subindo em árvores e se molhando na chuva.

Esse processo de escuta mobilizou as 185 famílias da escola e revelou dados significativos: 89% das famílias revisitaram memórias afetivas ligadas à natureza, 72% reconheceram um empobrecimento sensorial na infância atual - intensificado pelo uso de telas, e 97% apoiaram a retomada do solo natural. Mostrando que o afeto e a

memória geraram mobilização coletiva em defesa do brincar ao ar livre.

O projeto contou ainda com o apoio do Núcleo de Primeira Infância, da SECIS (Secretaria Municipal de Sustentabilidade, Resiliência, Bem-estar e Proteção Animal) e da SMED (Secretaria Municipal da Educação), além de formações inspiradas em materiais do Instituto Alana, livros e cursos sobre Educação Baseada na Natureza.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Um dos maiores desafios enfrentados pela escola foi transformar a lógica de um espaço escolar excessivamente cimentado em um ambiente vivo, acolhedor e conectado à natureza.

Além das limitações físicas, também foi necessário sensibilizar famílias e profissionais sobre a importância do brincar livre, do contato com elementos naturais e do uso pedagógico dos espaços externos. Ao longo das reuniões e rodas de conversa, surgiram receios relacionados ao brincar na natureza, principalmente em relação à sujeira, segurança, quedas e à ideia de que espaços naturais seriam menos educativos ou organizados que ambientes tradicionais.

Por isso, a escola promoveu momentos formativos e debates sobre infância, natureza e desenvolvimento infantil, fortalecendo um processo de letramento pedagógico que ajudou a transformar receios em confiança compartilhada. Aos poucos, a comunidade passou a reconhecer o Parque Naturalizado não apenas como um espaço de lazer, mas como um ambiente de aprendizagem, convivência e pertencimento.

E o parque se transformou em um espaço de investigação, imaginação e convivência: nos troncos, pedras e declives, as crianças passaram a ampliar a consciência corporal e a motricidade; já com terra, folhas, sementes e pigmentos naturais, podem explorar sons, cores e formas; as interações com o ambiente também despertam narrativas, imaginação e brincadeiras simbólicas; a observação dos ciclos da natureza tem aproximado as crianças de aprendizagens ligadas à ciência, ao tempo e às transformações do mundo.

O parque deixou de ser apenas um espaço externo e se transformou em um território vivo de descobertas, cuidado e pertencimento. Como resultado, as crianças fortaleceram vínculos e o senso de cooperação e convivência.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

O Parque Naturalizado deixou marcas que vão muito além da transformação do pátio. Aos poucos, o espaço voltou a respirar — e, com ele, também floresceram novas formas de aprender, conviver e pertencer. A experiência reafirmou que os espaços externos também educam, também são o currículo e que a natureza pode ser parte viva do cotidiano escolar.

As crianças passaram a ocupar os ambientes ao ar livre com mais liberdade, curiosidade e autonomia. As famílias, por sua vez, aproximaram-se ainda mais da escola e redescobriram o brincar com os elementos naturais como parte essencial da infância.

Ao valorizar o território, a memória e a participação coletiva, a iniciativa pode servir de inspiração para que outras escolas e redes de ensino repensem seus espaços educativos, e passem a transformá-los em locais de vínculos e de conquistas compartilhadas.

Mais do que um projeto de infraestrutura, o Parque Naturalizado semeou uma nova forma de olhar para a infância: mais livre, mais conectada à natureza e mais enraizada no território e nas relações humanas.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Micaela Balsamo de Mello (proponente), professoras, auxiliares de desenvolvimento infantil, gestora e vice-gestoras, coordenadoras pedagógicas e demais servidores(as) da escola.



Gota de Futuro: A Jornada da Água e do Verde

Escola Municipal Sociedade Fraternal - Salvador (BA)
Anos Iniciais da Educação Fundamental



PERTENCIMENTO, CUIDADO E MOBILIZAÇÃO

O projeto Gota de Futuro nasceu de uma situação crítica vivida pela Escola Municipal Sociedade Fraternal, localizada em Pau da Lima, Salvador (BA), um território onde 85,63% da população é composta por pessoas pretas e pardas e onde 41,5% dos responsáveis pelos domicílios vivem com renda de até um salário-mínimo.

A escola convive com interrupções frequentes no abastecimento público de água, tornando-se dependente de caminhões-pipa que atendem a unidade ao menos duas vezes por semana. Essa situação afeta diretamente estudantes, famílias e profissionais da educação, comprometendo a higiene básica, o preparo da merenda e, em alguns momentos, a própria continuidade das aulas.

Foi nesse contexto que surgiu uma iniciativa que une aprendizagem, participação cidadã e cuidado com o território. O projeto também dialoga com uma trajetória construída pela comunidade escolar ao longo dos anos. Em 2018, uma parceria com o movimento Canteiros Coletivos transformou a calçada da escola, antes marcada pelo descarte irregular de lixo e entulho, em um canteiro verde, vivo e transitável. Uma experiência que ganhou repercussão em diferentes veículos de comunicação, entre eles a Revista Terra, o programa Mosaico Baiano, a TV Bahia e o Bom Dia Brasil.

O Gota de Futuro dá continuidade a esse percurso. Se antes o desafio era enfrentar o problema do lixo, agora a escola volta seu olhar para a escassez hídrica, buscando aproveitar a água da chuva para manter vivos os espaços verdes construídos coletivamente.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Antes de qualquer intervenção, os(as) estudantes compartilharam suas percepções sobre os impactos da falta de água na escola em assembleias e momentos de diálogo. Em uma dessas conversas, uma pergunta feita por um(a) estudante foi crucial para toda a proposta: "Se a gente fica sem aula porque não tem água na caixa, por que a água que cai no pátio quando chove vai toda para o ralo?".

A partir dessa reflexão, a comunidade escolar passou a investigar formas de captar e reaproveitar a água da chuva. As crianças participaram de expedições investigativas pelo espaço escolar, observando calhas, áreas cimentadas, jardins e pontos de escoamento. Munidas de pranchetas, registraram suas observações, desenharam mapas e identificaram locais com potencial para a instalação dos sistemas de captação pluvial.

Ao longo do processo, os(as) estudantes assumiram papel ativo na construção de diversas soluções. Nas oficinas de ideação, demonstraram interesse pela hidroponia, motivados(as) pela curiosidade de observar o desenvolvimento das raízes na água. Também participaram da montagem dos módulos utilizando garrafas PET trazidas de casa, integrando práticas

de reuso de materiais recicláveis e economia circular. Aos poucos, a escola se transformou em um laboratório vivo de investigação, onde observação, criatividade e experimentação caminharam lado a lado.

Entre as produções desenvolvidas pelos(as) estudantes, destacou-se o “The Green Dictionary & Eco-Signs”, atividade que reuniu o aprendizado de palavras e expressões em inglês relacionadas à água, à natureza e às mudanças climáticas. A partir desse repertório, as crianças criaram placas bilíngues para a horta e para os espaços verdes da escola, ampliando as possibilidades de comunicação.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Ao longo da jornada, os(as) estudantes também puderam perceber que a água da chuva, associada aos transtornos e alagamentos, poderia representar cuidado e solução. Assim, o acompanhamento dos reservatórios, das mudas e dos sistemas de cultivo favoreceu uma aproximação mais sensível com os processos naturais. No “Diário da Planta”, registraram observações sobre crescimento, vigor e desenvolvimento das espécies, construindo conhecimentos a partir da experiência prática.

Outra descoberta importante foi compreender que o território pode se transformar em espaço de aprendizagem. O entorno da escola, os jardins, a calçada revitalizada, os sistemas de drenagem e até mesmo os dias de chuva tornaram-se oportunidades para investigar fenômenos ambientais e conhecer melhor a realidade local.

A participação das famílias foi marcante. No “Dia D de Instalação”, um mutirão colaborativo que reuniu cuidadores(as), responsáveis e membros da comunidade na implantação do sistema de captação da água da chuva. Outros mutirões, campanhas de arrecadação e oficinas ampliaram a participação coletiva. Entre elas, destacaram-se as oficinas de “Horta em Pequenos Espaços”, onde o compartilhamento de técnicas simples de cultivo incentivou novas experiências dentro e fora da escola.

Outro desdobramento significativo foi a criação da “Rede de Guardiões”, onde familiares e vizinhos(as) voluntários(as) passaram a acompanhar os níveis dos reservatórios e a saúde da horta durante fins de semana e feriados, criando um sentimento de corresponsabilidade e o reconhecimento da escola como um patrimônio coletivo.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

A experiência fortaleceu a compreensão de que a educação climática ganha mais sentido quando os(as) estudantes participam ativamente da construção do conhecimento. Ao investigar o ciclo da água, acompanhar a chuva, cultivar plantas e cuidar dos espaços verdes, eles(as) passaram a compreender de forma concreta as relações entre natureza, cidade e qualidade de vida.

Outro aspecto importante foi o diálogo com o Projeto de Lei de iniciativa popular Escola Verde, que busca ampliar a arborização no entorno das escolas públicas de Salvador. Ao conhecerem essa proposta, os(as) estudantes refletiram sobre participação cidadã, cuidado com o território e transformação social, percebendo que as ações realizadas em seu bairro também podem contribuir para mudanças mais amplas.

Ao transformar a chuva em recurso, o pátio em laboratório, as crianças tiveram a oportunidade de atuar como investigadoras e a escola construiu uma jornada marcada pela sustentabilidade, pela participação e pelo cuidado coletivo.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Elenilda Moreira de Sá Costa (proponente), Carla Cláudia de Santana (vice-diretora), Ivana Machado Requião (coordenadora pedagógica), Valdeir Gledes Pereira dos Santos (coordenador pedagógico), e os educadores: Elenilda Moreira de Sá Costa, Magda Almeida Albergaria de Jesus, Ana Lúcia Silva de Almeida Santos, Maria de Fátima Silva Neres, Carla Cristina Oliveira Mendes, Ermita Cordeiro de Miranda, Neiliz Teixeira de Pinheiro, Wanessa de Assis Pereira Santos.



Criança e Natureza: Promovendo uma Infância Amiga do Planeta

CMEI Iacy Vaz Fagundes – Salvador (BA)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)



ÁREA VERDE VIRA ESPAÇO CENTRAL NA APRENDIZAGEM

Na região de Ogunjá, em Salvador, a água é uma questão muito presente. Localizado em um fundo de vale, o bairro recebe a chuva que desce das encostas ao redor e, nos últimos anos, passou a conviver com alagamentos e deslizamentos. E, para muitas famílias do CMEI Iacy Vaz Fagundes, essa realidade faz parte da rotina.

Foi olhando para esse território e para as experiências vividas pelas crianças e suas famílias que a escola percebeu que a educação ambiental precisava sair do campo da teoria e ganhar presença no cotidiano das crianças.

Ao mesmo tempo, havia dentro do CMEI uma grande área verde pouco aproveitada. As crianças passavam boa parte do tempo dentro das salas, enquanto o espaço externo permanecia quase sempre em segundo plano.

O projeto Criança e Natureza: Promovendo uma Infância Amiga do Planeta foi pensado para mudar essa lógica e aproximar a infância da natureza de forma mais viva, cotidiana e significativa.

A inspiração veio do programa Criança e Natureza, do Instituto Alana, além das Diretrizes de Salvador para a Educação Infantil, que defendem a criança como protagonista do próprio aprendizado. As referências do projeto incluem ainda o pensamento de Ailton Krenak, líder indígena e filósofo que defende a interconexão entre todos os seres e a ideia de que a Terra é um organismo vivo, não um recurso a ser explorado. A partir dessas referências, a escola passou a enxergar a natureza não como cenário, mas como parte ativa do processo educativo.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O projeto começou em 2025, com uma mudança importante na rotina da escola: garantir que o contato com os espaços verdes deixasse de ser algo ocasional e passasse a fazer parte do dia a dia das crianças.

As experiências ao ar livre começaram a ocupar o centro das atividades e foram incorporadas às práticas cotidianas das turmas, seguindo para 2026 com o mesmo objetivo. Para garantir uma abordagem integral, esse desemparedamento contou com várias atividades, percorrendo os cinco Campos de Experiência da BNCC (Base Nacional Comum Curricular):

O eu, o outro e o nós

Horta: as crianças participaram de todo o processo, desde a preparação da terra até o plantio e a rega.

Piqueniques coletivos: momentos de interação e socialização em áreas verdes, em que as crianças puderam compartilhar alimentos e brincadeiras.

Rodas de conversa ao ar livre: espaço para compartilhar sensações, medos e alegrias vivenciadas nas explorações na natureza.

Corpo, gestos e movimentos

Circuitos naturais: utilizando troncos, pedras e desníveis do terreno, as crianças criaram percursos desafiadores.

Brincadeiras de movimento livre: como ficar descalço na grama ou na areia, pular poças d'água, dançar com o vento.

Construção de cabanas: com a utilização de galhos, folhas e outros elementos naturais, exercitando a motricidade ampla e o trabalho em equipe.

Traços, sons, cores e formas

Pintura com pigmentos naturais: criação de tintas a partir de terra, urucum, açafrão e folhas.

Arte com a terra: confecção de mandalas e outras composições artísticas utilizando folhas, flores, sementes, pedras e galhos.

Orquestra da natureza: exploração de sons produzidos por elementos naturais (bater de pedras, chacoalhar de sementes, o som do vento nas folhas) e criar composições musicais.

Escuta, fala, pensamento e imaginação

Contação de histórias na natureza: utilizando o ambiente como cenário, as crianças usaram elementos da natureza como personagens.

Diário de campo: as crianças desenharam e, com a ajuda de um(a) educador(a), relataram suas descobertas.

"O que você vê nas nuvens?": usando a imaginação, as crianças identificavam o que estavam vendo nas nuvens, estimulando a criatividade e a linguagem oral.

Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações

Caça ao tesouro da natureza: as crianças receberam mapas com elementos a serem encontrados (uma folha lisa, uma pedra áspera etc.).

Coleções da natureza: organização e classificação de sementes, folhas, pedras por cor, tamanho ou forma.

Observação de transformações: nesta rica atividade, as crianças puderam acompanhar o desenvolvimento de uma lagarta e o crescimento das raízes de uma semente no vidro com algodão.

Baile da Natureza: atividade que marcou o encerramento de um ciclo. Nesta celebração, foram valorizadas todas as características provenientes dos movimentos da natureza. Explorando a observação e a percepção das crianças do que elas veem e sentem no verão, outono, inverno e primavera. Foi um momento de muita diversão, criatividade e interação com a natureza.

Plantação de mudas: criação de miniestufas feitas com garrafas pet.

Exposição das produções: no final do ano de 2025 as crianças fizeram a exposição das produções realizadas no trimestre.

Depois das ações com as crianças, o projeto seguiu para 2026 com outros objetivos: reduzir a geração de resíduos por meio de prevenção, redução, reciclagem e reuso. E outras atividades foram pensadas para envolver as famílias, implantar a coleta seletiva na unidade e uma parceria com a Cooperativa do Bariri, que realizará palestra para a equipe



escolar e para as famílias sobre coleta seletiva e empreendedorismo.

O projeto também aproximou as famílias das discussões sobre meio ambiente e mudanças climáticas. Em encontro realizado na escola, foram discutidos os impactos das chuvas intensas no Ogunjá, relacionando as experiências vividas pela comunidade, como alagamentos e deslizamentos, com temas como impermeabilização do solo e vulnerabilidade urbana. As famílias também foram convidadas a participar de oficinas de brinquedos com elementos da natureza.

Para 2026, a proposta prevê uma parceria com a Defesa Civil de Salvador para ampliar as ações de educação climática, prevenção de riscos e conscientização ambiental.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

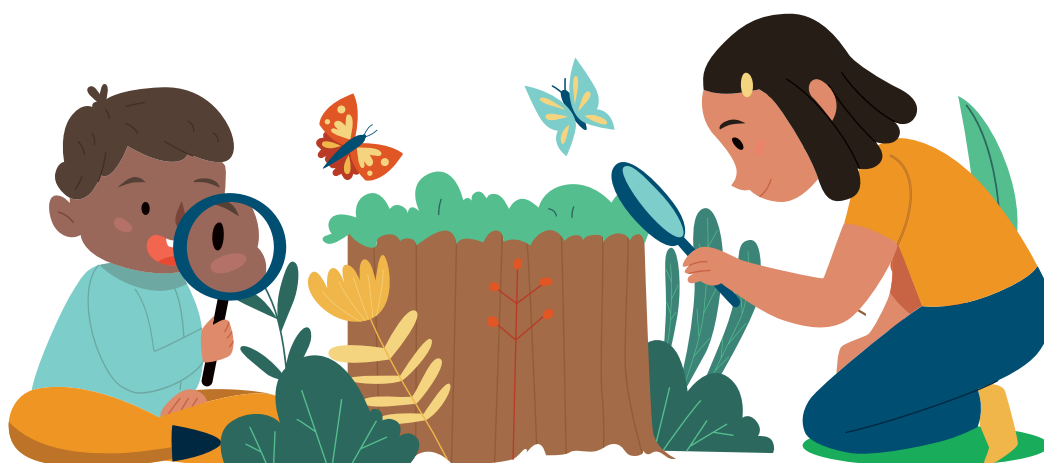
O projeto Criança e Natureza: Promovendo uma Infância Amiga do Planeta vem ajudando a construir, desde a primeira infância, uma relação mais próxima entre as crianças, a natureza e o território onde vivem.

A mudança exigiu formação, escuta e disposição da equipe para rever práticas bastante enraizadas, substituindo atividades centradas em materiais prontos por experiências mais abertas, corporais e conectadas com a natureza.

Outra descoberta marcante foi perceber como a educação ambiental pode ajudar as famílias a compreender melhor os desafios do território. Ao conversar sobre as causas dos alagamentos e deslizamentos, o projeto aproximou questões climáticas da vida cotidiana da comunidade.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Verônica de Souza Santana (proponente), docentes e auxiliares.



Quem Sou Eu Brincando no Chão de Salvador?

**Creche e Pré-escola Primeiro Passo
Parque São Cristóvão – Salvador (BA)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)**



TUDO COMEÇOU OBSERVANDO O CÉU DA ESCOLA

Inspiradas por formações e buscando uma Educação Baseada na Natureza, educadoras da Creche e Pré-escola Primeiro Passo Parque São Cristóvão decidiram começar o projeto levando as crianças para observar o céu e os arredores da escola em um espaço pouco utilizado em atividades até então, o estacionamento da unidade. Apesar de pavimentado, o local é cercado por vegetação e poderia dar início à aprendizagem ao ar livre.

Esse desejo de colocar as crianças em contato com a natureza vinha de uma inquietação. Na avaliação diagnóstica do contexto escolar, foi observado que muitas crianças apresentavam irritabilidade, pouca concentração nas ações em sala, demonstravam falta de vontade de frequentar a escola porque nesse espaço não havia telas disponíveis, gerando resistência em crianças já muito acostumadas a elas (ouviam-se falas como “eu quero jogar Roblox”), e tinham pouca vivência com a natureza, desconhecendo nomes de insetos do cotidiano e flores da região.

A proposta foi precedida ainda por formações oferecidas pela Gerência Regional de Itapuã, como vivências de ateliê, que despertaram nas educadoras o olhar para as riquezas do território.

Somava-se a isso o fato de a escola de Educação Infantil ficar em um bairro periférico de Salvador, marcado pela forte vida comunitária, mas com pouco acesso a áreas verdes. Assim, muitas crianças que frequentam a unidade têm poucas oportunidades de brincar livremente na natureza e passavam grande parte do dia em ambientes fechados.

A reação à primeira atividade de observar o céu no estacionamento da escola foi imediata. Os novos estímulos chamaram a atenção das crianças que compartilhavam perguntas e descobertas o tempo todo sobre os animais e os objetos que viam. Nascia ali o “Observatório do Céu do Parque São Cristóvão”. Entre todos os elementos observados, as borboletas despertaram maior encantamento e, em votação, foram escolhidas pela turma como tema central do projeto que começava.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Tendo como pilares a escuta ativa e o protagonismo das crianças, o projeto aconteceu entre agosto e novembro de 2025, sempre guiado pelas perguntas e pelos interesses das turmas. As primeiras atividades foram de observação e registro.

Em uma dessas explorações pela escola, as crianças encontraram uma lagarta na área verde, e a descoberta ampliou as possibilidades de investigação. O ciclo da borboleta deixou de ser apenas assunto de conversa e passou a acontecer diante dos olhos das crianças.

Os(as) alunos(as) acompanharam e registraram o ciclo de vida da borboleta — do ovo à lagarta, do casulo ao voo. Ao longo de todo o processo, novas perguntas surgiram, demonstrando que a investigação estava viva e em constante construção. Quando parecia que o tema já havia sido explorado, emergiram questões como: “A borboleta faz xixi?” e “Como a borboleta dorme?”.

A partir dessas curiosidades, a equipe docente foi construindo novas experiências, misturando investigação, arte, movimento e brincadeira, como a criação da história interativa da Borboleta Lili, personagem construída coletivamente a partir do imaginário das crianças.

No processo, houve ainda uma atividade de releitura da lagarta utilizando materiais coletados pelas próprias crianças, como folhas, flores, capim e gravetos, valorizando a experiência sensorial e a autoria infantil, e a construção de borboletas com diferentes suportes, como papelão, tampinhas de garrafa PET e rolos de papel higiênico. Em todos os casos, a criatividade das crianças potencializou a beleza das produções, culminando na criação do “Borboletário do Parque São Cristóvão” pelas crianças do Grupo 4.

Para responder à pergunta “A borboleta faz xixi?”, a professora usou uma borboleta feita pelas crianças, adaptada com um canudo, para simular o processo de alimentação com néctar e mostrar que o excesso ingerido vira excreção. Uma criança imediatamente associou: “Ah, prô, então não é xixi, é gofo, igual ao meu irmãozinho quando come muito!”.

O projeto contou ainda com a implantação de uma horta em um corredor pouco explorado da escola, onde o aprendizado acontecia de forma prática, com as mãos na terra e os olhos atentos às pequenas descobertas do cotidiano.

Para complementar a experiência, as crianças foram além dos limites do bairro em duas saídas pedagógicas. As visitas ao Parque das Dunas e à Lagoa do Abaeté permitiram explorar outros espaços naturais de Salvador, correr nas dunas, brincar com areia e água.

O percurso foi encerrado com dois momentos marcantes: a exposição do “Borboletário”, aberta às famílias, e a apresentação da música autoral “Quem Sou Eu Brincando no Chão de Salvador” pelas crianças.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

O projeto também ajudou a valorizar o próprio território das crianças. As histórias que emergiram nas conversas com as turmas sobre o quintal da avó, os animais do bairro e as borboletas vistas nas ruas foram incorporadas às investigações.

A escola convidou anciãos da comunidade para contar a história do bairro e compartilhar saberes sobre ervas medicinais locais, integrando memória e território à investigação.

Mais do que aprender sobre borboletas, as crianças passaram a perceber que a natureza existe também no lugar onde vivem e que o território onde crescem é cheio de vida, saberes e possibilidades de descoberta.

Ao visitar espaços como a Lagoa do Abaeté, muitas crianças saíram do bairro pela primeira vez e puderam conhecer outros ecossistemas da cidade, fortalecendo vínculos de pertencimento com Salvador.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

O Borboletário do Parque São Cristóvão ficou como símbolo concreto de tudo o que as crianças viveram ao longo do projeto. A música “Quem Sou Eu Brincando no Chão de Salvador” também se transformou em uma espécie de síntese afetiva da experiência: uma afirmação de pertencimento ao bairro, à cidade e aos espaços naturais descobertos ao longo do caminho.

Para a escola, o projeto deixou um modelo de trabalho baseado na escuta atenciosa das crianças, no aproveitamento criativo dos espaços disponíveis e em um planejamento que nasce da curiosidade do grupo.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Luciana dos Santos Villas Boas (proponente), docentes Daiane Alves de Jesus de Araujo, Isabele Sodré Ramos e Ana Paula Brito Carlos, Eliana Reis (coordenadora pedagógica), auxiliares de desenvolvimento infantil Iramilce, Jacilene, Ana Carla e Márcia, gestoras Luciana Villas Bôas e Ana Paula Moreira e os porteiros Márcio e Fábio.



Tempo, Tempo, Tempo: Histórias que nos Formam, Ciclos que nos Transformam!

CMEI União Boca do Rio – Salvador (BA)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)



DO CONCRETO À TERRA: NATURALIZANDO O APRENDIZADO

O projeto Tempo, Tempo, Tempo nasceu de uma inquietação compartilhada entre a escola e a comunidade: como garantir às crianças da Educação Infantil experiências mais significativas de contato com a natureza em um espaço marcado pelo excesso de concreto? Dessa reflexão surgiu uma decisão que se tornaria um dos marcos da iniciativa: retirar parte do concreto do pátio para devolver a terra ao espaço escolar.

Na ficha de inscrição do projeto, uma frase reforça bem a força da iniciativa: a ação de “quebrar o concreto” e trazer a terra de volta para o ambiente escolar não foi apenas uma mudança estética ou funcional, mas uma escolha política e pedagógica, que dialoga diretamente com o enfrentamento ao racismo ambiental presente no território.

A iniciativa articulou ainda outras práticas pedagógicas voltadas para a educação climática, saídas exploratórias pelo território do bairro Boca do Rio, onde fica o CMEI, e rodas de conversa, promovendo a valorização da cultura local e da identidade das crianças. A escola também percebia no dia a dia que as crianças tinham pouca interação com o rio que nomeia o bairro e um desconhecimento cada vez maior dos modos de vida da comunidade.

A relevância do projeto teve respaldo na realidade atual da região, que tem sofrido com o aumento das temperaturas, excesso de áreas cimentadas, redução de áreas verdes, descarte inadequado de resíduos e episódios recorrentes de alagamentos em períodos de chuvas intensas.

Para as rodas de conversa com as crianças, o projeto se apoiou no livro “Calu: uma Menina Cheia de Histórias” (ed. Malê), das autoras Cássia Valle e Luciana Palmeira. A narrativa de uma menina negra que constrói um museu a partir das memórias do lugar onde vive despertou grande interesse entre os(as) pequenos(as) e favoreceu processos de identificação, representatividade e valorização da infância negra. Nas rodas de conversa realizadas com crianças de 2 a 5 anos sobre a obra, elas começaram a compartilhar lembranças, experiências e curiosidades sobre o rio, a feira, os pescadores, os avós e as transformações do bairro.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

A naturalização do pátio foi feita em etapas. Antes de qualquer intervenção física, educadores(as), gestores(as), funcionários(as) e crianças participaram de rodas de conversa que permitiram compartilhar expectativas, dúvidas e desejos sobre o espaço.

Com a equipe pedagógica, o processo envolveu reflexões sobre as concepções de infância e a importância do brincar ao ar livre. Já com as crianças, a pergunta foi simples: “Como desejamos que seja o nosso pátio?”. A partir de observações, elas imaginaram novos usos

para aquele espaço, expressando desejos que iam desde brincar na terra e na areia até ter mais elementos da natureza no cotidiano.

A implementação foi conduzida por um Grupo Intersetorial formado por 26 profissionais de 7 secretarias e órgãos públicos do município de Salvador. Esse processo também incluiu uma oficina prática formativa, realizada por consultores(as) externos(as) (Coletivo Taboa e Oca Infância Viva), em julho de 2024, para a qual foram convidados(as) para participar 22 gestores(as), coordenadores(as) e professores(as), com o objetivo de poder dar escala aos pátios, levando-os para outros CMEIs. Foram 6 encontros presenciais com diferentes equipes pedagógicas e 6 encontros presenciais com a equipe de obras.

A etapa seguinte consistiu na elaboração do projeto do pátio naturalizado. Três arquitetos(as) foram nomeados - Ian Galvão (Núcleo Especial de Apoio à Primeira Infância), Lilia Andrade Correia e Bruna Costa Vieira (Secretaria Municipal da Educação) - e participaram diretamente, buscando traduzir os desejos manifestados em propostas concretas para o espaço. As contribuições das crianças, dos(as) educadores(as), da gestão e dos(as) demais profissionais foram articuladas na construção de uma planta aberta e flexível, pensada para favorecer o brincar, a convivência e a conexão com a natureza.

Paralelamente, foi realizada uma curadoria cultural para compor os ambientes do novo pátio. A seleção de materiais buscou valorizar elementos ligados à cultura baiana e à identidade da Boca do Rio, incorporando objetos, texturas e referências que aproximassem as crianças de seu território. Dessa forma, a naturalização foi além da transformação física do espaço: tornou-se um processo que integrou natureza, cultura, memória e participação comunitária.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

O principal desafio foi romper com uma lógica historicamente presente em muitos espaços urbanos e escolares: a substituição dos ambientes naturais por áreas impermeabilizadas e cada vez mais distantes das experiências da infância. Com a reintrodução da terra, da vegetação e de áreas mais permeáveis, o ambiente escolar se tornou mais acolhedor e convidativo ao brincar.

Junto a isso, a leitura de “Calu” estimulou rodas de conversa, investigações e produções das crianças. A obra favoreceu processos de identificação positiva e valorização das diferentes experiências presentes na comunidade escolar, contribuindo para práticas de inclusão, equidade e reconhecimento das múltiplas identidades das crianças, incluindo crianças com deficiência e neurodivergentes.

As turmas também participaram de saídas exploratórias pelo bairro Boca do Rio, onde observaram elementos naturais e construídos, registraram descobertas e ampliaram sua compreensão sobre as relações entre pessoas, cultura e ambiente.

As famílias participaram ativamente do processo, contribuindo com memórias, relatos e conhecimentos compartilhados para a construção de maquetes do bairro e em diferentes momentos de interação com a escola. Também foram promovidos encontros com mestres(as) e griôs da comunidade, que compartilharam saberes tradicionais e conhecimentos relacionados à pesca e às formas de viver no território.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

O legado do projeto ultrapassa as atividades realizadas e permanece presente na cultura da escola. A naturalização do pátio transformou o cotidiano das crianças, e a experiência demonstrou que espaços mais verdes favorecem não apenas o conforto ambiental, mas também as relações entre infância, aprendizagem e território.

Também houve o fortalecimento da identidade e do pertencimento das crianças em relação ao Boca do Rio. Ao conhecerem suas histórias, memórias familiares, referências



culturais e saberes comunitários, elas passaram a perceber que o território onde vivem é rico em conhecimentos, experiências e formas de viver. A iniciativa consolidou práticas de escuta ativa e participação infantil, reconhecendo as crianças como protagonistas dos processos educativos.

O impacto da experiência extrapolou os muros da escola, tornando-se referência em Educação Baseada na Natureza em Salvador, servindo de inspiração para uma política pública municipal voltada à ampliação desse modelo em outras unidades da rede.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Amanda Conceição Reis (proponente), representantes da equipe docente, gestão escolar e outros(as) profissionais da educação.



Guardiões Mirins do Clima

Creche e Pré-escola
Primeiro Passo Tubarão – Salvador (BA)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)



O MANGUE, O MAR E AS HISTÓRIAS

Paripe é um bairro onde o mar, o manguezal e a vida comunitária fazem parte da paisagem cotidiana. Mas junto da beleza da Praia de Tubarão também convivem desafios como lixo acumulado, poluição e impactos ambientais que afetam diretamente a comunidade, fazendo com que muitas crianças vissem a degradação ambiental como algo “normal”. Ao mesmo tempo, histórias, saberes e culturas das famílias locais, em sua maioria negras, ligadas à pesca e às tradições do território, apareciam pouco dentro da escola. O projeto surgiu justamente desse desejo de aproximar infância de seu território, da natureza, de sua cultura, gerando senso de pertencimento.

A iniciativa se consolida como um percurso contínuo de educação ambiental, educação antirracista e aprendizagem baseada na experiência. A ideia central sempre foi oportunizar às crianças enxergar o território com curiosidade, afeto e responsabilidade, entendendo que cuidar do lugar onde vivem também é cuidar de si mesmas e da comunidade.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Ao longo do ano, o projeto transformou o território em espaço de investigação e aprendizagem. As crianças participaram de saídas para a Praia de Tubarão, o manguezal, a feira livre, o Zoológico, o Museu do Mar, praças do bairro e o Parque da Cidade, além de outros espaços da comunidade. Nessas vivências, observaram animais, plantas, o movimento da maré e também os impactos causados pelo descarte irregular de resíduos.

A escuta das crianças orientou todo o percurso. Em rodas de conversa, elas compartilharam o que viam e refletiam sobre o bairro, o mar, os animais e a natureza, participando de decisões coletivas e registrando as vivências por meio de desenhos, falas e produções artísticas. Muitas atividades nasceram dessas falas.

Quando algumas crianças comentaram sobre o lixo acumulado na praia, por exemplo, surgiu a proposta de expedições investigativas à Praia de Tubarão, onde observaram o ambiente, coletaram resíduos de forma simbólica e levantaram hipóteses sobre a origem daquele lixo. Também ajudaram a cuidar da horta e da coleta seletiva, além de produzirem brinquedos, instrumentos musicais, maquetes e obras artísticas com materiais recicláveis.

Dentro da escola, foram criados espaços de imersão sensorial: o “Cantinho do Manguezal”, a “Praia de Tubarão Simulada” e o “Trem” que permitiram continuar a relação com a natureza mesmo nos momentos internos.

As famílias participaram de maneira ativa em todo o percurso, contribuindo com materiais recicláveis, acompanhando saídas de campo, participando de oficinas e

ajudando na construção de brinquedos, maquetes e produções artísticas ao lado das crianças. Moradores(as) contribuíram ainda com mudas de plantas nativas, fortalecendo o vínculo entre a escola e o ecossistema local. Em muitos momentos, também compartilharam histórias de vida e do território, fortalecendo a relação entre escola e comunidade.

O projeto também focou na educação antirracista, desenvolvida de forma integrada às experiências do projeto, por meio da valorização das culturas afro-brasileiras, indígenas e locais. Esse trabalho é orientado pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. Como exemplo, as crianças participaram de atividades que incluíram contação de histórias, contato com literaturas afro-brasileiras e indígenas, apreciação de músicas e danças, ampliando referências positivas, combatendo estereótipos e contribuindo para o reconhecimento da diversidade e para a construção de relações mais respeitadas e equitativas.

Pescadores(as), marisqueiras(os) e moradores(as) também compartilharam memórias, experiências e conhecimentos ligados ao mar, à pesca e à vida no bairro, mostrando que o território também educa.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Um dos grandes desafios foi mobilizar uma equipe ampla, com cerca de 50 profissionais, em torno da proposta. O caminho encontrado foi o planejamento coletivo, com formações que incluíram parceria com o Instituto Alana, garantindo que toda a equipe compartilhasse os mesmos referenciais pedagógicos.

Tudo isso, guiado pela escuta das crianças, permitindo que o projeto crescesse de forma viva e conectada aos interesses reais das turmas.

Com o tempo, o território deixou de ser apenas pano de fundo e passou a ocupar o centro das aprendizagens. A praia e o manguezal viraram espaços de observação, cuidado e descoberta. As crianças começaram a perceber diferenças entre ambientes preservados e degradados, criando novas relações com os lugares que frequentam desde pequenas.

Outro aspecto marcante foi a valorização das identidades culturais da comunidade. Em Paripe, onde a maioria das famílias é negra e ligada às tradições costeiras, falar de meio ambiente também significa falar de memória, pertencimento e justiça social, o que aproximou as crianças do meio em que vivem, com histórias, músicas, práticas culturais e conhecimentos muitas vezes ausentes dos currículos tradicionais. Como resultados, elas passaram a olhar para si mesmas e questionar a relação delas com o espaço ao redor, o que fomentou o senso de responsabilidade coletiva.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

Há cinco edições, o Guardiões Mirins do Clima colabora para construir uma comunidade escolar mais conectada à natureza, à cultura local e ao cuidado coletivo. As crianças passaram a reconhecer a praia, o manguezal e os espaços do bairro como parte importante de suas vidas — lugares que merecem atenção, proteção e afeto.

A MINICOP 30 simboliza bem esse caminho. Ver crianças pequenas debatendo o clima, propondo soluções, produzindo arte e construindo uma Carta da Terra mostra que o protagonismo infantil pode nascer cedo, de forma concreta e sensível.

O projeto também deixa um aprendizado importante para outras escolas: a educação climática ganha mais sentido quando parte da realidade das crianças, de suas histórias e do território onde vivem. Com experiências ao ar livre, práticas sustentáveis, participação ativa das famílias e valorização da cultura da comunidade, a Creche e Pré-escola Primeiro Passo Tubarão mostra que cuidar do planeta começa pelo lugar que cada criança chama de seu.



PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Bárbara Conceição Oliveira Pinto Nolasco (proponente), Bárbara Conceição Oliveira Pinto Nolasco (gestora), Sonia Barbosa dos Santos Silva e Sueli Cristina Garcia Ferreira (vice-gestoras), Carmelita Barbosa da Silva (coordenadora pedagógica), professores(as) Clarice Ferreira dos Santos, Cláudia Regina Silva Medeiros, Cristina Maria de Jesus Melo da Silva, Ester dos Santos Ribeiro, Gilmar Araújo dos Santos, Iranita Maria dos Santos, Maria da Soledade Bispo Guimarães, Maria Luiza Brito da Cruz, Marivone Lima de Santana Almeida, Miralva Almeida dos Reis Oliveira Santos, Odeildes Lima dos Santos, Patrícia Regina Santos, Rilza Ferreira de Cerqueira, Rosana Loiola Araújo, Viviane Ferreira de Santana, Xênia Nascimento Paiva e ADIs(apoio) Ana Beatriz Nascimento dos Santos, Andréa Matias de Jesus, Andreza Jesus Pinheiro, Bianca Lima Almeida, Camila Marques de Santana, Camila Santos dos Santos, Carmena Maria Sena Costa, Diana Conceição Marques, Edna Carvalho de Jesus, Eliene Silva Santos, Emile Ingrid dos Santos, Emile Karine Santana, Erisânia Santos de Souza, Fabiane Nascimento Santos, Filipe Lima Conceição, Franciele Souza dos Santos, Geralda Maria de Jesus, Gleice Silva Pereira, Ivete Carvalho dos Santos Lima, Ivonice Ferreira Nascimento, Jorge Mota Ferreira, Joseleia Dórea Santos, Josineia da Conceição Costa Santos, Larissa Pereira de Almeida, Letícia Rocha de Jesus Santos, Lillian Pereira Moura, Lívia Santiago dos Santos, Lorena da Paixão Costa, Luciene Mota da Conceição, Milena da Silva, Renivalda Neris dos Santos e Rosimeire Santos de Jesus.



Educação É Natureza: Conhecer para Ser, Viver e Agir Melhor!

CMEI Álvaro da Franca Rocha – Salvador (BA)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)



MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA CRIAM RAÍZES

O bairro do Cabula carrega, em seu nome, a memória de resistência: o quilombo do Kabula é parte da história afro-brasileira de Salvador, e o bairro que cresceu sobre esse território guarda traços dessa herança. Foi com esse espírito que o CMEI Álvaro da Franca Rocha desenvolveu o projeto Educação É Natureza. Uma ação para valorizar e proteger seus espaços verdes.

Com a sorte de estar inserida dentro de uma região de Mata Atlântica, com um pomar de espécies nativas, a escola já usava sua área verde como espaço de aprendizagem: os(as) educadores(as) levavam as crianças para o pomar, realizavam rodas de conversa à sombra das árvores, incentivavam a colheita e a degustação dos frutos.

Em 2021, porém, veio a proposta de cimentar toda a área verde da unidade para “sanar o problema” da vegetação que crescia seguindo seus ciclos naturais. O corpo docente reagiu à iniciativa redigindo um relatório ao Conselho Escolar documentando o valor pedagógico das áreas verdes e evitando a cimentação. Em 2024, surgiu outra proposta, a de construir salas de aula tradicionais no quintal (pomar) da escola. Novamente, a equipe pedagógica reagiu, e foi dessa reação que nasceu o Educação É Natureza. Projeto que surgiu da necessidade de demonstrar com documentação, evidências e prática pedagógica consistente que as experiências vividas ao ar livre culminam em aprendizagens extremamente potentes.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

Com o projeto, a escola passou a ocupar os espaços externos de forma ainda mais integrada à rotina pedagógica. O quintal, o jardim, a horta e o pomar se transformaram em ambientes permanentes de investigação, brincadeira e convivência.

As crianças passaram a acompanhar o crescimento das plantas da horta, participar das sementeiras e observar os níveis de chuva dos pluviômetros instalados na área verde. Na “Sala das Areias”, exploram diferentes texturas, cores e formas por meio da manipulação de areia, argila e terra, além de produzirem pinturas com tintas naturais feitas desses próprios elementos; embaixo das árvores, também acontecem leituras, cirandas, piqueniques e produções artísticas.

O projeto também fortaleceu os vínculos entre escola e comunidade. As famílias participam de vivências, oficinas e rodas de conversa, compartilhando memórias, objetos antigos e histórias de infância. Em experiências como o “túnel do tempo”, familiares contam às crianças como brincavam quando eram pequenos(as), aproximando gerações e valorizando saberes populares. Prática que conecta memórias e oferece às crianças uma perspectiva histórica sobre a relação entre infância e natureza.

Outro aspecto importante do projeto é a escuta ativa dos(as) alunos(as) e da comunidade escolar. Desejos, sonhos e sugestões das crianças foram registrados pela escola e, posteriormente, discutidos em assembleias com as próprias crianças para a escolha das propostas que são possíveis de se concretizarem. Foi desse processo, por exemplo, que surgiu a "estação de cavação", idealizada por uma criança do Grupo 5 e hoje integrada ao cotidiano do quintal.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Ao longo do processo, a escola precisou reforçar a visão de que natureza e aprendizagem não pertencem a espaços separados. Defender o pomar significa afirmar que brincar na terra, observar insetos, colher frutos ou ouvir o som dos pássaros também são formas legítimas de produzir conhecimento na Educação Infantil.

A experiência também evidenciou a importância dos ambientes naturais para promover inclusão e autonomia. Nos diferentes espaços da escola, as crianças puderam investigar e experimentar mais livremente, circulando pelo local e participando das experiências que mais despertam seu interesse, sempre respeitando o tempo e a forma de cada um(a) aprender.

Outra transformação importante foi perceber que o território também educa. O contato diário com árvores antigas e histórias ligadas ao Cabula fizeram com que o projeto ampliasse o conceito de educação ambiental. Aos poucos, as crianças passaram a construir vínculos afetivos com o lugar onde vivem, reconhecendo o pomar como parte de uma memória coletiva que atravessa gerações.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

O caminho não foi simples. O solo do quintal carregava resíduos de construção e cacos de vidro, herança de usos inadequados do espaço. Hoje, o projeto consolidou e reafirmou uma rotina em que os espaços externos fazem parte do cotidiano pedagógico da escola. As áreas verdes deixaram de ser vistas apenas como cenário e passaram a ocupar lugar central nas experiências das crianças.

O maior legado da iniciativa é a própria permanência do pomar. Resultado desse esforço, as árvores frutíferas continuam de pé e oferecendo sombra, frutos, cheiros e sons às crianças. Porque para as 220 crianças que vivem esse projeto, o pomar não é apenas natureza: é herança.

O projeto deixa ainda como lição a importância de documentar e fundamentar as práticas e os espaços pedagógicos que estão fora da sala de aula tradicional, mas que são fundamentais para a qualidade do ensino. Foi enviando um relatório ao Conselho Escolar que a comunidade escolar impediu a cimentação das áreas verdes em 2021, e foi o registro sistemático das práticas ao ar livre que, anos depois, sustentou a defesa do pomar.

Preservar exige mobilização, argumentos e evidências. Com esse projeto, mais que preservar árvores, a comunidade escolar preservou seu patrimônio, e com ele uma forma de infância baseada na curiosidade, na liberdade de movimento e no vínculo com a natureza.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Anisia Laura Silva Rocha (proponente), docentes Bárbara, Maria Isabel, Cristiane, Maria de Fátima, Claudia, Luciana, Raquel, Walkiria, Meire Lúcia, Maria D'ajuda, Rosana, Maristela, Ilmaci, Ana Lúcia, Sheila e Joelma, auxiliares de desenvolvimento infantil Michele, Maria, Cristiane, Rita, Rosenilda, Elaine, Núbia, Sandra e Marileia, agentes e serviços gerais Lourdes, senhor Jorge e Renata, agente de portaria Ricardo, merendeiras Ednalva e Daisa, profissionais administrativos Igor e Nádia.



Horta: o Quintal dos Sentidos

Escola Municipal de Santana – Salvador (BA)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)



QUANDO A APRENDIZAGEM GANHA O TERRITÓRIO

O projeto Horta: o Quintal dos Sentidos já surgiu com um grande desafio a ser transposto: o espaço limitado da escola, que não conta com parque, refeitório ou áreas de recreação livre. Limitação que levou à necessidade de ampliação do ambiente educativo para além de seus muros.

E foi assim que surgiu a parceria com a Colônia de Pescadores da Ilha da Maré, que cedeu seu quintal para a implantação de uma horta, um espaço pedagógico que passou a funcionar como área de cultivo e diversas experiências com as crianças.

Além da Colônia, o projeto ampliou suas práticas para praças, praias e para o entorno da comunidade, incorporando esses espaços às atividades curriculares. Assim, também aproximou a escola de seu meio, localizada em uma comunidade marcada pela relação direta com o mar e a pesca artesanal, fortalecendo a compreensão de que o território é parte constitutiva do processo educativo e um espaço vivo de aprendizagem.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

O projeto teve início em 2023, a partir de reuniões de gestão, mobilização “boca a boca” e da escuta da comunidade escolar, que expressava o desejo de construir um espaço educativo que proporcionasse às crianças da escola um contato direto com a natureza.

Nesse primeiro movimento, ocorreu a busca por um espaço, e a parceria com a Colônia de Pescadores, que cedeu o quintal para as atividades pedagógicas. A partir disso, teve início a estruturação física da horta e o plantio, marcando o nascimento do projeto como construção coletiva.

Em 2023, a ação entrou em pleno funcionamento, consolidando as atividades com as crianças da Educação Infantil e integrando a horta à rotina escolar. Nesse período, as vivências foram marcadas pelo contato direto com a terra, com o cuidado das plantas e com a observação contínua do crescimento das espécies, fortalecendo a relação entre aprendizagem e natureza.

As crianças colheram diversas plantas, como couve, cenoura e batata, entre outras. Os alimentos foram incorporados à merenda escolar, e folhas de couve e pimentas foram partilhadas com as famílias, assim como algumas mudas de tomate-cereja foram levadas para continuar o cultivo em família.

Em 2024, o projeto passou por um período de dormência, no qual não houve intervenções práticas intensas. Esse momento foi de preservação da ideia, mantendo vivo o vínculo simbólico com o quintal e permitindo sua posterior retomada.

Já em 2025, o projeto foi revitalizado a partir de um mutirão de limpeza pesada, envolvendo educadores(as) da unidade, funcionários(as) e parceiros(as) da comunidade. Esse processo coletivo possibilitou a reorganização do espaço e a retomada das atividades.

Foram estruturados novos canteiros e realizada a coleta de materiais como caixotes da merenda escolar, garrafas PET, terra, vasos e conchas do mar, que passaram a ser ressignificados como parte da horta.

Durante esse processo, intensificaram-se também as vivências sensoriais das crianças, com exploração de texturas da terra, cheiros, movimentos e sons do entorno, além do início da semeadura em diferentes formatos, como sementeiras, copinhos e saquinhos próximos às janelas da sala de aula. As mudas foram posteriormente transplantadas para os canteiros definitivos, fortalecendo o cuidado contínuo com o cultivo.

Nesse mesmo período, as crianças passaram a acompanhar os ciclos das plantas e a assumir o papel de cuidadores(as) da horta, regando, observando e participando das transformações. Foram também desenvolvidas práticas de irrigação por capilaridade e gotejamento com materiais reaproveitados, ampliando a compreensão sobre o uso consciente da água.

Em 2026, o projeto avançou para ciclos de colheita, celebração e alimentação escolar. As crianças participaram de oficinas de culinária, com a produção de suco de couve, cenoura e laranja, e houve a incorporação dos alimentos colhidos à merenda escolar.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Após viabilizar um espaço para a horta, atendendo ao desejo trazido pelas famílias de ampliar o contato das crianças com a natureza, a escola se deparou com um novo desafio: o excesso de exposição solar.

A equipe encontrou uma solução ecológica com sistemas de irrigação por capilaridade e gotejamento utilizando garrafas PET e cordões, permitindo às crianças observarem como instrumentos feitos de materiais do dia a dia podem ser usados para irrigar as plantas.

Nesse processo, surgiram descobertas importantes, como a compreensão do ciclo das plantas, desde a semente até a colheita, e a percepção sensorial do clima, da terra seca e molhada, de seus cheiros e texturas. As crianças também descobriram o uso de materiais do cotidiano como recursos educativos, transformando caixotes da merenda, garrafas PET e conchas do mar em vasos, canteiros e proteção da horta.

As transformações também foram significativas no vínculo das crianças com o alimento e o território. O plantio de hortaliças fortaleceu o cuidado coletivo, em ações como regar, esperar a vez e compartilhar instrumentos. À alimentação escolar, foram incorporadas as plantas cultivadas. A produção passou a fazer parte da dieta das crianças, que passaram a tomar suco de couve, cenoura e laranja e comer farofa com folhas colhidas na própria horta, por exemplo.

Após vivenciarem o contexto do cultivo e da colheita, as crianças demonstraram uma aceitação surpreendente, celebrando o sabor com alegria e até pedindo mais. Esse gesto simples confirmou que, ao fazerem parte do processo, o que antes poderia ser recusado foi aceito com prazer, reforçando o vínculo entre cultivar e comer.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

O legado está na consolidação de um território educativo vivo, que ultrapassa os limites físicos da escola e integra natureza, cultura e comunidade.

A iniciativa demonstrou que, diante de um espaço escolar pequeno e sem áreas de recreação, é possível transformar o entorno em extensão da aprendizagem, utilizando



praças, praias e espaços próximos, como o quintal da Colônia de Pescadores.

O projeto também serve de exemplo para outras unidades escolares ao mostrar que é possível construir propostas pedagógicas de Educação Baseada na Natureza a partir de recursos locais, parcerias comunitárias e soluções criativas, fortalecendo o vínculo entre escola e a comunidade.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Sonia Silveria de Seixas (proponente), professoras Cristilene de Lima, Gessica Nascimento da Silva, Josilene de Jesus Ferreira Puridade e Osana das Virgens Conceição de Paula, gestora Izabel Cristina Braga Borges, vice-gestora Grasiela Leite Silva e auxiliares de desenvolvimento infantil Biatriz D. Damasceno da França, Jamile das N. Andrade, Leila Lavínia L. Andrade, Mariana Leite, M. Maciel, Paula Virginia N. da Silva, Taiana Queila de C. Durate.



MINI COP 30

**Escola Municipal Dom Eugenio
de Araujo Sales - Salvador (BA)
Educação Infantil (Creche e Pré-escola)**



AS PRIMEIRAS SEMENTES DA MINI COP 30

O projeto MINI COP 30 surgiu da necessidade de aproximar as crianças dos debates sobre mudanças climáticas que circulavam na sociedade em torno da 30ª Conferência das Partes da ONU sobre Mudança do Clima, a COP 30, que aconteceu em novembro de 2025 no Brasil, mostrando que esse também era um assunto para elas.

Ao longo de rodas de conversa, as crianças eram provocadas com perguntas sobre clima, natureza, água, lixo, árvores e ambiente. A partir dessas escutas, a equipe percebeu que muitas delas demonstravam curiosidade sobre os temas ambientais, mas também reproduziam comportamentos que exigiam maior conscientização, como deixar torneiras abertas, arrancar flores e plantas e matar insetos, como formigas e joaninhas.

Nessas conversas, ao serem questionadas sobre as plantas e os pequenos animais, algumas crianças afirmavam que “a planta ficava triste” e que “o bichinho morria”. Essas falas foram utilizadas como ponto de partida para ampliar as reflexões sobre cuidado, preservação e respeito à natureza, e a escola percebeu mudanças concretas no comportamento delas: os insetos passaram a despertar curiosidade, as flores passaram a ser recolhidas apenas quando estavam caídas no chão e as torneiras deixaram de ser utilizadas como objeto de brincadeira.

As atitudes de desperdício de água eram ainda mais preocupantes, uma vez que a escola enfrentava períodos de falta de água ao longo do ano, precisando reorganizar sua rotina para garantir alimentação, higiene e permanência das crianças. Algumas famílias também conviviam com a falta de abastecimento em determinadas ruas do bairro, o que fazia com que alunos(as), inclusive, faltassem às aulas em alguns períodos.

CAMINHOS CONSTRUÍDOS

As ações da MINI COP 30 foram desenvolvidas ao longo de aproximadamente três meses, envolvendo atividades dentro e fora das salas. Na primeira etapa, as crianças participaram de uma sensibilização no pátio, levando elementos da natureza coletados no caminho de casa até a escola.

Folhas, flores caídas, galhos, sementes e outros materiais naturais foram organizados por similaridade e, posteriormente, usados para compor exposições das salas.

Na segunda etapa, cada turma aprofundou um tema específico. Os grupos 4A e 4C trabalharam árvores, flores e animais; os grupos 4B e 4D desenvolveram atividades relacionadas à água, preservação ambiental e poluição de mares e rios; os grupos 5A e 5C estudaram energias renováveis, como geotérmica e eólica; e os grupos 5B e 5D trabalharam placas solares, queimadas e desmatamento.

As atividades envolveram rodas de conversa, exploração do espaço verde da escola, observação de plantas e insetos, experiências sensoriais com argila, folhas, galhos, pedrinhas, sementes, cheiros e sabores, além do plantio do feijão, em que as crianças acompanharam diariamente o crescimento da planta e registraram as mudanças por meio de desenhos.

Também foram realizadas atividades lúdicas, como uma caça ao tesouro no pátio em busca de elementos naturais, teatro de sombras com figuras de animais e plantas e momentos de exploração tátil para conversar sobre sensações e sentimentos relacionados à natureza.

Outro aspecto importante foi a construção de brinquedos, instrumentos musicais e maquetes utilizando materiais recicláveis, como papelão, palitos de picolé, raspas de madeira, pó de serra e casca de coco seco, entre outros. Foram produzidos ainda piões com tampinhas de garrafa PET e CDs usados, jacarés com caixas de leite e polvos com garrafa PET. As maquetes representaram energia solar, energia eólica, energia geotérmica, queimadas, desmatamento e preservação dos mares.

A participação das famílias também foi fundamental. Elas contribuíram com a arrecadação de materiais reutilizáveis e participaram da exposição MINI COP 30 e do Desfile da Primavera, em que cada turma representou uma ala temática relacionada à preservação ambiental e que percorreu as ruas próximas à escola, levando para o território os temas trabalhados. Durante o percurso, a comunidade ajudou na organização do trajeto, fez barreiras de proteção para a passagem das crianças e distribuiu água aos(as) participantes.

DESAFIOS, DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES

Um dos principais desafios encontrados durante o desenvolvimento da MINI COP 30 foi trabalhar a conscientização ambiental de forma significativa para crianças pequenas, relacionando temas como mudanças climáticas, preservação da natureza e uso consciente da água às experiências vividas por elas no cotidiano.

Para isso, a equipe escolar transformou situações do dia a dia em oportunidades de aprendizagem, respeitando o tempo, os interesses e as singularidades das crianças. Assim, elas participaram das construções, das explorações do espaço verde, da produção das maquetes e da preparação do Desfile da Primavera, sempre de acordo com suas possibilidades.

O QUE FICOU DESSA EXPERIÊNCIA

A MINI COP 30 deixou como principal resultado a mudança de comportamento das crianças em relação ao território. Ao investigar sobre as plantas e os animais do jardim, elas passaram a respeitar a natureza, assim o uso consciente da água virou uma prioridade.

As experiências realizadas fortaleceram o protagonismo infantil, permitindo que elas compartilhassem suas ideias, percepções e apresentassem para outras turmas e para as famílias os conhecimentos construídos durante o projeto.

As maquetes, os brinquedos produzidos e os registros das atividades permaneceram como materiais pedagógicos da escola, contribuindo para novas ações relacionadas à educação ambiental e climática.

O projeto também fortaleceu os vínculos entre escola, comunidade e território, valorizando o bairro de Periperi, suas histórias, seus(as) trabalhadores(as), como as famílias coletoras de recicláveis, e saberes, como a origem indígena Tupinambá do território.



As ações da MINI COP 30 tiveram continuidade nas propostas pedagógicas previstas para 2026, especialmente na ação “Eu, meu Lugar e meu Mundo”, voltada para identidade, pertencimento territorial, contato com a natureza e desemparedamento.

A ação demonstrou ainda que a educação climática na Educação Infantil pode ser construída a partir das experiências concretas e da realidade vivida pela comunidade escolar, promovendo aprendizagens significativas sobre cuidado, preservação ambiental e convivência com a natureza.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS(AS)

Cristiane Araujo dos Santos (proponente), docentes, auxiliares, gestão, funcionários(as) da portaria, limpeza e cozinha.



#ENTRE NO CLIMA UNICEF

Iniciativa:



Parceria institucional e de implementação:



Parceria estratégica:

